

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO - PUC-SP**

Maria Elisa de Almeida Mariz

Além dos 60: moradores de Coimbra e São Paulo

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2009

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO - PUC-SP**

Maria Elisa de Almeida Mariz

Além dos 60: moradores de Coimbra e São Paulo

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, área de concentração: Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Lucia Maria Machado Bógus.

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

À Maíra e Livia
Fontes do meu Amor

AGRADECIMENTOS

À Profa. Lucia Bógus, pela orientação segura e competente, pelo entusiasmo contagiante, pela disponibilidade e presença amiga.

À Profa. Norma Telles, pelo incentivo e condução nos primeiros passos deste trabalho.

Ao Prof. Pedro Hespanha, pelo apoio e orientação na pesquisa em Coimbra, em clima de sincera amizade.

Às Professoras Elizabeth Mercadante e Maria Helena Villas Boas, que muito contribuíram e me incentivaram no Exame de Qualificação.

Aos professores da PUC que nos conduziram durante esse processo.

À CAPES, pela concessão de bolsa para a realização da pesquisa em Coimbra possibilitando discussões com pesquisadores de outras culturas e, sobretudo, pela oportunidade que tive em realizar as entrevistas com os portugueses, maiores de 60 anos.

À Maria José e Acácio pela amizade, simpatia e apoio, sempre presentes na Biblioteca do CES-Coimbra.

À Paula Entresede, pelo apoio incansável e a disponibilização de dados estatísticos do INE.

À Sónia Vinagre e à equipe da Oficina do Idoso-ANAI, que acolheu e me permitiu conhecer de perto as atividades artísticas e educativas dos idosos.

Ao Manuel Luís Brito pela sua atenção, simpatia e inesquecíveis lições sobre a cultura e a história de Portugal, durante a minha estada em Coimbra.

À Vanda Pacheco e Alexandra Sebadelhe, pelo apoio na identificação de pessoas para as entrevistas em Coimbra.

Ao Antonio Carlos Moreira (69 anos), amigo de todas as horas, que acompanhou passo a passo este projeto, sempre disponível para ouvir, discutir e oferecer as suas ricas contribuições, dedico a você este trabalho.

À Maria Helena Pereira, fada madrinha, sempre atenta a enviar ricas contribuições sobre o envelhecimento.

A Douglas Rabelo de Campos pela confecção dos mapas.

Ao Banco HSBC, na pessoa de Renata Binotto, que possibilitou o meu acesso ao material de pesquisa sobre envelhecimento.

Denise, Eli, Isabel, Betânia, Márcia, Cesar, Jorge, Mariano, Nilo, Orlando, Maria, Fátima, Tereza, Amável, Aníbal, Antonio, Carlos, José, Mario e Nunes, pela inestimável contribuição em conceder as entrevistas. A minha admiração e reverência.

À minha família, meus pilares e meu porto seguro; este sonho realizado devo a vocês.

À Dalvanira de Almeida Mariz (79 anos), empreendedora na arte de viver, de amar e de envelhecer. Mãe, você é exemplo e inspiração.

RESUMO

O presente estudo define-se pelos parâmetros da pesquisa social qualitativa e busca apreender as motivações e perspectivas de vida das pessoas com 60 anos ou mais de idade, por meio da aplicação de entrevistas a 20 sujeitos moradores nas cidades de Coimbra e São Paulo, aposentados que continuam trabalhando. O objetivo é conhecer os elementos que compõem o bem-estar dos entrevistados no que se refere ao trabalho, ao lazer, à cultura, entretenimento, viagens, hobbies, atividades físicas e as suas preferências e afinidades com as respectivas cidades em que vivem.

O crescimento da população de mais de 60 anos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e vem aumentando num ritmo sem precedentes. O Brasil que há pouco era considerado um país jovem, já é o sexto país do mundo em taxa de envelhecimento e apresenta no seu quadro populacional um contingente de 10% de pessoas com mais de 60 anos de idade. Esse mesmo parâmetro é observado na cidade de São Paulo, o que corresponde a um milhão de pessoas.

O foco deste estudo é lançar um novo olhar sobre esse segmento da sociedade - os maiores de 60 anos - cujo significado é de extrema relevância não somente pelo seu crescimento populacional, mas, sobretudo pelo potencial que eles podem representar em termos de conhecimento, cultura sabedoria e experiência. As análises das entrevistas revelam a existência de novos paradigmas de vida em que os sujeitos com mais de 60 anos fazem da velhice momentos de oportunidades, de possibilidades e de transformação nas diferentes instâncias de suas vidas, notadamente na atividade profissional, com inúmeros exemplos de pessoas que iniciaram novos trabalhos após a aposentadoria, alguns remunerados outros voluntários. Os entrevistados, muitos gozando de boa saúde, outros convivendo com doenças próprias da idade revelaram muita disposição para desfrutar, intensamente, a longevidade conquistada buscando de forma incansável meios para dar vazão ao capital psicológico e à larga experiência com motivações das mais diferentes como: fugir do tédio, manter-se atualizado, encontrar sentido para a vida, desenvolver contatos com pessoas mais jovens e encontrar o próprio bem-estar.

Palavras-chave: maiores de 60 anos, envelhecimento, trabalho e bem-estar.

ABSTRACT

This paper comprises a qualitative social research and intends to apprehend the motivations and life perspective of people who are sixty years old or more by interviewing 20 retired person that are still working and who live either in São Paulo or in Coimbra. It aims to understand the elements of interviewee's health life regarding job, leisure, culture, entertainment, travels, hobbies, physical activities as well as their preferences and affinity with their relevant cities.

The growth of people who are sixty years old or more, in absolute and relatively parameters, is a global phenomenon which has been boosting very fast. Brazil, which was recently considered a young country, is already classified as the 6th country of the world in terms of ageing rate and has 10% of its population with sixty years of age or more. Applied to São Paulo City, such ageing rate corresponds to one million people.

The focus of this paper is to analyze under a different point of view such population share – the ones who are sixty years old or more – which importance results not only from their growth but mainly from the potential they represent in terms of knowledge, culture, wisdom and experience. The interviews have revealed a new way of life, on which people who are sixty years old or more enjoy their old age considering it as a moment full of opportunities, possibilities and transformation on every aspect of their lives, mainly on their professional activities, bearing in mind that many of them restarted working after retiring. The great majority of the interviewees are healthy, some of them suffer from age illness. Although, all of them showed willingness to enjoy, intensely, their life and to look for alternatives to do it, by running away of boredom, updating themselves, finding an purpose to life, networking young people and finding their own wellbeing.

Keywords: sixty years old or more, ageing, job, wellbeing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I	15
1.1 O declínio	37
1.2 O Elo	39
1.3 Os sinais	40
1.4 Os desafios	43
CAPÍTULO II	46
2. POPULAÇÃO DE IDOSOS	46
2.1 Quantos são os idosos no mundo?	46
2.2 Quantos são os idosos no Brasil	48
2.2.1 Período 1991 a 2000 - Educação	51
2.2.2 - 1991 a 2000 - Rendimentos	51
2.3 Quantos são os idosos em São Paulo?	52
2.4 Quantos são os idosos em Portugal?	55
2.4.1 População de mais de 60 anos em Portugal e Coimbra	56
CAPÍTULO III	61
3. PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS E O TRABALHO	61
3.1 Longevidade e Aposentadoria	62
3.2. Aposentadoria e velhice.	65
3.3 O homem - um ser gregário	66
3.4 A participação do Idoso no Mercado de Trabalho	72
CAPÍTULO IV	75
4. EMPREENDEDORISMO E MERCADO DE TRABALHO	75
4.1 É possível ensinar empreendedorismo?	76
4.2 Profissionais mais competentes	82
4.3 Haverá empreendedorismo sênior?	83
4.4 Empreendedorismo - um novo conceito?	86
4.5 Empreender para uma Velhice bem sucedida	89
CAPÍTULO V	94
5. O CONSTRUTO METODOLÓGICO	94
5.1 Definição e organização deste estudo	96
5.2. A escolha dos sujeitos	98
CAPÍTULO VI	106
6. ENVELHECER NAS CIDADES DE COIMBRA e SÃO PAULO: + 60 EM CENA	106
6.1. Sujeitos Residentes em Coimbra (3 mulheres e 7 homens)	106
6.2 Sujeitos Residentes em São Paulo (5 mulheres e 5 homens)	108
6.3 Um sonho ou um projeto de vida	110
6.4 Trabalho	112
6.5 Maiores de 60 anos no Mercado de Trabalho - São Paulo	129
6.6 Saúde	130
6.7 Atividades Físicas e Hobbies	132
6.8 Relacionamentos Sociais	133
6.9 Cidadania e Religião	139
6.10 A vida após os 60 anos	140
6.11 Os sujeitos e as suas experiências empreendedoras	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162
ANEXOS	169
ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA	170
ANEXO B – ESTATUTO DO IDOSO	175

LISTA DE GRÁFICOS

2.1	Os 15 Países mais velhos do mundo	55
3.1	Ocupar o tempo com algo que tenha sentido e valor	67
3.2	Ter contato com outras pessoas	68
3.3	Manter-se ativo fisicamente	69
3.4	Estimulo Mental	70
3.5	Dinheiro	71

LISTA DE TABELAS

2.1	Aumento projetado da população de 60 anos ou mais nos países mais populosos. 1950-2025	40
2.2	Expectativa de vida ao nascer no Brasil	50
2.3	Distribuição da população idosa da cidade de São Paulo	52
2.4	População idosa da cidade de São Paulo – menor percentual	53
2.5	População idosa da cidade de São Paulo – maior percentual	53
2.6	Esperança de vida dos portugueses	57
2.7	Distribuição da população idosa de Portugal	58
2.8	Distribuição da população idosa de Coimbra	59
2.9	Distribuição dos maiores de 60 anos na região Centro de Portugal	60
3.1	Participação dos aposentados na PEA idosa	73
5.1	Dados demográficos dos sujeitos entrevistados em Coimbra	99
5.2	Dados demográficos dos sujeitos entrevistados em São Paulo	101
5.3	Distribuição espacial dos sujeitos em São Paulo	103
5.4	Distribuição dos sujeitos de São Paulo em categorias/grupos	104
6.1	Indicadores sintéticos: pessoas com mais de 65 anos em três categorias	115

LISTA DE FIGURAS

	Mapa de Portugal e da cidade de Coimbra	15
	Mapa do Brasil e da cidade de São Paulo	16
	Foto Pq. Dr. Manuel Braga em Coimbra	19
	Foto da Av. Paulista - São Paulo na década de Trinta	23
	Foto da Av. 23 de Maio - São Paulo - na década de Trinta	24
	Foto da Av. Paulista - São Paulo- hoje	25
	Foto da Av. 23 de Maio - São Paulo - hoje	26
4.1	Zonas segundo os capitais: culturais e econômicos	90
5.1	Cidade de São Paulo (<i>Clusters</i>)	102
6.1	Dimensões do Trabalho	115

INTRODUÇÃO

Parabéns a você
Nesta data querida
Muita felicidade
Muitos anos de vida
(Bertha Celeste Homem de Mello)

Adquirir conhecimentos e experiências, desenvolver habilidades, conquistar pessoas e acumular bens e tantas outras coisas no decorrer da vida, é a luta diária da grande maioria das pessoas. Ser feliz e ter muitos anos de vida, como na música – Parabéns a você¹ -, sem dúvida, a mais cantada no Brasil e quiçá no mundo nas comemorações festivas em celebração à vida, nas diferentes fases da existência, é o desejo de todo indivíduo. Todo ser humano deseja a longevidade, entretanto, para muitos, envelhecer consiste numa séria ameaça ao seu *status quo* devido às grandes alterações que o envelhecimento provoca no corpo, no comportamento e na vida como um todo. Numa sociedade como a atual que supervaloriza o novo é até compreensível as reações que o tema velhice provoca. Nesse cenário não é fácil para qualquer ser humano, em especial o jovem, imaginar que o seu corpo tenro, cheio de frescor e sensualidade possa vir um dia a se tornar um corpo velho, cansado e enrugado.

O século XXI trouxe inúmeras conquistas e entre elas a longevidade que estabelece sensíveis e significativas alterações na estrutura etária da população. Os idosos, isto é, as pessoas com 60 anos e mais de idade, passam a ter um peso relativo aumentado no total da população. Caracterizar esse segmento por sexo, etnia, nível de escolaridade, poder aquisitivo, mobilidade espacial, participação no mercado de trabalho é fundamental para que se possa mapear as suas necessidades e orientar políticas sociais nos diferentes campos da vida em sociedade, afirma Berquó apud Néri

¹ Parabéns a você/Nesta data querida/Muita felicidade/Muitos anos de vida - é uma composição brasileira de autoria de Bertha Celeste Homem de Mello, paulista de Pindamonhangaba, vencedora do concurso da Rádio Tupi-RJ em 1942 para eleger uma letra brasileira em alternativa à melodia americana Happy Birthday to you (do original Good Morning to all - das irmãs Mildred e Patrícia Hill) até então cantada, em Inglês, na comemoração de aniversários. Disponível em <http://www.pindavale.com.br/filhosilustre/berta.asp>. Acesso em 04.08.2007 às 10 horas.

& Debert (1999). Para esta autora, o crescimento da população idosa no Brasil, vem superando o crescimento da população total há mais de cinco décadas o que torna esse tema cada vez mais relevante.

Daí emerge a necessidade de se ampliar os estudos para compreender a velhice e, para tanto é desejável abandonar os modelos tradicionais aos quais se utilizam os paradigmas da juventude e, caminhar em direção a um estudo em que se considere o idoso em sua singularidade e particularidades. A crescente proporção de idosos na pirâmide etária modifica o equilíbrio em favor desses valores que lhes são mais significativos e suscita a esperança de que as barreiras etárias possam ser atenuadas. Envelhecer implica em ampliar a vida, compreendê-la em sua especificidade, como ela de fato é e não como ela foi, lembra Hillman (2001). Compreender o idoso na sua singularidade e processualidade torna-se emergente face ao seu crescimento populacional e mais, face à significação social desse segmento no panorama global. Em muitos países do hemisfério norte a questão do envelhecimento já vem sendo estudada há mais tempo, entretanto no Brasil, considerado um país de jovens, os estudos são recentes.

Neste trabalho procedemos à análise da situação do idoso por meio de um estudo comparativo no Brasil e em Portugal com moradores das cidades de São Paulo e Coimbra. No Brasil, com a promulgação do Estatuto do Idoso em 2003, Lei 10741/03, art. 1º. consolidaram-se várias conquistas em termos de direitos desta população no que se refere às políticas públicas sociais, como saúde, cultura, transporte, lazer e na assistência recebida do serviço público, como vacinações, atendimento médico e acesso a remédios gratuitos. Todavia, parece-nos que, essas conquistas ainda estão aquém do que preconiza o estatuto quanto ao seu cumprimento, seja por parte do poder público, da sociedade, das famílias e da falta de conhecimento e internalização do estatuto pelo próprio idoso. Nessa perspectiva vale propor alguns questionamentos no que se refere ao efetivo cumprimento do estatuto:

- Estariam as instituições públicas e privadas capacitadas quanto aos seus recursos humanos, físicos, tecnológicos e financeiros?
- A sociedade estaria ciente dos direitos do idoso e da sua co-responsabilidade com ele?

- As famílias estariam conscientizadas das suas responsabilidades com os seus familiares idosos?

Entende-se que a eficácia do estatuto está vinculada não apenas ao conhecimento dos seus artigos, mas, acima de tudo, a um profundo trabalho de conscientização e sensibilização das pessoas no sentido de fazê-las compreender que o ‘envelhecimento’ é um processo natural e contínuo que inicia no momento do nascimento de cada indivíduo e não apenas quando se atinge os 60 anos de idade. É igualmente relevante conhecer as atividades praticadas pelo idoso, as suas preferências culturais, os seus hobbies, os seus relacionamentos familiares e afetivos. A crescente população de idosos na atual sociedade, a convicção da sua importância na construção de um mundo mais humano e as evidências dos desafios a serem enfrentados por eles na sociedade e em especial na cidade de Coimbra e São Paulo, onde foram selecionados os sujeitos, motivaram a realização desta pesquisa. Para evitar a utilização de eufemismos como: terceira idade, boa idade, melhor idade, convencionou-se tratar + de 60 anos ou maiores de 60 as pessoas com 60 anos e mais de idade, neste estudo, cujo objetivo e metodologia estão detalhados abaixo. Na revisão bibliográfica os termos - velhos e idosos - são utilizados para manter uma maior sintonia com a linguagem dos autores estudados e analisados.

Objetivo Geral

- Conhecer os motivos que levam as pessoas com 60 anos e mais de idade, aposentadas, residentes em São Paulo e Coimbra a continuarem trabalhando em atividades remuneradas ou voluntárias.

Objetivos Específicos

- Conhecer os elementos que compõem o bem-estar do idoso no que se refere a lazer, cultura, entretenimentos, viagens e hobbies;
- Conhecer as diferentes atividades praticadas pelo idoso nas cidades de Coimbra e São Paulo como ginástica, caminhadas, trabalhos manuais e trabalhos artísticos - pintura, escultura, entre outros e o significado da prática dessas atividades para o idoso.
- Identificar as diferentes afinidades dos maiores de 60 anos com as cidades de - Coimbra e São Paulo e também as suas preferências e percepções sobre as duas cidades.

Hipótese

Há uma forte relação entre o bem-estar físico e emocional do idoso e o fato dele exercer uma atividade profissional, com ou sem remuneração.

A formulação desta hipótese nasceu de observações do cotidiano ao constatar o fato de inúmeras pessoas com 60 anos de idade e mais, já aposentadas, continuarem trabalhando. Muitas dessas pessoas passaram a trabalhar em novas áreas, outras na mesma atividade, especialmente os profissionais autônomos por terem uma maior independência na gestão de suas carreiras. Outra tendência observada nessas pessoas é a participação em atividades voluntárias, cumprindo horários e rotinas, condições peculiares ao trabalho remunerado. Esses comportamentos remetem a uma releitura dos conceitos de trabalho e dos motivos que levam as pessoas a quererem continuar trabalhando, mesmo em estágios avançados de idade e já aposentadas.

... o potencial criador, essencialmente humano, revela-se por meio do trabalho, principalmente por meio de impasses e desafios que surgem no decorrer do ato de criar, seja artístico, seja não artístico. O enfrentamento desses desafios supõe trabalho cujo resultado conduz, em geral, às soluções criativas. Desta perspectiva, as práticas de trabalho e de emprego, quando remetidas às dimensões sociais, fazem parte da vida, perseguem objetivos e valores de convivibilidade, solidariedade e responsabilidade (BLASS, 2006, p.16)

Entende-se o trabalho como uma atividade criativa de produção de bens ou serviços, remunerada ou filantrópica, realizada com regularidade com o propósito de atender às necessidades do trabalhador e da sociedade, permitindo que o sujeito, por meio de interação com as pessoas e com o meio ambiente, realize as suas potencialidades e sinta-se reconhecido por elas. Dessa visão, deriva o entendimento sobre a influência do trabalho no bem-estar do idoso admitindo-se a possibilidade das pessoas encontrarem nele motivos para se integrarem à sociedade e ainda se sentirem úteis e realizadas. Neste estudo o sujeito é assim definido:

O sujeito

Uma pessoa com 60 anos ou mais de idade, aposentada, mas que esteja trabalhando de forma remunerada ou voluntária, com tempo de dedicação integral ou parcial e a periodicidade deverá ter caráter regular, ou seja, não serão consideradas atividades eventuais.

A investigação será feita por meio de uma pesquisa qualitativa utilizando como instrumento, entrevistas individuais, apoiadas em um roteiro - Anexo A - que abrange questões sobre dados demográficos e socioeconômicos, trabalho, saúde, lazer, relação com a cidade, relacionamentos sociais, cidadania e religião e especificidades referentes ao estilo de vida do entrevistado após os 60 anos.

O foco deste estudo é lançar um novo olhar sobre esse segmento da sociedade - os idosos - cujo significado é de extrema relevância não somente pelo seu crescimento populacional, mas, sobretudo pelo potencial que o grupo de idosos pode representar em termos de conhecimento, cultura, sabedoria e experiências. A revisão bibliográfica feita em autores que há anos vêm se dedicando ao estudo da condição dos idosos foi relevante para o mergulho inicial sobre esse tema e para conhecer como eles são vistos e tratados pela sociedade, no mercado de trabalho e pelas próprias famílias. Muitos textos trazem retrospectivas históricas do tratamento dispensado aos idosos pelas famílias e sociedade em diferentes épocas e civilizações. As relevantes informações obtidas ao longo dessa revisão bibliográfica, adicionadas às observações empíricas provenientes do relacionamento com pessoas idosas na família e na cidade de São Paulo, inspiraram e motivaram a realização deste trabalho. A proposta é lançar novos questionamentos nessa pungente safra de novos idosos que cresce a cada dia, face aos avanços da medicina, o diagnóstico precoce e prevenção de determinadas doenças, a ampliação das possibilidades de acesso aos serviços de saúde, a generalização dos serviços de saneamento básico, a alteração nos hábitos alimentares e de higiene e a prática de exercícios físicos, que contribuem positivamente para o prolongamento da vida. Os sinais apontam para novas necessidades e exigências no modo de tocar a vida. Muitos idosos aproveitam a longevidade para continuar projetos ou iniciar novos nos diferentes campos: cultural, profissional, intelectual, hobbies, amor e casamento. Atualmente uma grande parcela retorna ao trabalho. Como se sentiram essas pessoas ao interromper as suas atividades laboriosas? Que motivações as impulsionam para voltar a trabalhar

mesmo depois de aposentadas? Esse número tende a crescer? Será que as pessoas não encontram na vida doméstica o ambiente propício para dar vazão a toda experiência e conhecimento adquiridos ao longo da vida adulta? Haveria outro espaço social em que os idosos pudessem trocar idéias e experiências, enfim externar os seus conhecimentos e habilidades e encontrar ressonância para as suas idéias?

Esta pesquisa busca identificar a existência ou não de novos paradigmas de vida em que os idosos fazem da velhice momentos de oportunidades, de possibilidades e de transformação. Se viver mais e mais é um desejo natural da humanidade, e atualmente a sociedade já pode comemorar este fato, no Brasil, por exemplo, a expectativa de vida aumentou em quase quarenta anos no século passado, é de se imaginar que as pessoas procurem fazer novos arranjos no modo de desfrutar bem essa etapa que sucede os 60 anos a despeito das limitações físicas, das mudanças estéticas e das preferências sociais e culturais. Para seguir adiante nessa longa caminhada, com bem-estar, o paradigma de limitações da velhice deverá ser trocado pelo das possibilidades, das perspectivas, da sabedoria e da abundância de mentes férteis e experientes. Essas reflexões suscitam alguns questionamentos:

- Estaria a sociedade preparada para oferecer espaço e interagir de forma criativa, produtiva com essa nova camada da população?
- Estaria o idoso preparado para encarar com autonomia, liberdade e independência essa nova e longa caminhada?
- As pessoas estão cientes de que uma longa existência possibilita desfrutar mais da vida em todas as suas nuances feitas de momentos favoráveis e desfavoráveis?

Existem inúmeras maneiras de viver a velhice. Uns a encaram com otimismo, assumem as suas marcas e rugas; outros a camuflam com a máscara da eterna juventude enquanto outros se resignam com o próprio declínio e aguardam passivamente o fim e nesse sentido convém recorrer a Bobbio quando ele afirma:

O velho satisfeito consigo mesmo da tradição retórica e o velho desesperado são duas situações extremas. A eles me referi com especial destaque para induzir-nos a refletir mais uma vez sobre a variedade dos sentimentos em relação à vida no pluriverso de valores contraditórios em que nos movemos e, portanto, sobre a dificuldade de compreender o mundo e, dentro do mundo, a nós mesmos. (BOBBIO, 1997, p.29)

Nesse esforço do idoso entender o mundo a partir da compreensão de si, desfrutando as conquistas em saúde e bem-estar da atual fase, há de se esperar por alterações no velho paradigma de declínio - na velhice, substituindo-o por um novo que, a despeito de encarar as limitações dela, possa apresentar em seu bojo um enfoque de novas perspectivas e possibilidades. Cada idoso, em detrimento do seu nível de cultura, traz consigo uma história de lutas e experiências que, se forem aproveitadas, se o idoso se sentir aceito, estimado, amado, útil, necessário e até imprescindível como o fora outrora, certamente trarão uma grande contribuição à sociedade.

Assim, o **primeiro capítulo** tem início com a apresentação dos sujeitos e das cidades em que residem. Em seguida abre a discussão sobre o que é a velhice. Qual a imagem que se faz da velhice? Uma concepção bastante frequente é a de associar a velhice a decrepitude, fragilidade, lentidão física e mental. Entretanto as atuais evidências apontam a necessidade de se encarar a velhice a partir de outros referenciais que não aqueles relacionados às perdas, demências e improdutividade, sem negar, evidentemente, as reais possibilidades de limites físicos ou até cognitivos.

Outro tópico abordado neste capítulo é o extraordinário aumento da população idosa brasileira que demanda maiores conhecimentos sobre o tema que possam repercutir tanto nas políticas governamentais, como na qualidade de serviços oferecidos. Uma reflexão que se faz presente é o imperativo de um novo olhar sobre os protagonistas dessa fase da vida – a velhice; no sentido de uma educação ampla para um convívio intergeracional salutar.

O **segundo capítulo** aborda as principais mudanças na pirâmide populacional cuja tendência é a de se inverter nos próximos 50 anos, quando a população dos mais de 60 anos de idade será maior do que os de 0 a 15. Essa transformação demográfica apresentará para toda a sociedade o desafio de aumentar as oportunidades das pessoas, particularmente as dos idosos no sentido de se aproveitar, ao máximo, as suas capacidades de participação em todos os aspectos da vida. Neste capítulo, incluem-se também alguns dados estatísticos populacionais sobre o Mundo, Brasil e a cidade de São Paulo cuja população de idosos, em 2000, era de quase 1 milhão, o que representa cerca de 10% da população total da cidade e a expectativa é a de que esse número dobre até o ano de 2020. Aborda também dados sobre o envelhecimento em Coimbra e Portugal.

As questões referentes ao idoso no mercado de trabalho, bem como a interferência deste na sua identidade são apresentadas no **terceiro capítulo**, quando se discute a influência do trabalho como papel central para o indivíduo, a determinar o seu lugar no sistema social, além de fonte de renda e de engajamento social, balizando as ações dele no que diz respeito aos tipos de atividades culturais, sociais, profissionais e familiares. Essa importância que o trabalho exerce sobre o sujeito desencadeia fortes impactos no momento da aposentadoria. Para o sujeito que viveu a vida em função do trabalho, via de regra não dispõe de mecanismos adaptativos para desfrutar dessa nova fase. Daí emerge uma importante questão: o homem deve ser educado a desenvolver mecanismos para desfrutar dessa nova fase? O convívio familiar supre as necessidades de autoestima e autorealização desses sujeitos? As atividades de lazer ou filantrópicas suprirão esses sujeitos das recompensas sociais como *status*, prestígio, que ele desfrutava no ambiente profissional? Quais as reais motivações para o idoso continuar trabalhando? O mercado de trabalho oferece vagas para pessoas idosas, compatíveis com as suas competências e expectativas de ganho financeiro? Partir para o próprio negócio seria uma alternativa para atender as próprias necessidades de desafios profissionais? O empreendedorismo aliado às experiências dos idosos poderá contribuir para essa dupla tarefa: autorealização e ganho financeiro?

O **capítulo quatro** trata do empreendedorismo e mercado de trabalho, sobretudo no que se refere a gerar oportunidades para o segmento dos maiores de 60 anos. Dado que a literatura apresenta uma infinidade de características e pontos fortes do indivíduo empreendedor e admitindo-se que dificilmente alguém reunirá todas essas condições, propõe-se em discussão o ‘aprender’ e o ‘ensinar’ o empreendedorismo como um modo de apoiar os que pretendem investir em micro e pequenas empresas. O expressivo crescimento da população dos maiores de 60 anos de idade e os seus novos modelos de comportamento indicam que o empreender em um negócio próprio tem sido um dos caminhos utilizados pelos maiores de 60 após a sua aposentadoria, motivados pela autonomia que o negócio próprio proporciona, mas acima de tudo pela necessidade de desenvolver uma atividade que traga realização pessoal.

O **capítulo cinco** trata da elaboração metodológica que estará conduzindo a investigação. Tal abordagem qualitativa, proporciona a construção de um corpo para ser estudado, apreendido, compreendido e analisado para trazer à tona as vozes e narrativas dos sujeitos pesquisados. Trata-se de pesquisa qualitativa em que foram

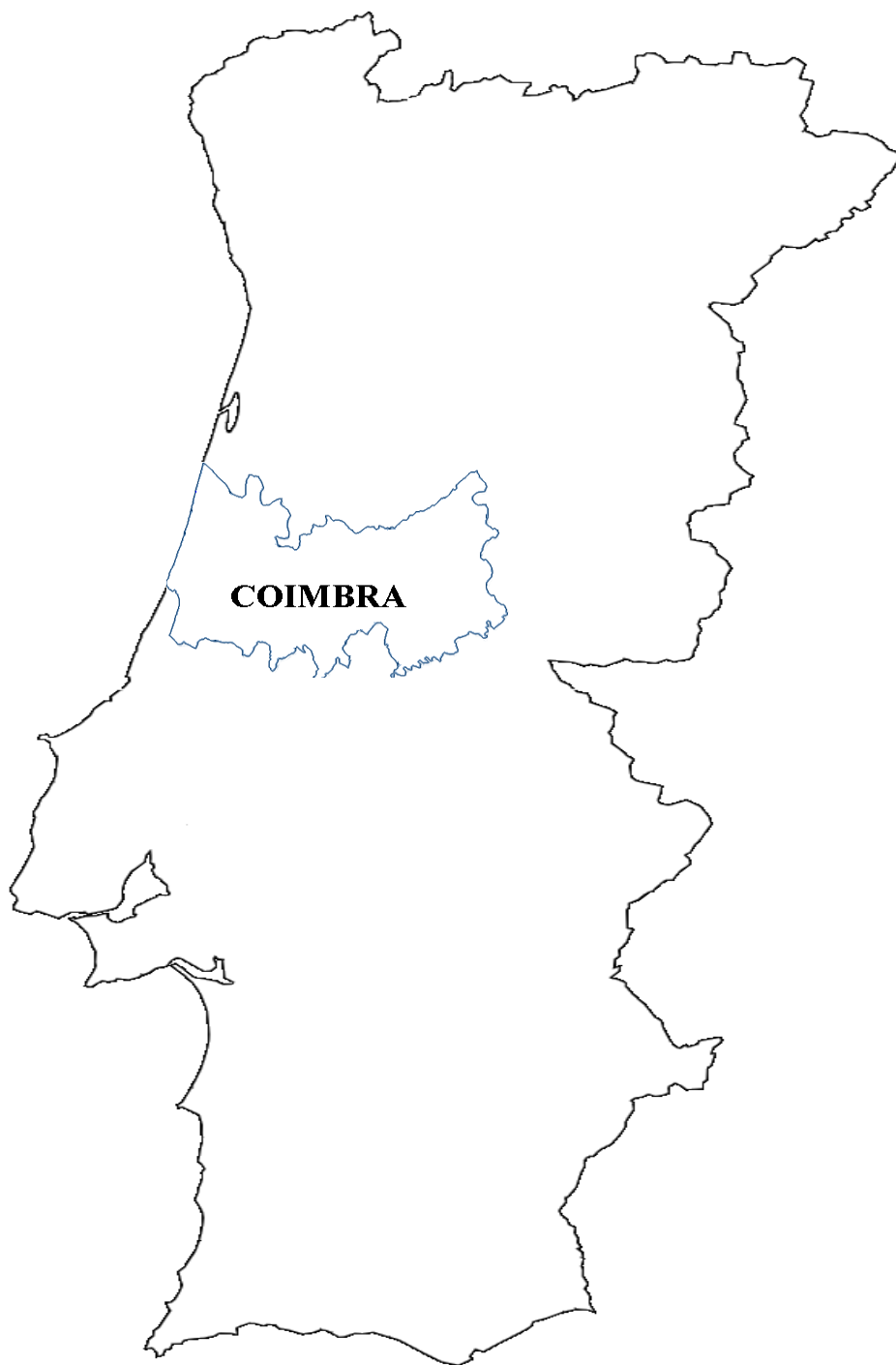
entrevistas 20 sujeitos, 10 moradores na cidade de São Paulo e 10 moradores na cidade de Coimbra/Portugal, obedecendo ao seguinte critério: maiores de 60 anos, aposentados e em atividade laboral, remunerada ou voluntária. Para os moradores de São Paulo foi adicionado outro critério, como seja: os sujeitos teriam que proceder de diferentes regiões da cidade, de modo que houvesse uma inserção dos seus domicílios com áreas espaciais da cidade, denominadas *Clusters*, segundo estudo de Bógus & Pasternak (2008) que analisa as mudanças na ocupação espacial da cidade decorrentes das alterações sociais e econômicas com reflexos no mercado de trabalho. O estudo apóia-se em dados censitários do IBGE, além de outras metodologias.

O capítulo seis dá voz aos sujeitos e se inicia com uma breve apresentação dos dados sóciodemográficos de cada sujeito em que se optou por utilizar nomes fantasias. Em seguida apresentam-se as suas respostas e interpretações referentes às questões do roteiro utilizado para as entrevistas e, para maior clareza, essas questões foram agrupadas em seis categorias: trabalho, saúde, atividades físicas e *hobbies*, relacionamentos sociais, cidadania e religião e a experiência de viver além dos 60 anos. Por fim as considerações finais com os resultados.

CAPÍTULO I

OS SUJEITOS E A *CIDADE* - COIMBRA

Maria, Fátima, Tereza, Amável, Aníbal, Antonio, Carlos, José, Mario e Nunes.



Mapa de Portugal e Coimbra

OS SUJEITOS E A *CIDADE* - SÃO PAULO

Denise, Eli, Isabel, Betânia, Márcia, César, Jorge, Mariano, Nilo e Orlando.



Mapa do Brasil e da Cidade de São Paulo

AS CIDADES E O CÉU - CALVINO

Em Eudóxia, que se estende para cima e para baixo, com vielas tortuosas, escadas, becos, casebres, conserva-se um tapete no qual se pode contemplar a verdadeira forma da cidade. À primeira vista, nada é tão pouco parecido com Eudóxia quanto o desenho do tapete, ordenado em figuras simétricas que repetem os próprios motivos com linhas retas e circulares, entrelaçados por agulhadas de cores resplandecentes, cujo alternar de tramas pode ser acompanhado ao longo de toda a urdidura. Mas, ao se deter para observá-lo com atenção, percebe-se que cada ponto do tapete corresponde a um ponto da cidade e que todas as coisas contidas na cidade estão compreendidas no desenho, dispostas segundo as suas verdadeiras relações as quais se evadem aos olhos distraídos pelo vaivém, pelos enxames, pela multidão. A confusão de Eudóxia, os zurros dos mulos, as manchas de negro-de-fumo, os odores de peixe, é tudo o que aparece na perspectiva parcial que se colhe; mas o tapete prova que existe um ponto no qual a cidade mostra as suas verdadeiras proporções, o esquema geométrico implícito nos mínimos detalhes.

É fácil perder-se em Eudoxia: mas, quando se olha atentamente para o tapete, reconhece-se o caminho perdido num fio carmesim ou anil ou vermelho amaranço que após um longo giro faz com que se entre num recinto de cor púrpura que é o verdadeiro ponto de chegada. Cada habitante de Eudóxia compara a ordem imóvel do tapete a uma imagem sua da cidade, uma angustia sua, e todos podem encontrar, escondidas entre os arabescos, uma resposta, a história de suas vidas, as vicissitudes do destino.

Sobre a relação misteriosa de dois objetos tão diferentes entre si como o tapete e a cidade, foi interrogado um oráculo. Um dos dois objetos - foi a resposta - tem a forma que os deuses deram ao céu estrelado e às orbitas nas quais os mundos giram; o outro é um reflexo aproximado do primeiro, como todas as obras humanas.

Há muito tempo os profetas tinham certeza de que o harmônico desenho do tapete era de feitura divina; interpretou-se o oráculo nesse sentido, sem dar espaço para controvérsias. Mas da mesma maneira pode-se chegar à conclusão oposta: que o verdadeiro mapa do universo seja a cidade de Eudóxia assim como é, uma mancha que se estende sem forma, com ruas em ziguezague, casas que na grande poeira desabam umas sobre as outras, incêndios, gritos na escuridão. (CALVINO, 2006. p. 91-2)

CANÇÃO À COIMBRA

Coimbra do Choupal

Coimbra do Choupal
ainda és capital
Do amor em Portugal, ainda...

Coimbra onde uma vez
Com lágrimas se fez
A história dessa Inês, tão linda

Coimbra das canções
Tão meigas que nos pões
Os nossos corações à luz
Coimbra dos doutores
Pra nós os seus cantores
A fonte dos amores és tu

Coimbra é uma lição de sonho e tradição
O lente é uma canção e a lua a faculdade
O livro é uma mulher só passa quem souber
E aprende-se a dizer saudade

A canção Coimbra é de autoria musical de Raul Ferrão e literária de José Galhardo.
Fonte: álbum em CD - Câmara Municipal de Coimbra, 2002 .

COIMBRA - O JARDIM E OS PLATANUS



Parque Dr. Manuel Braga às margens do Rio Mondego - Centro de Coimbra
Foto: Manuel Luís Brito. 2008

COIMBRA

Em Coimbra que se estende para cima e para baixo, dividida pelo rio Mondego, o “Rio dos Poetas”, o turista encontra o deleite no passeio de barco - O Basófias. Na margem direita os que por ali passam podem prestigiar os cafés, bares e restaurantes e, de forma gratuita, podem contemplar as suas águas límpidas passeando pelo Parque Dr. Manuel Braga e depois sentar num banquinho, em segurança, e ler um livro de poesia do Manuel Alegre, poeta Coimbrão, vivo, diante da sua estátua ou simplesmente contemplar os bem cuidados canteiros de rosas e flores, sob a sombra dos frondosos Platanus. É fácil chegar a Coimbra, a Estação Nova do Comboio (trem), fica logo ali, no antigo centro que os seus habitantes chamam de baixa. Dali de transporte ou a pé o seu habitante ou visitante se desloca com facilidade, as suas inúmeras ladeiras e o calçamento de pedra das suas ruas já foram assimilados pelos seus moradores.

Os sujeitos entrevistados são todos coimbrãos. Alguns já moraram fora, por força do serviço militar, ou para trabalhar, mas com a idéia de sempre voltar e hoje, não planejam e não pretendem deixar a cidade.

Gosto desta cidade, aqui (refere-se ao ponto comercial) somos todos amigos, a gente se ajuda, um consola o outro. (Fátima)

Em Coimbra tenho tudo que preciso, em termos de arte e de cultura. Gosto de viver aqui e o meu trabalho voluntário é o meu contributo à cidade. Não aceito trabalho remunerado porque me sentiria a tomar o lugar de outra pessoa mais jovem. (Tereza)

Há 50 anos isso aqui era zona rural (São Martinho do Bispo) e em 1990 foi incorporado à cidade, declara Amável.

Aqui vivemos em comunidade, os vizinhos se conhecem, se ajudam. Sabe... menina o que dá mais prazer hoje? Ao longo da vida criamos um altar feito de paz, amor e fraternidade. E parece se potencializar nesta fase da vida

Muitas pessoas o procuram interessados em vagas na Casa dos Pobres, para idosos seus parentes ou conhecidos, declara Aníbal que diz sofrer muita pressão e se aborrece muito, por não poder atender aos pedidos de toda essa gente. E conclui dizendo que em Coimbra há muitos idosos.

Gosto daqui. Desde menino frequento o Penedo da Saudade. Vou sempre lá. Gosto tanto daqui que não noto as subidas e descidas. Não noto não me canso. (Antonio)

No meu tempo livre freqüento a baixa, tomo um café ou um ‘copo’ e converso com os amigos. Também gosto de ver novelas brasileiras, mas atualmente vejo as daqui mesmo. (Carlos)

Quando a minha mulher era viva gostava de passear com ela e olhar as montras (vitrines) na baixa. Nunca ralhei com a minha mulher. As pessoas nos admiravam porque nós nos amávamos. Fomos casados 25 anos, antes dela morrer jurei que jamais me casaria e assim tenho vivido, sozinho. (Mário)

Os sujeitos de Coimbra, nos diferentes níveis culturais, demonstraram muito amor pela cidade, muito respeito pelo seu património histórico e muito conhecimento sobre as suas tradições, seu folclore, suas canções, especialmente o Fado. Cultivam o hábito de frequentar os parques, como por exemplo, o Choupal. Demonstam muito orgulho de ter uma das universidades mais antigas da Europa, fundada em Lisboa em 1290 e transferida definitivamente para Coimbra em 1537. Nos seus relatos afirmaram participar com frequência das festividades, eventos sociais e culturais além da habitual prática dos passeios livres pelos jardins e praças da cidade. Num simples giro do olhar, esses relatos se confirmam aos fins de tarde e nos fins de semana. Nas tardes de Domingo as famílias, em três gerações, fazem piquenique no Parque Dr. Manuel de Braga, com os seus lanchinhos preparados em casa e servidos sobre uma toalha xadrez estendida na relva.

CANÇÃO A SÃO PAULO

Amanhecendo

(Billy Blanco)

Começou um novo dia,
Já volta quem ia,
O tempo é de chegar,
De Metrô chego primeiro,
Se tempo é dinheiro,
Melhor vou faturar.
Sempre ligeiro na rua,
Como quem sabe o que quer,
Vai o paulista na sua,
Para o que der e vier.
A cidade não desperta,
Apenas acerta,
A sua posição,
Porque tudo se repete,
São sete, e às sete,
Explode em multidão.
Portas de aço se levantam!
Todos parecem correr!
Não correm "de" correm "para"
Para São Paulo crescer!
A cidade não desperta,
Apenas acerta,
A sua posição,
Porque tudo se repete,
São sete, e às sete,
Explode em multidão.
Portas de aço se levantam!
Todos parecem correr!
Não correm "de" correm "para"
Para São Paulo crescer!

Disponível no site: www.musicasantigas.mus.br

Acesso em 08.02.09

AVENIDA PAULISTA - SÃO PAULO - 1927 - 1930



Avenida Paulista 1927-1930. Pintura: Cristiane Carbone. 2009

AVENIDA 23 DE MAIO - SÃO PAULO - DÉCADA DE TRINTA



28

Av. 23 de Maio - São Paulo Foto: Fotolab

(LÉVI-STRAUSS, Saudades de São Paulo, 1996, p.28)

AVENIDA PAULISTA - SÃO PAULO - HOJE



Av. Paulista. São Paulo - Fotos Rafael RC. 2005

AVENIDA 23 DE MAIO - SÃO PAULO - HOJE



Av. 23 de Maio. São Paulo - Foto Rafael RC. 2005

SÃO PAULO

Dentro de alguns centos de anos, outro viajante, tão desesperado como eu, neste mesmo lugar, chorará o desaparecimento daquilo que eu teria podido ver e que não aprendi. Vítima como sou duma enfermidade, tudo o que vejo me fere, e censuro-me sem cessar de não observar o suficiente. (Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos* p.37-38)

Em São Paulo que se estende para cima e para baixo no extenso planalto paulista existe uma cidade interminável, não apenas em sua extensão geográfica, seu crescer vertical e horizontal, mas, sobretudo, no ritmo voraz com que se deu esse crescimento nas ultimas décadas. Os que aqui moram e aprenderam a amá-la devem ter orgulho de habitar numa das maiores cidades do mundo. A cidade das múltiplas possibilidades, a cidade que não para, a terra da garoa. São Paulo fascinante e desconcertante comenta Nanni (2009). 455 anos! As discrepâncias são de tal magnitude que tornam urgente a adoção de soluções dignas para os que nela habitam em meio a tantos contrastes sociais.

Os sujeitos desse estudo, moradores de São Paulo, exultam a sua efervescência e o seu poder de acolhimento. Três nasceram na capital, três vieram do interior do estado e quatro da região Nordeste, mas todos se consideram paulistanos.

Gosto de morar em São Paulo, a vida hoje é bem melhor que antes, a cidade e a minha vida é o que eu queria que fosse (Denise)

Construi minha vida aqui, tudo que tenho devo a São Paulo. Não gosto de morar aqui...se pudesse mudaria para Recife, ah... isso foi no passado, hoje tanto faz. (Betânia)

Não quero sair de São Paulo. Essa terra é abençoada por Deus. Aqui tudo vende. Tem trabalho pra todos, só não trabalha quem não quer. (Márcia)

Sao Paulo oferece tudo o que eu preciso, me habituei as facilidades e conforto. Nunca pensei em mudar de São Paulo. (Cesar)

Amo essa cidade, aqui só passa fome quem não quer trabalhar. Só passa necessidade quem quer. (Mariano)

Na década de 30, Lévi-Strauss afirmara que em São Paulo é possível dedicar-se a etnografia aos Domingos. Não propriamente junto dos índios dos arrabaldes como ele esperava fazer antes de aqui chegar, pois estes estavam habitados por sírios ou italianos, mas tentando distinguir as diferenças entre os mestiços (branco x negro), caboclos (branco x índio), cafuzos (índio x negro) que ele encontrara pela cidade. Na visão do autor a designação negro deixa de ter sentido num país onde uma grande diversidade racial somada a uma dose reduzida de preconceitos permitiu todas as combinações possíveis. Acrescenta que em São Paulo aprende-se etnografia na diversidade dos mercados populares, no folclore, nas crenças e nas tradições. São Paulo está sempre em construção, é uma cidade selvagem ainda por domar. E hoje, aos 100 anos completados em Nov/08, o que diria Lévi-Strauss em visita a esta metrópole de 11 milhões de habitantes e uma frota de 6 milhões de carros a provocar engarrafamentos diários, obrigando a cidade a parar? O que diria Lévi-Strauss sobre a mais paulista das Avenidas - a Avenida Paulista - numa breve passagem por ali a observar as pessoas de diferentes idades, gêneros, classe social, nível de educação, crenças, profissões, etnias e origens que por lá circulam, se embaralham, se confundem, se abalroam... correm 'para' mas também correm 'de' em oposição aos versos de Billy Branco...Portas de aço se levantam/todos parecem correr/não correm 'de' correm 'para'/para São Paulo crescer....

Reza a tradição: os que bebem a água do Rio Tietê, não abandonam esta cidade, esta terra de oportunidades - São Paulo - essa gigante, ilimitada em possibilidades, mas também em problemas. Aos seus habitantes, permanentes ou de passagem, a cidade oferece de tudo: lazer, cultura, eventos para os mais diversificados gostos e interesses e serviços 24 horas. Ensurdidos pelo barulho das suas obras e no corre-corre para devorar as suas distâncias, muitos paulistanos deixam de perceber, curtir e preservar a sua beleza, os seus monumentos, parques, praças e jardins, escondidos nos seus arranha-céus e na fumaça do seu desenvolvimento. Retomando as palavras de (Márcia), paulistana de coração - 'essa terra é abençoada por Deus' e parafraseando o Caetano Veloso: da dura poesia concreta das tuas esquinas/alguma coisa acontece em meu coração/que se aprende depressa a chamar-te realidade/porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.

Um retrato

...O tempo começa a pintar o retrato de amarelo. Breve estará pintando os nossos cabelos de branco, enrugando os nossos rostos que aquele flash iluminou há dez anos. O tempo pode contra tudo e contra todos menos contra estes dois rapazes sorridentes que a morte levou. Eles terão para sempre 25 anos.

Crônica do Sergio Porto - A casa demolida p.169

QUANDO EU TIVER 64 ANOS**"When I'm Sixty-Four"**

When I get older losing my hair,
Many years from now.
Will you still be sending me a Valentine.
Birthday greetings bottle of wine.
If I'd been out till quarter to three.
Would you lock the door.
Will you still need me, will you still feed me,
When I'm sixty-four.

You'll be older too,
And if you say the word,
I could stay with you.

I could be handy, mending a fuse
When your lights have gone.
You can knit a sweater by the fireside
Sunday morning go for a ride,
Doing the garden, digging the weeds,
Who could ask for more.

Will you still need me, will you still feed me
When I'm sixty-four.

Every summer we can rent a cottage,
In the Isle of Wight, if it's not too dear
We shall scrimp and save

Grandchildren on your knee

Vera, Chuck & Dave

Send me a postcard, drop me a line,

Stating point of view.

Indicate precisely what you mean to say

Your's sincerely wasting away.

Give me your answer, fill in a form

Mine for evermore.

Will you still need me, will you still feed me

When I'm sixty-four.

John Lennon e Paul McCartney – Album: Sgt.Peppers's Lonely Hearts Club

Band 1967

1. ENVELHECER

A recordação é a própria vida, embora de uma qualidade diferente. Quando o sol desce o homem encontra nessa breve fantasmagoria, a revelação das forças opacas, cujos conflitos obscuros sentiu vagamente no fundo de si próprio durante todo o dia.

Tristes trópicos - Claude Lévi-Strauss

De todas as realidades, a velhice é talvez aquela de que se guarda por mais tempo na vida uma noção puramente abstrata, a observar calendários, datando as cartas, vendo se casarem os amigos, os filhos dos amigos, sem compreender, por medo ou por preguiça, o que significa tudo isso, até o dia em que ao avistar a silhueta estranha do melhor amigo dá-se conta de que se vive num mundo novo; até o dia em que o neto da sua melhor amiga lhe sorri como se estivessemos a lhe zombar, nós que poderíamos ser o seu avô. Com essas reflexões (Proust, 1995) narra as suas impressões sobre a velhice no Volume 7 da sua extensa obra: *Em busca do Tempo Perdido*. Parece que a troca de calendários, as celebrações de aniversários ou mesmo as marcas físicas do tempo, não se deixam ser notadas, de forma direta e consciente, pelos que avançam na idade. O romance *A imortalidade* de Milan Kundera, inicia com uma reflexão acerca da consciência que se tem da idade. Recostado numa espreguiçadeira, diante da piscina de um clube de ginástica, no ultimo andar de um prédio moderno, de onde se tinha uma vista da cidade de Paris, o escritor observa uma senhora de 60 e poucos anos que tomava aula de natação. Terminada a aula, Kundera descreve a cena, fascinado:

Ela foi embora, de maiô, andando ao longo da piscina e quando já tinha ultrapassado o professor de natação aproximadamente uns quatro ou cinco metros, virou a cabeça para ele, sorriu, e fez um gesto com a mão. Meu coração apertou-se. Aquele sorriso, aquele gesto era de uma mulher de vinte anos! A sua mão como que voara com uma ligeireza encantadora. Como se, por brincadeira, ela jogasse para seu amante um balão de muitas cores. O sorriso e o gesto eram cheios de sedução, ao passo que o rosto e o corpo já nada de sedutor tinham. Era a sedução de um gesto afogado na não-sedução do corpo. Mas a mulher, embora devesse saber que deixara de ser bela, esquecerá-o nesse instante. Talvez só

tomemos consciência da nossa idade em certos momentos excepcionais, permanecendo sem-idade a maior parte do tempo. Graças a esse gesto, pelo espaço de um segundo, uma essência da sedução dela, não dependente do tempo, revelou-se e deslumbrou-me.(KUNDERA, 1990, p.11-12)

Envelhecer, atingir a velhice, ser longo vivo, parece ser o destino de um grande número de pessoas. A sociedade do futuro irá ser das pessoas mais velhas e não dos jovens é o que indicam as estatísticas. A longevidade deve ser repensada a partir de agora lembram Cabrillo e Cachafeiro (1990) alertando para o pessimismo com que se olha o próprio destino. Encarar a velhice com desânimo e pessimismo, com foco apenas nas perdas e negatividades é assumir a má imagem que tem de si, como futuro idoso. Empreender um estudo sobre a velhice poderá parecer um triste inventário de perdas, limitações, fim de ciclo e impossibilidades. Será verdade? Sim, por um lado pode-se encontrar todas esses eventos. Entretanto há que se dirigir o olhar para o outro lado: o das possibilidades, dos ganhos, da alegria, da vitalidade. Para compreender a velhice é necessário abandonar os modelos tradicionais de pesquisas em que se utilizam os arquétipos da juventude e, deslocar-se em direção a um estudo humanista do envelhecimento, investindo naquilo que mais provavelmente nutre a velhice: companheirismo, artes, segurança, calma, silêncio. Envelhecer, perdurar, implica em ampliar a vida. Portanto, é igualmente importante ampliar a compreensão acerca da vida: a vida como ela é, e não a vida como era, lembra Hilman (2001) e realça que pesquisar a velhice pensando apenas na juventude, em seu frescor e no seu futuro desvia o foco para o estudo dos opostos e afasta da verdadeira natureza da velhice - essa qualidade que se sente em coisas e lugares antigos, a sensação de encontrar velhos amigos, de ver um filme antigo, de observar um par de mãos idosas trabalhando, tocando um instrumento, apoiando um ombro amigo. É um erro querer entender o velho comparando com o novo que o ultraja como seu oposto. A prática mais comum na moderna sociedade é celebrar os valores, o comportamento, a aparência e a moda dos jovens. Para Mascaro (2004) nunca se cultuou a beleza física como agora. Um corpo bonito, esbelto, ágil e principalmente jovem é exibido com prazer. Nega-se o envelhecimento, oculta-se a idade, maquia-se as aparências, com inúmeras estratégias e disfarces pois ninguém quer ou deve parecer velho. Até mesmo para se fazer um elogio a uma pessoa na fase mais adulta, a prática é dizer que ela nem aparenta a idade que tem. O progresso moderno prolonga a vida humana e paradoxalmente diminui o valor

dos idosos. Quanto mais tempo se vive, menos se vale e a verdade é que o ser humano vai viver, cada vez muito mais tempo! Nessa perspectiva, o valor atribuído ao idoso terá que ir além daqueles já conhecidos e praticados na moderna sociedade como: produtividade, sentido de utilidade, beleza do corpo. A produtividade é uma medida de utilidade muito estreita, e a incapacidade ou impossibilidade de ser produtivo acarreta uma noção de desamparo muito restritiva.

Conhecer a realidade da velhice ao longo da história do homem é uma tarefa muito árdua, lembra Mascaro (2004). As fases de iniciar as atividades e de encerrá-las variavam muito conforme a época, o lugar e o tipo de atividade desde a participação no exército, na vida política, como também na vida cultural e familiar. No Império Romano, as famílias ricas confiavam sua casa de campo ou seus filhos aos cuidados da avó ou de uma parenta idosa, virtuosa e responsável. Nas civilizações gregas e romanas a velhice foi poderosa e prestigiada até o século II a.C, mas doravante, nos momentos de mudanças e transformações os idosos eram pouco numerosos, a vida era muito árdua e aqueles que sobrevivessem teriam que contar com a solidariedade da família, com a caridade pública e da igreja e com os valores e crenças de suas sociedades como explica Bosi:

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar nas montanhas onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado. (BOSI, 1994, p.77)

A mensagem da lenda balinesa remete a sérias reflexões sobre dimensões do conhecimento e da experiência dos velhos que deixam de ser transmitidas, trocadas ou até mesmo vivenciadas, nos dias atuais, quiçá devido as facilidades nos meios de comunicação, ou também em face ao desinteresse da sociedade e até das famílias, que subestimam o potencial dos mais velhos, ou até deles próprios, que, de tanto se sentirem desvalorizados, vão se confinando e perdendo a motivação para trocar as suas experiências. Numa breve revisão bibliográfica pode-se observar o papel desempenhado

pelos velhos ou anciãos em diferentes épocas, como por exemplo, o de guardião das tradições nas tribos primitivas. (BOSI, 1994). Nelas os velhos assumiam uma obrigação social de transmissor do conhecimento para as novas gerações, função essa que lhes possibilitava a utilização da memória e de lembranças permitindo uma vida ativa, de reciprocidade, de diálogos e de trocas de opiniões. A sociedade moderna prega o respeito ao velho, mas, em muitos exemplos, o condena a uma vida passiva, recostada, distante das questões e dos significados que compõem o cotidiano. Quantas famílias privam seus velhos da liberdade de convívio, confina-os em casas de repouso ou asilos, negando-lhes aquilo que é essencial nas relações humanas: a alteridade, a contradição, o afrontamento, a aceitação das diferenças que temperam e engrandecem a vida? A velhice que é um destino natural para os que conseguem a longevidade é tomada, preconceituosamente, pelo outro. E nessa totalidade o idoso sente-se um indivíduo à margem, que luta para continuar a vida sendo gente, sendo humano, acima de qualquer outra coisa. No século I a.C, Cícero afirmara:

não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas: são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento. Qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas, ao contrário, pode muito especialmente se valer. Cícero (1997, p.18).

Algumas sociedades antigas, nas quais os idosos representavam uma minoria, valiam-se da sabedoria e da experiência das gerações mais velhas para criar seus filhos, ouvir aconselhamentos e cultivar os campos. Até o início do século XVIII, segundo Carvalho (1998), a velhice não era discriminada e a longevidade não implicava abandono das atividades produtivas nem afastamento das relações sociais, o envelhecimento era considerado como sabedoria e o ser velho se revestia, assim, de sacralidade para fazer a ponte entre as gerações presentes e os seus antepassados, unindo vivos e mortos numa cadeia cósmica. Entretanto, foi na esteira da Revolução Industrial e de suas conseqüências que a velhice começou a conhecer o banimento e a segregação e passa a ocupar um lugar marginalizado e de isolamento.

Condutas que ilustram esse tipo de isolamento são retratadas no filme: A Balada de Narayama, de Shohei Imamura, na luta pela sobrevivência em algumas regiões do Japão, no final do Século XIX, instituiu-se uma tradição amarga em que ao completar

70 anos de idade, os moradores dos humildes vilarejos deveriam subir ao topo da montanha local, uma região sagrada e, como elefantes velhos, deveriam esperar pela hora da própria morte, sozinhos.

Para o ser humano em qualquer idade ou classe social, o viver, muitas vezes, torna-se árido, difícil, vazio, sem significado e o mundo moderno está cheio de soluções terapêuticas, farmacológicas à espreita de consumidores ávidos por remédios e alentos para os seus males de espírito. O recordar tempos melhores, as notícias de outras épocas podem representar um sucedâneo da vida e os problemas e dificuldades da vida atual podem ser atenuados buscando alento em tempos passados. O vínculo com outra época é uma tarefa prazerosa em qualquer fase da vida e em especial para o ancião. Para ele, esse vínculo, é uma alegria e uma ocasião de expor a sua experiência. Encontrar ouvidos atentos para ouvir suas histórias e conhecimentos é motivo de prazer e de autorealização e a possibilidade de receber feedback na prática da comunicação, com o outro, proporciona um novo sentido a sua vida. Sabe-se, porém, que essa prática não é tão comum, haja vista, que para muitos, o ancião os aborrece com o excesso de experiência, querendo aconselhar, providenciar, prever, predizer o futuro exibindo conhecimentos que a lógica atual considera obsoleta. Bosi relata esse embate quando afirma:

Se protestarmos contra seus conselhos, pode calar-se e talvez acertar o passo com os mais jovens. Essa adaptação falha com frequência, pois o ancião se vê privado de sua função e deve desempenhar uma nova ágil demais para o seu passo lento. A sociedade perde com isso. Se a criança ainda não ocupou nela seu lugar, é sempre uma força e expansão. O velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então a velhice desgastada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo (BOSI, 1994, p.83)

Beauvoir (1990) ressalta que a medicina moderna considera o envelhecimento biológico um processo inerente à vida, do mesmo modo que o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte. Tudo leva a crer que, cada organismo traz em si, desde o início, a sua velhice, irrefutável consequência de sua completa realização. Na verdade, acidentes ou desvios podem interromper essa trajetória já que o homem sofre as influências do meio onde vive e, por conseguinte, do nível de vida. O envelhecer pode ser acelerado ou retardado por inúmeros fatores como: saúde, hereditariedade, hábitos passados, estilos de vida.

1.1 O declínio

Do final do século XX em diante, com o advento das facilidades oriundas dos avanços tecnológicos para a transmissão de conhecimentos e de memória, somadas à cultura de valorização do jovem, a experiência do idoso nos parece um tanto desprezada pela sociedade e pelas famílias e a velhice é lembrada como um estágio em que predomina a decadência, o declínio. Assim escreveu Beauvoir:

Um tal paradoxo desconhece a essencial verdade da vida; este é um sistema instável no qual, a cada instante, o equilíbrio se perde e se reconquista: é a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. É certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento: irreversível e desfavorável – um declínio. (BEAUVOIR 1990, P.17)

Nesse contexto de um processo progressivo de mudanças nem sempre favoráveis dado que está ligado à passagem do tempo e de um fim de ciclo que invariavelmente desembocará na morte, vê-se que o idoso enfrenta uma luta constante para minimizar os efeitos desse declínio. As adversidades também estão presentes nas atividades corriqueiras que até então o idoso não enfrentava dificuldades.

O coeficiente de adversidades das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas. (BOSI, 94, p.79)

Na sociedade contemporânea, em geral, o idoso é alguém desprovido de nome, de profissão, de *status*. É apenas um velho, um homem invisível, em busca de um novo papel social, que sempre se lhe afigurará indefinido, lembra Pretti (1991). Segundo este autor, a despeito da significativa parcela de idosos no Brasil, está longe da sociedade dar-lhe maior atenção, a idade vem constituindo-se, cada vez mais, num fator crescente de discriminação social. O homem, ao atingir essa fase da vida, passa por um processo de transformação, em relação à sua imagem no meio em que vive, perdendo a sua própria identidade.

No processo de transformação por que passa a pessoa idosa, Beauvoir (1990) menciona dados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra sobre as perdas de memória e os resultados apontaram ...

a memória imediata não é atingida; a memória concreta (relacionada com dados bem conhecidos), decai entre os 30 e 50 anos, assim como a memória lógica. A mais alterada é a memória que implica a formação de novas associações, como por exemplo, a aquisição de uma língua. Aliás, há grandes diferenças, de acordo com o grau de cultura dos sujeitos. Testes de memória feitos em Groningue, com 3000 pessoas, mostram que, em todos, esse tipo de memória decresce com a idade avançada (...). No que se refere às reações motoras, é aos 25 anos que elas são mais prontas e precisas; sua rapidez e exatidão diminuem a partir dos 35 anos, e mais ainda após os 45. Quanto à rapidez das operações mentais, há progresso até os 15 anos, estabilizando de 15 a 35 anos e, em seguida, diminuição. O sujeito de mais de 60 anos reage mal aos testes de inteligência em que o tempo é medido: se ao contrário, nenhum limite lhe é imposto, ele pode equiparar-se ao adulto e até ultrapassá-lo. As pessoas idosas têm muita dificuldade de se adaptar às situações novas; elas reorganizam facilmente coisas conhecidas, mas resistem às mudanças. (idem, 1990, p. 43-44)

Desses estudos emerge, segundo a autora, uma importante conclusão: quanto mais elevado é o nível intelectual do indivíduo menor e mais lento é o decréscimo de suas faculdades desde que ele as exercite regularmente. Com efeito, muitos trabalhos intelectuais podem ser realizados sem limite de idade. A profissão, a técnica, o julgamento, a tenacidade, a organização das tarefas podem compensar o enfraquecimento da memória, a perda de energia, a dificuldade de se adaptar. Convém lembrar que, via de regra, a uma certa altura da vida, qualquer indivíduo sofrerá as limitações físicas decorrentes da idade. Por melhor que seja o seu desempenho, o seu vigor e a sua capacidade serão de um idoso que mantém um equilíbrio mental e físico e não que seu organismo e suas capacidades de adaptação e psicomotoras sejam de um homem jovem. Desses elementos decorre uma verdade irrefutável: nenhum homem que vive muito escapa à velhice e o envelhecer da memória tem início em pleno vigor da juventude.

1.2 O Elo

Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico da sua existência:
ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades.
Antes, morre na véspera: e alguém deve realizar suas possibilidades
que ficaram latentes, para que ele complete o desenho de sua vida.
(Ecléa Bosi)

Os velhos têm o poder de edificar nos jovens e adultos o reviver dos que partiram as suas histórias e as suas tradições. São eles os que, munidos de uma vontade de reviviscência, servem de elo entre as gerações fazendo com que o passado não tenha um caráter tão transitório comenta Bosi (1994) e autora complementa:

É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora. (idem, 1994, p. 75)

A criança, na sua socialização, aprende com os mais velhos, em especial os avós, por meio de histórias ou do seu poder de observação, valores, gestos, formas de comportamento, jeitos de realizar os trabalhos, hábitos alimentares, estilos de vida, sem os quais a vida não teria essa característica de continuidade. Quantos adultos incorporaram em sua existência hábitos adquiridos de seus pais, avós, irmãos e os repetem como uma forma de manter viva a lembrança dessas pessoas mais queridas?

O homem, em qualquer fase de sua existência, não deve ser privado de estímulos que alimentem a sua vida de sentido e de beleza. Oferecer espaço ao idoso para que ele se sinta útil e possa transmitir às novas gerações todo o conhecimento acumulado durante a vida, deveria ser uma preocupação das famílias, da sociedade e dos Órgãos Públicos. Para que as faculdades humanas continuem vivas é necessário dar atenção à vida, estímulos aos sentidos, vasão aos sentimentos, enfim, depende de um projeto de vida, afirma a autora. Com a melhoria dos níveis de educação, é de se esperar pelo

surgimento de pressões por canais de auto-expressão e de manifestação das potencialidades e habilidades desses idosos. Iniciativas promissoras para a busca de soluções podem começar pela conscientização no ambiente macro da sociedade e nos núcleos familiares. Um dos meios para o trabalho de conscientização da sociedade poderá ser o de inclusão do tema nos currículos escolares de forma a utilizar o poder capilar e transformador da educação para se chegar aos diferentes níveis de lares, associações e instituições, atingindo-se assim, o maior número de pessoas.

1.3 Os sinais

Qual a imagem que se faz da velhice? Quais os sinais indicativos da velhice? Uma prática freqüente é a de associá-la a decrepitude, fragilidade, lentidão física e mental. Essa lógica cria referenciais negativos que afetam e deturpam a imagem do idoso perante a sociedade e ele próprio, que pode ter a sua auto-estima abalada. Nesse ponto de vista tem-se que:

O corpo por si só não revela como atributo a velhice, mas uma vez que ela como estigma se instala no corpo, ela passa a inquietar o idoso. Certamente, a inquietação é decorrente de uma avaliação também estigmatizada e, assim, uma abominação do velho diante do seu próprio corpo. A visão de um corpo imperfeito – em declínio, enfraquecido, enrugado, etc. – não avalia só o corpo, mas sugere imediatamente ampliar-se pra além do corpo, sobre a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso. (MERCADANTE, 2005, p. 32)

As atuais evidências apontam a necessidade de se encarar a velhice a partir de outros referenciais que não aqueles associados a perdas, demências e improdutividade sem negar, evidentemente, as reais possibilidades de limites físicos ou até cognitivos. Néri & Yassuda (2004), corroboram esses limites quando afirmam que a velhice é a última etapa do ciclo vital, caracterizada por declínio de funções biológicas, da resiliência, da plasticidade e aumento da dependência dos recursos sociais e econômicos. Sabe-se também que, esse declínio não é universal para todos os domínios do organismo; ele ocorre em diferentes ritmos para diferentes pessoas e grupos. As pessoas costumam identificar uma pessoa velha pela aparência do corpo e pelos sinais característicos como: cabelos brancos e rugas na pele, todavia uma pessoa não deixará de ser velha pelo fato de ter removido da face, com o auxílio de uma cirurgia plástica, as rugas e os pés-de-galinha. Por conseguinte, os sinais da velhice podem estar visíveis e o

indivíduo, a despeito de sua idade avançada, dispor de plena autonomia em suas funções físicas e mentais.

O envelhecimento é processo, um marcador biológico inexorável e a velhice é uma construção social, tanto quanto a juventude ou adolescência, e atualmente os parâmetros definidores de uma ou de outra já se mostram inadequados para escolhas e avaliações. A percepção sobre a idade adequada para exercer determinadas atividades no mercado de trabalho é uma questão bastante dinâmica. Os referenciais são bastante variados de acordo com as características da vaga. Qual a idade ideal para esse mercado quando se busca um professor universitário, um diretor de uma multinacional, um atleta, um profissional de moda?

... o envelhecimento populacional se deve a duas ordens de fatores: longevidade e queda da natalidade. Vive-se mais e renova-se menos. Tais mudanças se refletem no perfil das populações mundiais. De qualquer modo, não se é mais tão velho aos sessenta como já se foi num passado, não muito remoto. Há sem dúvida um lado benéfico neste processo e conseqüências que ainda precisam ser explicitadas (CONCONE 2005, p.137).

As tendências indicam que as pessoas com 60 anos e mais, podem desempenhar funções com altos níveis de competência e o mercado de trabalho, bem como as empresas de recrutamento precisam demonstrar capacidade de perceber essas mudanças quando da renovação de seus quadros.

A velhice é fase, não é fim. A velhice é uma etapa da vida como é também a infância, a juventude e a maturidade. Pense na infância e faça uma reflexão sobre o caminho percorrido. A conclusão é de que pouca coisa mudou. A essência do eu é imutável, os acontecimentos da vida só dão o recheio para o amadurecimento. Na velhice como em qualquer outra etapa da vida, a elaboração de projetos representa um constante exercício de alteridade, lembra Monteiro (in Corte et al 2005 Orgs).

Há uma grande discussão sobre a forma de definir o idoso. A partir de qual idade uma pessoa pode ser considerada idosa? Gonçalves (1999) retomando os estudos já existentes sobre conceitos de tempo e envelhecimento que tratam da idade social afirma que esta corresponde aos hábitos sociais e *status* e assim uma pessoa pode ser idosa ou jovem de acordo com o comportamento que é previsto por uma sociedade ou uma cultura particular. Para entender as atitudes e comportamentos de uma pessoa que está

envelhecendo, é preciso conhecer a sua história de vida, pois são as suas percepções do mundo que modelam o seu modo de ser. Sabe-se que existem pontos comuns para a maioria das pessoas que envelhecem como aposentadoria, saída dos filhos de casa, morte de pessoas queridas e mudanças físicas, contudo a maneira de lidar com esses fatores variam de pessoa a pessoa. Uma constatação que se faz é que, em geral, as pessoas com 60 anos e mais de idade não se consideram velhas e, por conseguinte não gostam de ser tratadas como tal. Com efeito, a palavra ‘velho’ enseja, no senso comum, uma gama de sentimentos negativos e estereótipos sociais, indicando idéias de obsolescência, sem serventia, fora de moda. A palavra ‘idoso’ transmite a idéia de experiência, calma e certa sabedoria. Com frequência, a pessoa é considerada idosa perante a sociedade a partir do momento em que encerra as suas atividades econômicas. Em outras ocasiões, é a saúde física e mental o fator de peso, sendo fundamental a questão da autonomia, dado que o indivíduo passa a ser visto como idoso à medida que passa a depender de terceiros para o cumprimento de suas necessidades básicas ou tarefas rotineiras. Nessa perspectiva vale acrescentar pesquisa desenvolvida, com mulheres acima de 70 anos, por Debert (2004) em que ela relata:

A pesquisa partia da consideração – reforçada pela leitura da bibliografia sobre envelhecimento e modernização - que a velhice, em nossa sociedade, mesmo quando não se associa à pobreza ou à invalidez, tende a ser vista como um período dramático por implicar a passagem, tida como indesejada, de um mundo amplo e público para um mundo restrito e privado. A ideia de perda de papéis sociais soma-se a ausência de uma vida sexual ativa. O fato de a grande maioria das mulheres, hoje na velhice, não ter tido uma vida profissional ativa e ter sido sexualmente mais reprimida que os homens, levava-me a supor que a mulher, com o avanço da idade, falaria de seu sofrimento, de sua solidão e do desdém de que é vítima atribuindo à velhice o que, na realidade, seria fruto da situação à qual ela é relegada na nossa sociedade. (...) A segunda consideração que orientou o início da pesquisa era a de que a velhice não é um fato total, no sentido de que as mulheres nem sempre se colocariam como velhas em todos os contextos. É comum ver pessoas consideradas velhas decidirem se casar ou constituírem uma nova família, consultarem um cirurgião para fazer uma plástica, planejarem uma longa viagem ou em empreendimento lucrativo a longo prazo, alimentando projetos que nada tem a ver com que se consideraria no último período da vida. (DEBERT, 2004, p. 25-26)

Segundo a autora essas considerações permearam a sua busca que consistia em conhecer os contextos e as situações em que o modelo da velhice era acionado e quando

ele deixaria de orientar as práticas das mulheres que participaram de sua pesquisa. A sociedade atual vive sob o paradigma da periodização da vida e do estabelecimento do que é específico e peculiar a cada etapa, como por exemplo: infância como a fase da descoberta; a juventude: da beleza, sensualidade, do desenvolvimento profissional; a adulta: das grandes produções e reprodução e a velhice: a aposentadoria, o descanso, o declínio, o fim e a morte. Essa idéia parece ser compartilhada, de forma conjunta pela previdência pública e sociedade industrial, motivados por uma lógica que diz respeito mais a questões previdenciárias do que mesmo biológicas. Os estudos da sociologia parecem também contribuir com essa idéia:

... a sociologia tem alimentado os estereótipos da velhice como um período de retraimento em face da doença e da pobreza, uma situação de dependência e passividade que legitima as políticas baseadas na visão do idoso como ser doente, isolado, abandonado pela família e alimentado pelo estado (idem, 2004, p.95)

Finalmente, ser idoso não é necessariamente um problema, mas o que se faz ou se deixa de fazer com ele. Ninguém quer ser julgado ou condenado por ser longo, mas os que são carregam esse fardo aos olhos dos outros e muitas vezes deles próprios notadamente quando se vive sob o olhar de uma sociedade fortemente hedonista como lembra Carvalho (2002) ao afirmar:

... o culto à imagem e ao arquétipo de um corpo saudável e belo a qualquer preço sem espaço àqueles que trazem as marcas do sofrimento e do tempo que a idade, inevitavelmente, vai imprimindo. A estética do trágico, é então substituída pela patética de uma juventude tão perene quanto impossível, tão impossível quanto a velhice ganha tempo sem ganhar o tempo”. (idem. 2002, p.7)

1.4 Os desafios

Com o extraordinário aumento da população idosa brasileira, é evidente a necessidade de maiores conhecimentos sobre o tema que possam repercutir na qualidade de serviços oferecidos e nas políticas governamentais, sobretudo para as camadas mais indefesas da população. A longevidade é um evento bastante celebrado atualmente como a grande conquista que representa para a humanidade, todavia é urgente que se eduque os idosos e não-idosos sobre as possibilidades e desafios de uma convivência salutar entre as gerações nesse novo período que surge com o prolongamento da vida. Nunes (2005) comenta que para se viver, com êxito, o período da pós-aposentadoria é

necessário cuidar de alguns fatores que a autora destaca: i) a programação de atividades; ii) o estabelecimento de metas mensuráveis; iii) a manutenção de variedade de contatos sociais e iv) a manutenção de uma atitude de abertura a novas experiências. Além da prática desses fatores a influenciar positivamente o bem-estar das pessoas em idade avançada, a personalidade exerce também um papel relevante como indica a autora:

... cinco traços de personalidade, designadamente a extroversão, a sensibilidade às relações interpessoais, a abertura a novas experiências, a minuciosidade e o neuroticismo, contatando-se que os quatro primeiros aumentam a satisfação vital da pessoa, e que o último a diminui. É na residência onde se habita e no estilo de vida que se adopta, onde as preferências de cada individuo se engrandecem e onde se pode planificar uma reforma no sentido pleno da expressão. (Nunes, 2005, p. 59)

A educação das sociedades e dos próprios idosos parece ser um dos grandes desafios entre os inúmeros decorrentes da longevidade.

Mesmo que aumente o número de nascimentos, o fenômeno do prolongamento da vida será cada vez mais acentuado e haverá cada vez mais idosos e com mais idade. Assim sendo, a sociedade não pode ignorar este facto novo. Entre tantas outras preocupações e consequências desta nova realidade está o problema educativo. Os idosos podem e devem educar-se (auto-educação) e serem educados, garantindo a sociedade meios para isso. A gerontagogia ou teoria (e prática) sobre a educação dos mais velhos não apenas favorece esta classe, mas toda a sociedade e a comunhão entre as diversas gerações. Cada vez mais educados, os idosos podem, por sua vez, tornar-se educadores dos mais novos. Do alto da sua sabedoria, mais do que com teorias, eles podem educar através da experiência que é mestra da vida. Por seu lado, os mais novos podem e devem dispor-se a aprender dos mais velhos e antes de mais a respeitá-los e a acarinhá-los, dentro e fora da família. (OLIVEIRA, 2008 p. 77)

A educação tem um importante papel, que não é o de divertir ou entreter o idoso, nem de perpetuar ou reproduzir papéis desempenhados em outras épocas da vida, mas sim o de servir de veículo para que o indivíduo, independente da idade cronológica, consiga manter seus níveis normais de funcionamento e desenvolvimento. A proposta de educar as pessoas é, a nosso ver, a mais adequada à medida que, por meio da educação, elas desenvolvem suas capacidades para o autoconhecimento e permanente

desenvolvimento de seus potenciais. Essa linha de pensamento é demonstrada por Arcuri na seguinte afirmação:

Em nossa cultura não existe a idéia clara do ciclo da vida, recebemos um intenso treinamento para apenas metade da vida, temos um *script* social muito claro a seguir até a idade de 50 anos ninguém tem dúvidas, mas depois de ter cumprido os deveres por assim dizer (estudar, se profissionalizar, casar, ter filhos, se aposentar). O que fazer com os próximos 10, 20 ou 30 anos de existência? Onde está a orientação sobre essa etapa da vida humana, que doravante será o tempo mais longo de nossa existência? É preciso então pensar nas questões que envolvem o conhecimento de forma que possamos fazer desta etapa da vida, um crescimento. (ARCURI 2005, p.36)

As primeiras iniciativas de oferecer lazer e educação a adultos maduros e idosos foram feitas na década de 1970 quase que simultaneamente ao aparecimento das Universidades do Tempo Livre, dos Grupos de Convivência e das Universidades da Terceira Idade, Européias e Norte-americanas, relatam Neri & Yassuda (2004). No Brasil, o trabalho educacional pioneiro com adultos maduros e idosos foi feito pelo Serviço Social do Comercio (SESC), sob influência francesa. Na década de 1960, essa organização fundou os primeiros Grupos de Convivência e, na década de 1970, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade, denominação esta que foi importada da Europa, onde surgiu como alternativa ao termo velhice, considerado negativo demais a ponto de ser substituído por outro que soasse mais agradável aos ouvidos dos idosos e não-idosos.

CAPÍTULO II

2. POPULAÇÃO DE IDOSOS

2.1 Quantos são os idosos no mundo?

Amanhã,
A tristeza vai transformar-se em alegria,
E o sol vai brilhar no céu de um novo dia,
Vamos sair pelas ruas, pelas ruas da cidade,
Peito aberto, cara ao sol da felicidade.
E no canto de amor assim,
Sempre vão surgir em mim, novas fantasias,
Sinto vibrando no ar,
E sei que não é vã, a cor da esperança,
A esperança do amanhã.

A cor da Esperança

CARTOLA E ROBERTO NASCIMENTO

(compositores brasileiros)

Neste capítulo serão abordadas as principais mudanças na pirâmide populacional no mundo, no Brasil, em Portugal e nas cidades de São Paulo e Coimbra onde residem os sujeitos deste estudo. O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial. Vem ocorrendo a um ritmo sem precedentes e o seu percentual na pirâmide populacional soma um volume expressivo que começa a despertar a atenção da sociedade. A longevidade foi uma das conquistas da humanidade no século XX e, por conseguinte, o envelhecimento será um dos grandes desafios do século XXI para os governos, para a sociedade e para os indivíduos. É fato que essas conquistas não vêm isoladas; ao contrario, chegam acompanhadas de novas demandas para os governos no tocante às políticas públicas no âmbito social e previdenciário e para a sociedade coloca o desafio de que sejam criadas novas formas de longo e intenso convívio na esfera social e familiar e, para o indivíduo, exige o seu interesse e empenho em aprender coisas novas que permitam interagir de forma harmoniosa com o mundo moderno e com as novas gerações. O aumento da esperança de vida, a redução da

mortalidade infantil e a queda da fecundidade contribuíram para uma transformação profunda na estrutura etária da população em todas as regiões do mundo, pois de acordo com o World Economic and Social Survey 2007, a esperança de vida de 1950 a 2005 passou de 47 para 65 anos e deverá ser de 75 anos até 2050. Em igual período a fecundidade caiu de 5,0 para 2,6 filhos por mulher e a estimativa é de que até 2050 chegue a 2 filhos. Em várias regiões do mundo, em países desenvolvidos e também em muitos países em desenvolvimento, a descendência final é agora inferior a 2 filhos por mulher e, portanto, inferior ao nível necessário para a substituição da população a longo prazo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) corrobora essas explicações para o crescimento da população de idosos no mundo, enfatizando o fenômeno que ocorre desde 1950 - o aumento na esperança de vida ao nascer, em nível mundial, que possibilitou um aumento de mais que o dobro na população mundial nas cinco décadas seguintes. Os números e as projeções, como se pode ver abaixo, são de uma grandeza impressionante:

- Em 1950 havia cerca de 204 milhões de idosos em todo o mundo e em 1998 esse contingente aumentou para cerca de 579 milhões de pessoas;
- A população idosa em 2050 atingirá o número de 1.900 milhões de pessoas, montante que, segundo as estimativas superará a população de 0 a 15 anos de idade;
- Atualmente uma em cada dez pessoas tem 60 anos ou mais de idade e em 2050 estima-se que essa relação será de uma para cada cinco pessoas no mundo. Nos países desenvolvidos essa relação será de uma para três pessoas;
- Em 1999 o número de pessoas com 100 anos de idade ou mais era de 145.000; para 2050 estima-se que esse número aumentará em 15 vezes passando para 2,2 milhões.

Os estudos dão conta de que, pela primeira vez, a pirâmide populacional se inverterá nos próximos 50 anos, quando a população dos mais de 60 anos de idade será maior do que os de 0 a 15. Essa transformação demográfica apresentará para toda a sociedade o desafio de aumentar as oportunidades das pessoas, e em particular as dos

idosos no sentido de serem oferecidas possibilidades de participação em todos os aspectos da vida.

2.2 Quantos são os idosos no Brasil

O Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2004, apresenta um contingente de 17,6 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade (9,7% da população brasileira) e a estimativa é que em 2020 esse número se aproxime dos 30,8 milhões de pessoas, elevando esse percentual para quase 15% da população total. O Brasil já é o sexto país no mundo em taxa de envelhecimento populacional, registrando aumento de 3,2% ao ano e, em 2025 a estimativa é de que ocupe também a 6ª. posição no ranking mundial de população com 60 anos ou mais de idade, conforme apontam os dados extraídos de Moreira (2000), Tabela 2.1.

TABELA 2.1 - Aumento projetado da população de 60 anos ou mais nos países mais populosos. 1950-2025

Regiões	População ≥ 60 anos (milhões)				Aumento (%)
	2025	2000	1975	1950	1950-2025
China	284,1	134,5	73,3	42,5	668,5
Índia	146,2	65,6	29,7	31,9	429,3
CEI ²	71,3	54,3	33,9	16,2	440,1
USA	67,3	40,1	31,6	18,5	363,8
Japão	33,1	26,4	13,0	6,4	517,2
Brasil	31,8	14,3	6,2	2,1	1514,3

(Fonte: ONU, Diesa, The world aging situation, 1985. Veras, 1994)

O Brasil, que segundo essas estimativas em 2025 ocupará a 6ª. posição em número de pessoas com 60 anos ou mais de idade, ficando atrás apenas da China, Índia,

² CEI corresponde a região formada pelos países da antiga União Soviética.

CEI, USA e Japão, apresenta uma característica bem peculiar no que diz respeito ao aumento percentual. Por esta perspectiva, nota-se que a posição fica invertida, visto que o Brasil passa a ocupar a 1ª. posição no ranking quando o critério observado no período 1950 a 2025 é aumento da população em termos percentuais. Essas estimativas são coerentes com um outro dado censitário quando afirma que a proporção de idosos no Brasil vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. A queda da taxa de natalidade da mulher brasileira ainda é a principal responsável pela redução do número de crianças, mas a longevidade vem contribuindo, progressivamente, para o aumento de idosos na população e uma das explicações para esse fenômeno pode ser dada pelo desenvolvimento de políticas de saneamento básico, eficácia de combate às moléstias infecciosas e doenças degenerativas típicas da velhice e, ainda, na divulgação de hábitos saudáveis que colaboram no aumento da expectativa de vida da população em geral. No Brasil, segundo estudos do IBGE, em média, as mulheres vivem oito anos a mais que os homens. Os estudos confirmam ainda que residir na cidade grande pode beneficiar a idosa, em especial por causa da proximidade com seus filhos, dos serviços especializados de saúde e outros facilitadores do cotidiano. Assim, o grau de urbanização da população idosa também acompanha a tendência da população total. A seguir dados apontados pelo IBGE – (Censo Demográfico 1991 e 2000) que expressam de forma significativa alguns dos aspectos da realidade da população idosa no Brasil.

- Na população com 60 anos de idade ou mais 56,1% são do sexo feminino e 43,9% do sexo masculino;
- De 1900 a 2004 a expectativa de vida do brasileiro aumentou expressivamente passando de 33,7 para 71,7 anos;
- Há mais idosos no País do que crianças: 120 pessoas com 60 anos ou mais para cada 100 crianças;
- As regiões com a maior concentração de idosos são Sudeste, com 10,5% e Sul com 10,4% e as regiões com menor percentual são a Norte com 6% seguida de Centro-Oeste 7,4% e Nordeste 9,2%;
- A grande maioria dos idosos brasileiros 77,4% é de aposentados ou pensionistas;

- Uma parcela de 29,9% dos idosos ainda trabalha desempenhando um papel importante na manutenção da família;
- Mais da metade dos idosos, 64%, é referência para as famílias sendo que 13% destes fazem parte de famílias unipessoais, ou seja, moram sozinhos. Essa prática é observada com maior frequência nas regiões Sul e Sudeste;
- Em 2000, o número de brasileiros com mais de 100 anos de idade era de 24.576³

O vertiginoso aumento da população idosa merece uma atenção especial dos cientistas e pesquisadores, e dos serviços públicos, entre outros, por representar uma questão de magnitude não só no cenário brasileiro como no mundial. As projeções do aumento da população idosa bem como da longevidade apresentadas na Tabela 2.2, coloca a sociedade brasileira diante de um enorme desafio: o de proporcionar condições efetivas para esta população desfrutar de bem-estar nesse novo período de existência.

TABELA 2. 2 - Expectativa de vida ao nascer para ambos os sexos no Brasil. Período:1900-2025

Anos	Expectativa de Vida ao Nascer (anos)
1900	33,7
1950	43,2
1970	57,1
1980	63,5
2000	68,6
2025	75,3

Fonte: ONU, Dias, Periodical on Aging, 1985 apud Veras, 1994)

³ Os estados onde se concentra a maioria dos centenários são: São Paulo (4.457), Bahia (2808), Minas Gerais (2.765) e Rio de Janeiro (2029).

Não obstante a natureza otimista desses dados, a sociedade se encontra em face de um problema complexo, haja vista que a longevidade não constitui, de forma isolada, um indicador positivo. Ela precisa estar acompanhada de condições dignas de vida e sobrevivência.

2.2.1 Período 1991 a 2000 - Educação

Estudos do IBGE sobre o perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil revelam que em 1991, 55,8% dos idosos declararam saber ler e escrever pelo menos um bilhete, já em 2000 esse percentual subiu para 64,8%, promovendo um crescimento de 16,1% na alfabetização dessas pessoas. A proporção de idosos com escolaridade alta ainda é pequena. Em 1991, 2,4% dos idosos tinham de 5 a 7 anos de estudo, essa proporção se eleva para 4,2% em 2000. Para os que concluíram pelo menos o ensino médio, a proporção passou de 7,5% para 10,5%, um aumento de 40%. Apesar dos avanços, ainda existe uma parcela expressiva de idosos - 5,1 milhões -, analfabetos no País. Em relação ao gênero, os homens continuam sendo, proporcionalmente, mais alfabetizados do que as mulheres (67,7% contra 62,6, respectivamente), já que até os anos 60 eles tinham mais acesso à escola do que elas. O pouco tempo de estudo nesse segmento da população contribui para um alto índice de analfabetismo funcional, sobretudo no grupo etário de 75 anos de idade ou mais. O analfabetismo total ou funcional acarreta uma grande dificuldade para o idoso em se adaptar às exigências do mundo moderno e/ou de continuar no mercado de trabalho.

2.2.2 - 1991 a 2000 - Rendimentos

A renda média dos idosos responsáveis pelos domicílios teve um crescimento de 63% no período 1991 a 2000, passando de 403 reais para 657 reais sendo que, no corte por gênero, os homens ganham, em média, mais do que as mulheres: 752 reais contra 500 reais. Outras discrepâncias também se constatarem quando se comparam os rendimentos dos residentes nas regiões urbanas e rurais, estes ganham em média 40% a menos dos que moram nas cidades. Nos estados onde as áreas rurais são mais desenvolvidas, São Paulo, por exemplo, os rendimentos médios, urbanos e rurais, para os idosos são bastante próximos. Por fim, como em outros grupos etários, existe no Brasil uma grande desigualdade de renda entre diferentes camadas da população idosa.

No quesito valor da renda, as três categorias que apresentaram as melhores condições, são: os residentes da região sudeste, os do sexo masculino e os moradores das zonas urbanas.

2.3 Quantos são os idosos em São Paulo?

Os dados censitários mostram que a cidade de São Paulo em 2000, contou, em termos absolutos, com quase 1 milhão de idosos o que representa cerca de 10% da população total da cidade e a expectativa é que esse número dobre até o ano de 2020. Essa quantia é cerca de 16 vezes maior do que em 1960, quando os idosos na cidade não ultrapassavam os 65 mil. Com o aumento da longevidade e considerando as tendências dessas pessoas permanecerem ativas sobretudo nas primeiras décadas que vão além dos 60 anos, os dados da cidade de São Paulo mostram um fato curioso como se pode ver na Tabela 2.3.

Tabela 2.3 - Distribuição da população idosa da cidade de São Paulo em grupos etários

Faixa Etária - Anos	%
60 - 64	31
65 - 69	24
70 - 74	20
75 - 79	12,5
80 ou mais	12,5
Total	100

Fonte: Fundação SEADE/IBGE Jun/2005. Construída a partir dos dados disponíveis na Cartilha do Idoso. Sec.de Assistência e Desenvolvimento Social. p. 23/24, 2006. PMSP

De acordo com os dados acima mais da metade dos idosos da cidade de São Paulo se situa na faixa etária que vai dos 60 aos 69 anos como mostra a **Tabela 2.3**. Se for somada a faixa seguinte - 70 a 74 anos - o percentual sobe para 75% da população, um número muito representativo que se em condições favoráveis pode estar levando uma vida ativa com saúde e bem-estar. O grau de urbanização da população idosa

também acompanha a tendência da população total, ficando em torno de 81% em 2000. A proporção de idosos residentes nas áreas rurais brasileiras caiu de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000. Residir na cidade beneficia a pessoa idosa em face dos serviços especializados na área da saúde e de outros facilitadores do cotidiano como transporte, proximidade dos familiares, condições de lazer, entre outros. A tabela 2.4 a seguir mostra a distribuição dos idosos na cidade de São Paulo nos distritos onde se concentra o maior número de pessoas.

Tabela 2.4 – População idosa da cidade de São Paulo nos principais distritos.

Distritos da cidade de São Paulo com o menor percentual de idosos	
Distrito	%
Campo Limpo	5,13
Capão Redondo	4,74
Jardim Ângela	3,56
Cidade Tiradentes	3,31

Fonte: Fundação SEADE/IBGE Jun/2005. Construída a partir dos dados disponíveis na Cartilha do Idoso. Sec. de Assistência e Desenvolvimento Social. p. 24, 2006. PMSP

Tabela 2.5 – População idosa da cidade de São Paulo nos principais distritos.

Distritos da cidade de São Paulo com o maior percentual de idosos	
Distrito	%
Pinheiros	19
Vila Mariana	16,82
Mooca	18,28
Lapa	16,82
Santa Cecília	16,54
Ipiranga	14,70
Sé	14,58
Vila Formosa	13,27
Vila Prudente	12,77

Fonte: : Fundação SEADE/IBGE Jun/2005. Construída a partir dos dados disponíveis na Cartilha do Idoso. Sec. de Assistência e Desenvolvimento Social. p. 24, 2006. PMSP

A distribuição mostra que a população idosa concentra-se nos distritos mais centrais da cidade onde existe melhor infra-estrutura, maior oferta de serviços especializados públicos e privados, maior rede de entretenimento, cultura, lazer, gastronomia, entre outros.

Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo⁴ em 2000 traça o perfil do idoso paulistano e atesta que a ‘velhice’ é feminina. Para os pesquisadores o idoso se caracteriza por pessoas que desde o início da vida encara grandes adversidades, têm baixa escolaridade, sendo que 21% são analfabetos, 35% começou a trabalhar aos 12 anos de idade em atividade predominantemente física e atualmente mais da metade tem saúde má ou regular, necessitando tomar algum remédio.

- A idade média do idoso paulistano é de 68 anos e as mulheres são a maioria representando 58%;
- 13% dos idosos vivem sozinhos contra 6%, há cinco anos. 70% deles não recebem ajuda de ninguém mesmo que apresentem dificuldades para realizar suas tarefas diárias;
- Para cada 100 homens, há 142 mulheres e o número sobe quando se consideram apenas as pessoas com 75 anos ou mais. Vai para 179 contra 100;
- O idoso paulistano é solidário; 27% deles desenvolvem alguma atividade voluntária;
- De cada 10 idosos, 8 não trabalham mais.

Os dados da pesquisa com os idosos paulistanos acompanham as tendências dos do país no que se refere ao percentual de aposentados, ao número de mulheres superior ao de homens o que explica, em parte, a feminização da velhice.

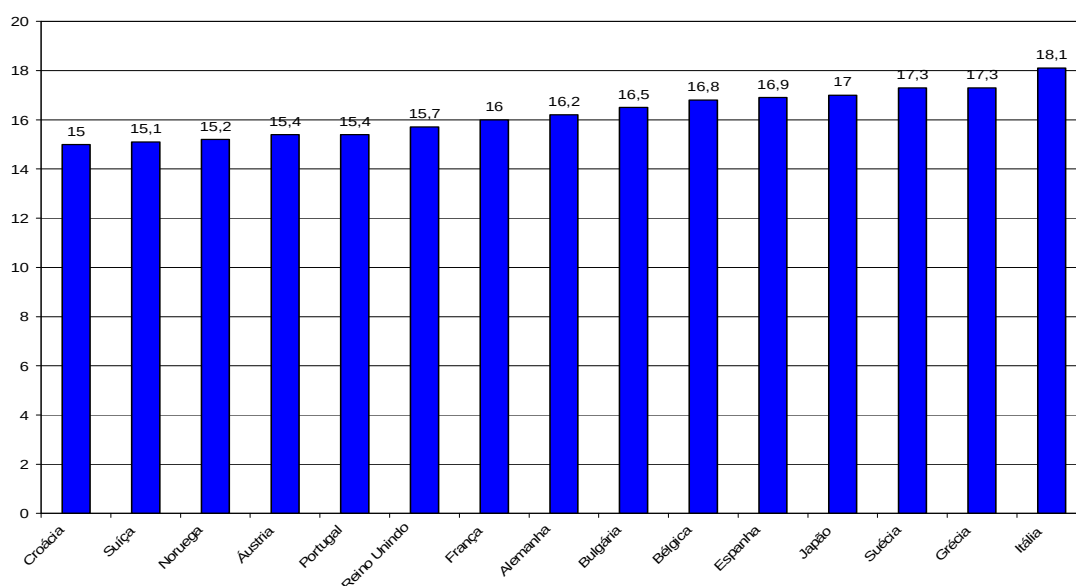
⁴ Com 2.143 pessoas com 60 anos de idade e mais, que viviam na capital paulista em 2000, realizada em parceria com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e apoio da FAPESP.

2.4 Quantos são os idosos em Portugal?

O crescimento da população de idosos é um acontecimento mundial e a literatura de estudos demográficos permite constatar que o aumento da população idosa é um fenómeno que ocorre há séculos, de forma mais acentuada nas ultimas décadas como decorrência do progresso mundial, realçado pelos avanços nos domínios da medicina, nutrição, higiene e outras facilidades que as modernas tecnologias possibilitam.

Neste trabalho, por força do estatuto do idoso, no Brasil, considera-se idoso o indivíduo com 60 anos de idade ou mais, entretanto, em Portugal, assim como nos demais países desenvolvidos e, por convenção da Organização Mundial de Saúde, é considerado idoso o indivíduo com 65 anos de idade ou mais dado que nesses países a tendência generalizada é de que as pessoas vivam um estilo de vida mais saudável e com mais bem-estar. Em estudo sobre Trabalhadores mais velhos e Políticas Empresariais Pestana (2003) alerta que a população europeia está a envelhecer e o seu ritmo de crescimento a abrandar. Na esteira do envelhecimento dessa população o autor ilustra a relação dos quinze países mais velhos do mundo, como sejam, onde os maiores de 65 anos têm o maior peso percentual, ilustrados no Gráfico 2.1. A Itália lidera a posição com o maior percentual de idosos e Portugal fica na 11^a. posição com 15,4%.

Gráfico 2.1 - Os 15 países mais velhos do mundo, 2000 (%da população com 65 anos e mais anos)



Construído e adaptado a partir de Kinsella in Pestana (2003, p. 17)

Os dados reforçam a idéia de que o envelhecimento populacional se dá no hemisfério norte do globo onde a população idosa, em geral, é tendencialmente mais saudável e usufrui de um bem-estar social crescente.

O dinamismo populacional, entretanto, altera a posição e o Japão passa a ocupar o primeiro lugar no ranking dos Países mais idosos em percentual com 21%, dados de 2005 em nota no Caderno Vida & do Jornal O Estado de São Paulo, 01.07.2007 e excetuando o Japão,

os países onde os idosos têm maior peso percentual são europeus. Este facto vem reforçar a idéia, percebida pela maioria de nós, de que este é um fenómeno típico dos países mais desenvolvidos do hemisfério norte do globo, onde a população idosa em geral é tendencialmente mais saudável e usufrui de um bem-estar social crescente. (...) O que não é tanto do conhecimento público é o facto dos países em desenvolvimento deterem, em números absolutos, a maior quantidade de velhos e apresentarem um ritmo de aumento desta faixa da população tão ou mais acentuado como o que se verifica nos países desenvolvidos: se, em 2000, 59% das pessoas com 65 e mais anos vivia em países em desenvolvimento, em 2030, essa proporção deverá ser de 71%. (Pestana, 2003, p17-18)

2.4.1 População de mais de 60 anos em Portugal e Coimbra

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) censo de 2001, Portugal apresenta uma população de 10.357.117 pessoas, o que corresponde ao dobro do seu contingente populacional no início do século passado que era de 5.446.760 pessoas e equivalente a 3% da população europeia. Para Pestana (2003) o declínio dos níveis de fecundidade e o aumento da esperança de vida constituem dois dos vetores centrais da história demográfica recente daquele País e com eles, ou por causa deles, também o envelhecimento populacional. Um dos indicadores que melhor ilustra o envelhecimento demográfico: o índice de envelhecimento - que expressa a relação entre a população idosa (65 e mais anos) e a população jovem (0 a 14 anos) tem um aumento significativo entre 1960 e 2001 passando de 27,3 para 102,2, o que significa que em Portugal, atualmente, existem mais velhos do que crianças.

No mesmo período (1960 e 2001) foi observado também um expressivo aumento na esperança de vida dos portugueses como ilustrado na Tabela 2.6

Tabela : 2.6 - Esperança de vida dos Portugueses por gênero

Esperança de vida dos Portugueses		
Período/Gêneros	1960	2001
Homens	60,7	73,6
Mulheres	66,4	80,5

Construído a partir dos dados constantes in (PESTANA, 2003, p.34)

A intensidade do processo de envelhecimento da população portuguesa é evidenciada por meio da comparação no tempo segundo três grandes grupos etários: A= 0 - 14; B=15 - 64 e C= 65 e + anos. Em 2001 os percentuais do grupo A e do grupo C foram de 16,0% e 16,4%, respectivamente.

Dada a necessidade em obter dados estatísticos referentes ao segmento populacional de mais de 60 anos em Portugal e Coimbra, foi feita uma solicitação diretamente na unidade do INE em Coimbra, por meio da técnica Paula Entresede, que gentilmente cedeu as informações necessárias que aparecem organizadas a seguir nas Tabelas 2.7 e 2.8.

Tabela 2.7 - Distribuição da população idosa de Portugal

Portugal - População de mais de 60 anos de idade				
Grupos etários	Homens	Mulheres	Total	%
60-64	256179	294737	550916	5,32
65-69	244230	293935	538165	5,20
70-74	196615	257347	453962	4,38
75-79	143439	204627	348066	3,36
80-84	76014	125692	201706	1,95
85-89	36167	72252	108419	1,05
90-94	10241	25822	36063	0,35
95-99	1417	5106	6523	0,06
100 e +	95	494	589	0,01
Total	964397	1280012	2244409	21,67
Portugal Pop Total	5000141	5355976	10356117	100

Elaborada pela autora a partir de informações do INE-Portugal-Censo: 2001

A população de mais de 60 anos em Portugal tem um peso bastante considerável na população total, na ordem de 21,67%, entretanto a maior concentração, quase 15% desse segmento está situada na faixa etária dos 60 aos 74 anos, considerada pelos estudiosos como a juventude da terceira idade.

A população de mais de 60 anos em Coimbra, em termos de distribuição, apresenta o mesmo comportamento que o País. Os três primeiros grupos etários compreendidos entre as faixas de 60 e 74 anos representam mais de 15% da população idosa. O percentual da população idosa é de 21,96%, superior a do País em 0,29%. Os dados contam na Tabela 2.8.

Tabela 2.8 - Distribuição da população idosa de Coimbra

Coimbra - População de mais de 60 anos de idade				
Grupos etários	Homens	Mulheres	Total	%
60-64	3654	4398	8052	5,42
65-69	3431	4370	7801	5,26
70-74	2742	3853	6595	4,44
75-79	1986	3013	4999	3,37
80-84	1029	1871	2900	1,95
85-89	473	1090	1563	1,05
90-94	138	426	564	0,38
95-99	16	92	108	0,07
100 e +	1	8	9	0,01
Total	13470	19121	32591	21,96
Coimbra Pop Total	69589	78854	148443	100,00

Elaborada pela autora a partir de informações do INE-Portugal-Censo: 2001

Nas consultas à literatura é comum encontrar alusões ao fato de que o indivíduo português é muito trabalhador e segue trabalhando até uma idade já avançada, como seja muito além dos 60 anos. Pestana (2003) afirma que os trabalhadores mais velhos portugueses apresentam elevados níveis de atividade e as suas idades médias de se aposentarem são também altas, atitude que se constata tanto nos homens, quanto nas mulheres. Em Coimbra, local de residência dos sujeitos desta pesquisa, é possível constatar esse dado ao se observar os prestadores de serviço do comércio - cafés, restaurantes, hotéis, funcionários de transportes, serviços de saúde, lojas do cidadão, instituições de ensino, entre outros.

Essas afirmações e elementos empíricos estimularam a busca de dados estatísticos obtidos no INE referentes à região Central do País, onde se localiza o Conselho de Coimbra. Os dados organizados por grupos etários estão ilustrados na Tabela 2.9 e representam a população com mais de 60 anos que continua trabalhando.

**Tabela 2.9 - Distribuição dos maiores de 60 anos da região Centro de Portugal
(População que trabalha)**

Região Centro onde se localiza a Cidade de Coimbra - População empregada		
Homens e mulheres		
Grupo Etário	Homens e Mulheres	%
60-64	41210	65,68
65-69	13634	21,73
70-74	5058	8,06
75 +	2840	4,53
Total + 60	62742	100,00
Pop Total Região Centro	1.067.864	5,88

Elaborada pela autora a partir de informações do INE-Portugal-Censo: 2001

Os números constantes da Tabela 2.9 referem-se aos maiores de 60 anos que continuam em atividade econômica. Do total de idosos empregados, 65,68 % pertence ao grupo etário (60 - 64) seguidos de 21,73% no grupo etário seguinte (65 - 69). Os outros dois grupos etários (70 - 74) e (75 +) representam 8,06 e 4,53%, respectivamente. Os dados confirmam, portanto, o comportamento dos portugueses em se manterem em atividade econômica com idades bastante avançadas, corroborado por Nunes (2005):

Portugal é o país da União Europeia dos quinze com maior índice de trabalhadores com idades acima de 65 anos, conclusão retirada de estudo “Mulheres e Homens depois da Reforma” realizado pelo EUROSTAT (INE, 2000a). Apesar da grande maioria dos países membros considerar os 65 anos como a idade ideal para a reforma no nosso país 30% dos homens e 18% das mulheres na faixa etária dos 65-74 anos ainda se encontram no activo. (Nunes, 2005, p.16-17)

A tabela 2.9 acima indica apenas os dados da região centro, e os percentuais indicados referem-se ao universo dos idosos e não a população total da região.

CAPÍTULO III

3. PESSOAS COM MAIS DE 60 ANOS E O TRABALHO

O trabalho tem sido o centro organizador de toda vida social desde os primórdios da humanidade, construindo identidades, definindo relações sociais, possibilitando ganhos salariais, contatos profissionais, prestígios, entre outros. O valor do indivíduo, seu reconhecimento enquanto ser humano pode ser medido pelos papéis profissionais que ele representa e pela posição desses papéis no sistema social. Por conseguinte, é a identidade profissional que define o sujeito e determina o seu ambiente na sociedade.

O trabalho pode representar um papel central para o indivíduo, logo, a fonte mais importante de reconhecimento e de valorização. Se o sujeito representa um papel aprovado socialmente, atrai a aprovação e o amor do outro e se na sociedade o papel profissional, além de parecer obrigatório, representa uma das atividades mais valorizadas, o sujeito é levado a exercê-lo como fonte de prestígio, de poder e de aceitação. Cada pessoa se inscreve em um universo diferente de relações sociais e cada um investe na função profissional segundo suas necessidades, suas motivações e suas aspirações. Enquanto determinante do lugar do sujeito no sistema social o trabalho assume a função de fonte de renda e de engajamento social, balizando as ações do sujeito, no que diz respeito aos tipos de atividades sociais e culturais em seu tempo livre, Santos (1990).

Para compreender a natureza do trabalho, De Masi (2000) lembra que é necessário, antes de tudo, explicar como, ao longo do tempo, a sua estrutura foi modificada. O início deu-se com o artesanato em que trabalho e vida coincidiam totalmente. O trabalho artesanal se caracterizava por possibilitar uma visão do todo ao trabalhador que pensava, criava e executava a sua produção. À essas atividades se somavam as funções sociais da família que, via de regra, trabalhava no mesmo ofício. As oficinas eram muitas, separadas umas das outras, sem interação, quicá causadas pelas dificuldades de comunicação. Funcionavam como microempresas, o chefe da empresa era também o chefe da família e o tempo dedicado ao trabalho era o tempo da vida. A revolução industrial deslocou o centro do sistema social para os negócios, fábricas, mercadorias e comércio. Desse modo, modificou-se não só a organização do

trabalho, mas também a da vida. As pessoas se inserem num modelo de existência cujos preceitos são ditados pelo trabalho, pelas empresas e raramente por elas. Desse intervalo histórico herdou-se o fracionamento do dia em: tempo para o trabalho e tempo livre para descanso. Seguindo essa mesma lógica a existência é dividida em três fases: juventude, adultez e velhice vividas sob uma sincronização estereotipada de: estudo na juventude, trabalho na fase adulta e coerção ao descanso na velhice. De Masi (2000) sugere um modelo de vida ideal em que cada cidadão deve ter autonomia na dosagem do seu tempo livre, de acordo com a sua vocação pessoal e a sua situação concreta e propõe que para uma vida melhor e completa uma parte do tempo livre seja dedicada a si próprio, aos cuidados com o corpo e com a mente. Outra parte deve ser dedicada à família e aos amigos e finalmente, uma terceira parte à coletividade, contribuindo para a sua organização civil e política.

3.1 Longevidade e Aposentadoria

O século XXI com as suas modernas tecnologias oferece a uma camada da população a possibilidade de uma vida de mais conforto e comodidade mais saudável e prazerosa. Os avanços nas ciências e a convergência entre a informática e as telecomunicações presenteiam a humanidade com maior longevidade e com a possibilidade de um convívio global. Viver bem além dos 60 anos já é um fato. No Brasil, a vida média do ser humano foi prolongada por mais de três décadas no último século, as aposentadorias são concedidas em média aos 50 anos e o indivíduo não foi devidamente preparado para viver mais 30, 40 ou até 50 anos de seu tempo livre. No tempo de trabalho ele internalizou a idéia de que era insubstituível e indispensável, ao se aposentar perde o lugar no sistema de produção. O papel profissional pode representar para o indivíduo uma das fontes, se não a mais importante, de satisfação de reconhecimento, de prestígio e de poder dado que, o trabalho representa para ele não apenas um meio de sobrevivência, mas a sua inserção no sistema de relações econômicas e sociais. O trabalho e a profissão funcionam como o cartão de visitas, conferindo ao sujeito uma identidade social. O sujeito é aquilo que faz e a sua marca se confunde com a marca da empresa a que está vinculado profissionalmente. O indivíduo pode encontrar no seu papel profissional uma defesa contra as frustrações de outros domínios pessoais, uma fonte de ação e produção que lhe dá um sentimento de ser útil, de servir a algo, de ser reconhecido. Ao se admitir a importância que tem o trabalho na sociedade e na vida, é possível compreender o que pode representar a perda deste papel

no momento em que o indivíduo se afasta do trabalho, mesmo que na condição de aposentado. A aposentadoria significa sempre uma situação de mudança implicando uma perda, que segundo Santos (1990) pode ser:

- a perda das estratégias de comportamentos eficazes, vividos ao longo da vida profissional;
- a perda do poder que lhe foi conferido pelo sistema organizacional durante os anos de trabalho e como tal serviria de fonte de reconhecimento e aceitação;
- a perda da identidade sócio-profissional, acarretando assim uma reorganização da identidade pessoal.

Para melhor compreender essas identidades, a autora afirma que ter uma identidade é perceber-se enquanto pessoa, com um conjunto de características relativamente integradas, estáveis e constantes no tempo. Porém, é preciso por também em evidência as noções de semelhança e diferença porque:

O sentimento de identidade é o sentimento de ser enquanto pessoa diferente dos outros e enquanto ator social, com o conjunto de papéis e de funções que o tornam semelhante aos outros. Ter uma identidade, é, então estar só, no sentido de unicidade, e estar com o outro, na medida em que se compartilham os valores e as representações do grupo social e da cultura a que se pertence. (SANTOS 1990, p.16).

Por conseguinte, emerge uma importante questão: como o sujeito que viveu uma grande parte de sua vida desempenhando certo papel profissional, ao ser desligado dele, pode reorganizar o papel social e em conseqüência sua identidade pessoal? Se o sujeito organiza a sua vida em função do trabalho, quais são os mecanismos adaptativos por ele utilizados no momento de mudança desta situação? A aposentadoria representa uma ruptura com o mundo do trabalho, rompendo hábitos e vínculos, acarretando uma modificação no sistema de relações sociais e no sistema de papéis e *status*. Ao se aposentar o sujeito ganha em média 50 horas semanais de tempo livre que não sabe o que fazer com elas porque não se preparou para desfrutá-las e nesse contexto o trabalhador, sobretudo o do sexo masculino, depara-se com um grande dilema: como planejar uma semana inteira de tempo livre, como recuperar o relacionamento com mulher e filhos, como participar da vida civil se durante toda uma vida profissional ele

foi habituado a viver e usufruir de um tempo planejado e ditado pela empresa e pelos deveres profissionais? É preciso educar o homem para uma vida mais autônoma, mais independente, mais cheia de significados com mais criatividade, menos passividade e menos consumo. No seu livro - *Ócio Criativo*, De Masi (2000) defende que as pessoas devem ser educadas para o ócio, o que significa ensiná-las: como estar bem sozinho, consigo mesmo, como desfrutar a alegria de viver os próprios ritmos e valores, como habituar-se a atividades simples da vida doméstica e finalmente educá-las para uma vida ativa e atuante em sociedade o que implica em redescobrir a importância de conviver com a família, com os parentes, redescobrir o bairro, a cidade, a escola, os agentes de socialização como os clubes, os partidos políticos, lugares de culto, entre outros. Num ambiente onde a escala de valores obedece a leis ditadas por outros parâmetros diferentes daqueles que emanam do trabalho, esses locais podem servir de pontos de relacionamentos eficazes, tanto quanto a empresa. Foi a indústria que separou o lar do trabalho, a vida das mulheres da vida dos homens, o cansaço da diversão. Foi com o advento da indústria que o trabalho assumiu uma importância desproporcional e se tornou uma categoria dominante da vida humana levando a uma condição menor as demais instâncias: família, estudo e tempo livre. Educar para o ócio é desenvolver a criatividade e inserí-la no dia a dia, na criação de novas perspectivas, na busca de novas possibilidades. Para falar de novas possibilidades, como por exemplo, a escolha de um lugar para passear, o autor se lança numa viagem com a imaginação pelos continentes, chega ao Brasil e descreve como seria o seu desembarque:

No Brasil, em Salvador, nas ruas calçadas do Pelourinho, avermelhadas pelo sangue antigo dos escravos. No Rio, na floresta encantada da Tijuca. Em Ouro Preto, nas frescuras das ruas. Em São Paulo, no desespero de suas favelas. Nas praias de Angra e nas pousadas de Paraty. No plano-piloto de Brasília, entre os honestos edifícios projetados por Niemayer e os exóticos jardins esculpidos por Burle Marx. Jorge Amado seria nosso guia: 'Escutas? É a chamada insistente dos atabaques na noite misteriosa. Se vieres, soarão ainda mais forte, na batida potente da chamada do santo, e os deuses negros chegarão vindos das florestas da África para dançar em tua honra. Com os seus vestidos mais bonitos, dançarão as suas danças inesquecíveis... Os ventos de Iemanjá serão só uma doce brisa na noite estrelada. Com ela não verás somente a casca amarela e luminosa da laranja. Verás também os gomos apodrecidos que dão nojo na boca. Porque assim é a Bahia, mistura de beleza e sofrimento, de abundância e fome, de riso alegre e lágrimas ardentes'. Em nenhum outro país do mundo a sensualidade, a oralidade, a alegria e a inclusividade conseguem conviver numa síntese tão

incandescente. Um povo mestiço, cordial, civilizado, pobre e sensível habita esta paisagem de sonho. (DE MASI, 2000, p. 335)

Quanta satisfação o homem pode obter de coisas que compõem o seu dia a dia que independem de maiores recursos como dinheiro, status e prestígio profissional? Entretanto, como se apresentar aos seus pares sem as referências que perdeu com o trabalho? Como abdicar de comportamentos que o acompanharam por quatro décadas ou mais? Essas questões assumem uma dimensão mais complexa quando o indivíduo em questão trata-se de um idoso. Destituído de sua carreira e identidade construídas durante anos e décadas num determinado espaço e tempo ele perde duplamente no que diz respeito a sua identidade: a social e a profissional.

3.2. Aposentadoria e velhice.

A aposentadoria é, na maioria das vezes, confundida com a chegada oficial da velhice, é o atestado oficial do ser velho, o fato que marca a passagem da fase madura - de produção, para a fase da velhice - prostração e inutilidade. Em certas civilizações, como já foi visto neste trabalho, a velhice é dotada de prestígio, é sinônimo de sabedoria e experiência, o que leva o sujeito a conservar um papel ativo no grupo social. Na sociedade atual em que a ênfase é dada a juventude, e a capacidade de produção, ser velho representam uma perda de prestígio, um afastamento do mundo social. Mesmo em algumas profissões, aquelas associadas às atividades intelectuais e políticas em que a idade, segundo a literatura científica, não constitui empecilho para se desempenhar bem as funções, a chegada da velhice é vista socialmente e na lógica empresarial como a fase em que o indivíduo deve abdicar ao trabalho. Deve-se, portanto compreender as mudanças que se impõem ao sujeito com a chegada da velhice e como elas podem atingir a identidade lembra Santos (1990) ao comentar as principais mudanças no corpo, as fisiológicas e as de caráter psicológico. Embora essas mudanças tenham sido comentadas ao longo do Capítulo I e, mais especificamente no subtópico - os sinais, consideramos relevante acrescentar a visão da autora, sobretudo pelo seu enfoque psicológico. As mudanças do corpo se expressam pelos cabelos brancos, aparecimento de rugas, flacidez dos músculos e silhuetas transformadas, ainda que, em alguns, sejam atenuadas pelos recursos oriundos dos cosméticos e da medicina. As mudanças fisiológicas estão presentes nos problemas ósseos, na atrofia muscular, na perda da elasticidade das veias e artérias, na diminuição da velocidade da circulação; são

invisíveis ao outro e pior, ao próprio sujeito. Por fim as mudanças psicológicas que, não obstante o esforço adaptativo que cada pessoa tenta fazer para enfrentar essa nova imagem de si mesmo encerra uma aceitação muito dificultada pelo grupo social que não valoriza a pessoa idosa e não lhes concede um lugar digno na sociedade. Reestruturar a identidade implica assim um duplo desafio: reestruturar-se interiormente e superar as adversidades sociais a sua imagem.

Nesse contexto surge a grande questão: Que futuro a sociedade reserva ao idoso?

A fase da velhice, com mais frequência, submete a pessoa a danos irreversíveis. Além das perdas de caráter pessoal, existem as sociais: a perda dos amigos, dos familiares, dos pares que ensejam o fim da própria vida. O envelhecimento enquanto fenômeno irreversível conduz inexoravelmente à morte, tornando concreto o prenúncio do fim da vida. Essa certeza, para muitos, é fonte de angústia e pode se tornar em falta de motivação para uma velhice bem sucedida, com alegria e bem-estar. Onde encontrar mecanismos que atenuem essas perdas? A aposentadoria, esta fase em que o homem se retira do trabalho veio como um atenuante. De um lado existe a imagem positiva da aposentadoria como uma conquista, e uma oportunidade de usufruir um direito, de usar recursos que durante anos foi poupado. É o momento de colocar em prática projetos até então guardados a espera de realização, de curtir a família, os filhos, os netos, enfim uma fase para desfrutar de autonomia nas escolhas das atividades e até do repouso. Por outro existe a imagem de uma vida vazia, sem propósitos, sem objetivos, sem o *status* e o prestígio profissional, enfim um modo de viver a solidão.

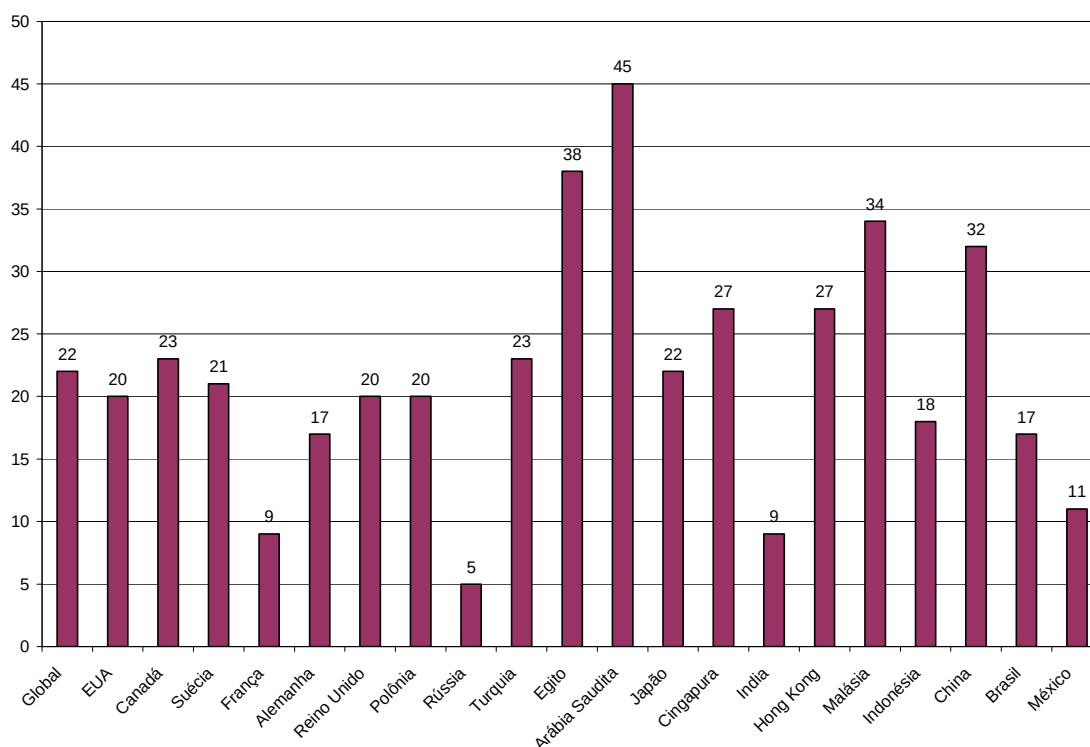
3.3 O homem - um ser gregário

O ser aposentado que não se educou para um novo modelo de vida sofre com o isolamento e a biologia humana, rejeita essa condição. Monteiro apud Corte (Orgs) (2005) adverte que o homem morre quando cessa o aprendizado. O indivíduo aposentado, isolado, sem chance de doar o que aprendeu ao longo da vida, morre porque ao não doar a sua experiência de vida, nada recebe. O homem é um ser gregário que se alimenta de afeto e se a cadeia do dar e receber é interrompida, ela não sobrevive. O atual cenário comprova que muitos profissionais aposentados reingressam no mercado de trabalho, seja exercendo as mesmas funções, ou aprendendo novas como meio de possibilitar um aumento de renda, um complemento da aposentadoria. Mas, seria o aumento de renda a única motivação para essa volta ao trabalho? A motivação pode

estar associada à idéia de trabalho e prestígio, ou, inversamente, não trabalho e desprestígio? Outra possibilidade está atrelada ao fato do trabalho fazer parte da vida das pessoas como um fim em si mesmo.

Uma pesquisa de autoria do *Oxford Institute of Ageing - Integrante da Oxford University*, realizada pelo HSBC em mais de 20 países, em 2006, entrevistou mais de 21000 pessoas acerca de questões relativas ao trabalho, a aposentadoria, a longevidade e sobre o tipo de atividade que elas querem desenvolver após a aposentadoria. Segundo a pesquisa, nas economias adiantadas, existe uma tendência clara nos últimos vinte anos para mais atividade na aposentadoria. O estudo mostra que, ao redor do mundo, as pessoas têm uma percepção positiva da aposentadoria e pretendem aproveitá-la ao máximo, com novas formas de trabalho remunerado, voluntário, novos hobbies, descanso e lazer.

Gráfico 3.1 - Ocupar o tempo com algo que tenha sentido e valor (porcentagem)

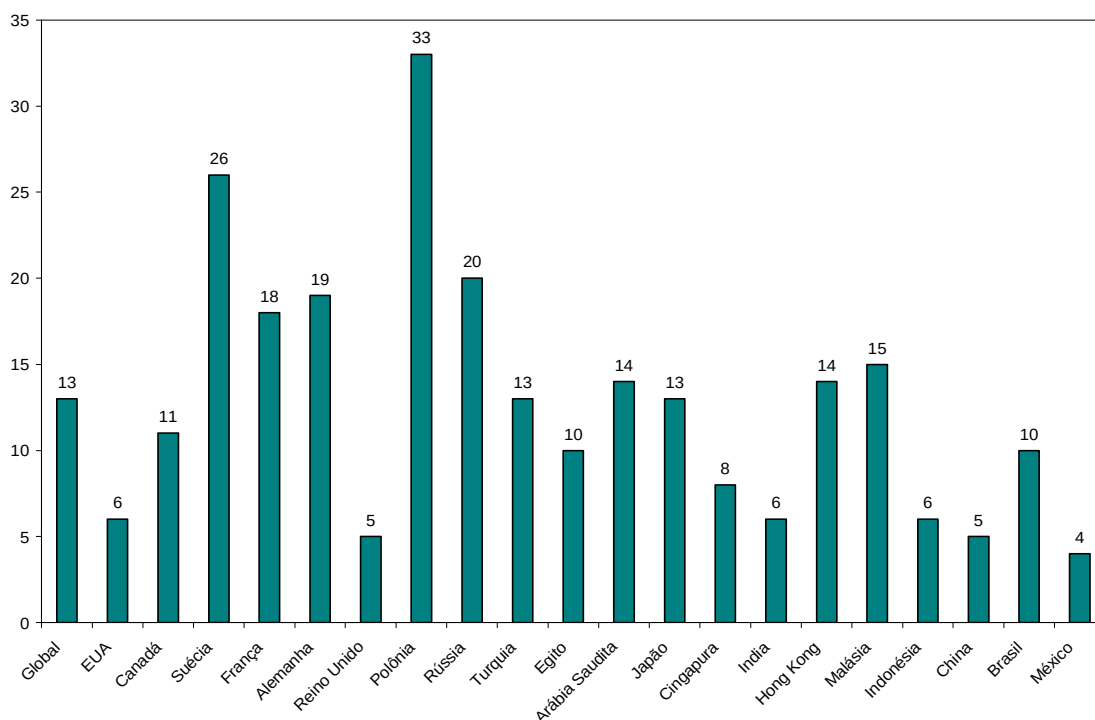


Fonte: HSBC Future of Retirement Research, 2006. Adaptado

Gráfico 3.1 - Ocupar o tempo com algo que tenha sentido e valor - Menos de um quarto das pessoas ao redor do mundo acham que a prioridade para continuar

trabalhando é ter algo significativo para fazer. A média global desse quesito é de 22% , no Brasil esse item é de 17%, semelhante à Alemanha e bem próximo dos percentuais obtidos em Países como Reino Unido e EUA com 20%, Suécia com 21%, Japão 22% e Canadá 23%.

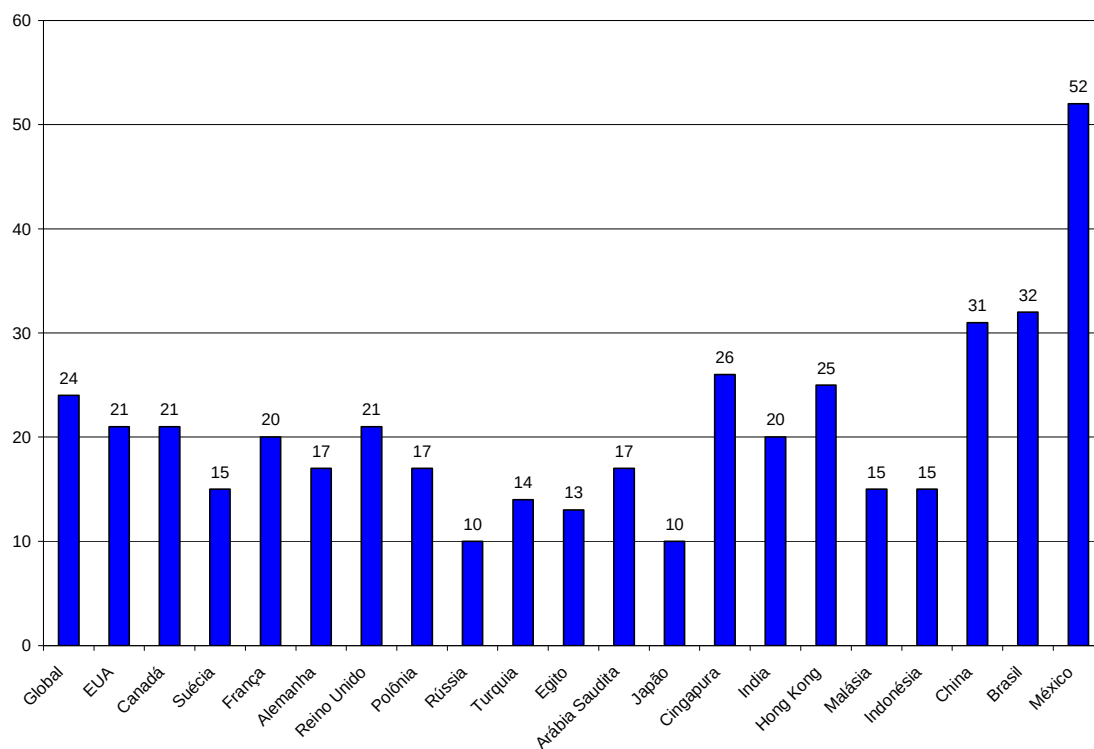
Gráfico 3.2 - Ter contato com outras pessoas (porcentagem)



Fonte: HSBC Future of Retirement Research, 2006. Adaptado

Gráfico 3.2 - Ter contato com novas pessoas - Nesse item os brasileiros obtiveram o percentual de 10%, a menor pontuação observada nas cinco variáveis que apuram os motivos pelos quais as pessoas querem trabalhar após aposentadas. Está abaixo da média dos demais países consultados e talvez essa pontuação se justifique pelo jeito extrovertido de ser dos brasileiros - o de relacionar-se com facilidade em qualquer circunstância, ou ocasião.

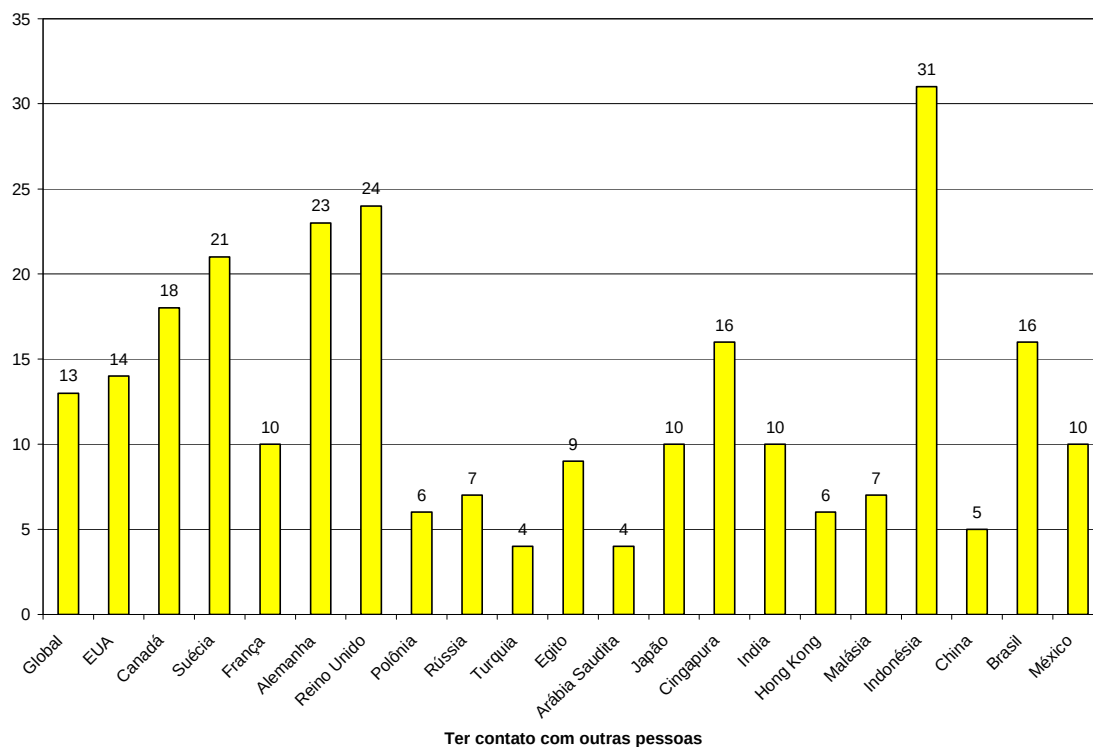
**Gráfico 3.3 - Manter-se ativo fisicamente
(porcentagem)**



Fonte: HSBC Future of Retirement Research, 2006. Adaptado

Gráfico 3.3 - Manter-se ativo fisicamente - Os brasileiros, nesse item, se destacam com uma preferência de 32%, bem acima da média dos demais países, 24%, entretanto ainda distante dos mexicanos que obtiveram 52%.

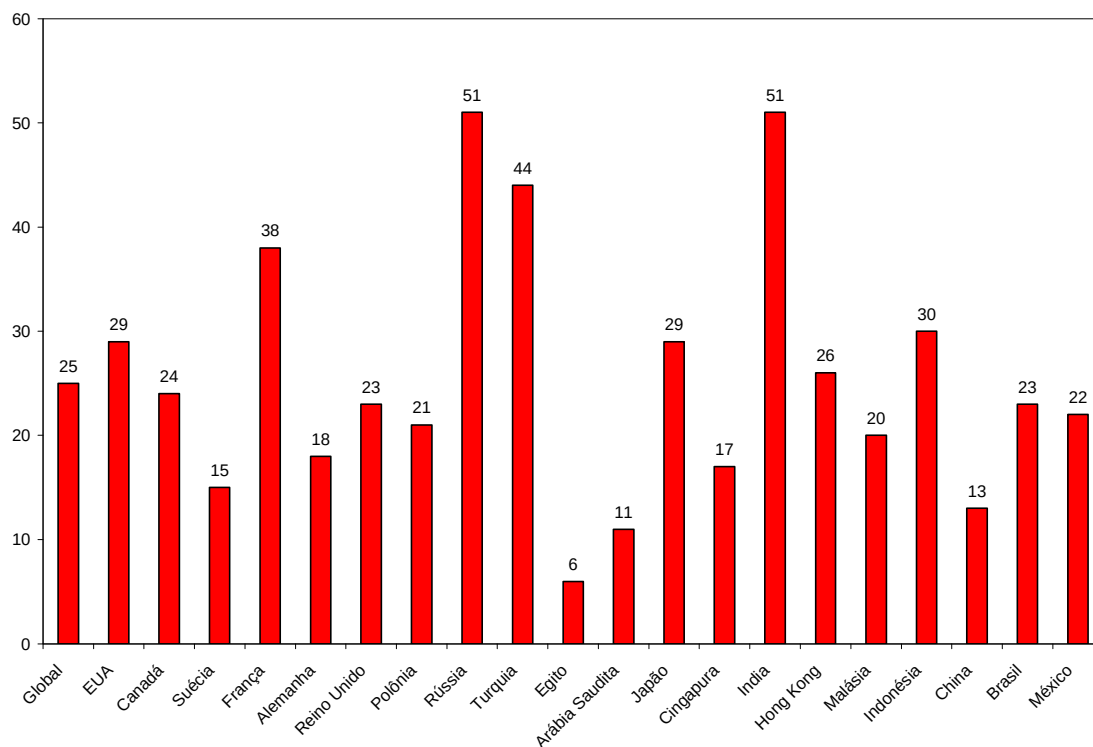
**Gráfico 3.4 - Estímulo Mental
(porcentagem)**



Fonte: HSBC Future of Retirement Research, 2006. Adaptado

Gráfico 3.4 - Estímulo Mental - Esse item corresponde a 16% na motivação dos brasileiros a querer trabalhar na idade avançada, empatando com Cingapura e situando-se acima da media dos outros países 13%.

**Gráfico 3.5 - Dinheiro
(porcentagem)**



Fonte: HSBC Future of Retirement Research, 2006. Adaptado

Gráfico 3.5 - Dinheiro - Na média global o dinheiro representa um quarto dos motivos que levam as pessoas a trabalhar na idade avançada. Os brasileiros se aproximam da média com 23% e apresentam comportamento semelhante ao de economias desenvolvidas como Reino Unido com igual percentual e Canadá com 24%.

De acordo com o relatório da pesquisa muitas pessoas gostariam de ter a oportunidade de trabalhar além da idade de aposentadoria tradicional ou mesmo combinar trabalho e aposentadoria, não obstante, vale ressaltar que continuar trabalhando é questão de escolha para algumas pessoas, mas para muitas outras é questão de necessidade, entre elas financeira. Finalmente, o relatório realizado pelo HSBC, aponta que as pessoas, dos países pesquisados (incluindo Brasil), vêm na idade avançada, maiores possibilidades de intensificar o relacionamento com familiares e

amigos. Essas expectativas, segundo o relatório, favorecem o surgimento de uma visão positiva e satisfatória em relação à velhice.

Utilizar o trabalho como um meio de ocupar o tempo é uma estratégia que pode dar resultados positivos, principalmente se são respeitadas as limitações do organismo das pessoas idosas. O trabalho possibilita oportunidade de contatos com diferentes pessoas e a comunicação mantém a mente ativa. “O aspecto emocional do trabalho é muito importante porque preserva a identidade pessoal. A inatividade profissional traz prejuízo mental e pode provocar episódios de depressão, especialmente nos homens.” (VIEIRA, 2006:1) O autor apresenta depoimentos de vários profissionais: médicos, artesões, músicos, jornalistas e escritores com idades situadas entre 90 e 96 anos de idade, que mantêm uma rotina diária de trabalho, pontuada de bom humor, motivação e prazer. Segundo a opinião desses ‘noventões’ é no trabalho que eles encontram o segredo da longevidade.

3.4 A participação do Idoso no Mercado de Trabalho

A participação dos idosos no mercado de trabalho é uma particularidade da sociedade brasileira. Para Camarano (1999, p.9) este fato incide nos idosos aposentados e não aposentados que também tem uma participação significativa na renda familiar. Em 1998, em média, um idoso contribuía com 53% da renda das famílias em que vivia. Embora grande parte dessa renda seja proveniente dos benefícios previdenciários, a contribuição da renda do trabalho não é desprezível e nas famílias em que o idoso contribui mais, ele é mais valorizado e respeitado. Ainda segundo Camarano, em 1977, 4,5% da PEA⁵ brasileira era composta por idosos e esse número dobrou em 1998 para 9%. Um estudo na PEA idosa⁶ revela aumento significativo na participação de pessoas aposentadas, de ambos os sexos, que continuam trabalhando, mas com maior expressividade no grupo feminino, conforme Tabela 3.1, a seguir.

⁵ PEA = População Economicamente Ativa.

⁶ PEA Idosa – População Economicamente Ativa entre as pessoas com 60 anos ou mais de idade.

Esse comportamento das pessoas idosas, aposentadas, continuarem trabalhando suscita alguns questionamentos sobre as suas reais motivações: Teriam essas pessoas se aposentado de maneira muito precoce? Os valores da aposentadoria são muito baixos e as pessoas buscam trabalho no intuito de melhorar os seus rendimentos?

Tabela 3.1 – Participação dos aposentados na PEA Idosa.

Participação dos Aposentados na PEA Idosa Período 1978 - 1998			
Feminino		Masculino	
Ano	%	Ano	%
1978	16,1	1978	28
1998	40,1	1998	58,6

Fonte: Construída a partir dos dados apresentados por Camarano, 2001, p.6

As pessoas idosas, aposentadas, são menos exigentes em relação ao que as vagas no mercado oferecem por não ficarem presas aos benefícios sociais que elas já dispõem? Não há respostas precisas a esses questionamentos, porém o fato é que no Brasil, mais da metade dos idosos do sexo masculino e mais de um terço dos do sexo feminino que estavam no mercado de trabalho eram aposentados em 1998 (Camarano, 1999). Os questionamentos não param por aqui, o aumento da esperança de vida da população como um fato motivador para que o idoso permaneça em atividade, não deve ser um fator desprezado, além de outros fatores de ordem econômica, nível de escolaridade, condições de saúde. Essas questões são de extrema relevância para a sociedade e

apresentar uma conclusão sobre a participação do aposentado no mercado de trabalho é um assunto complexo pois, se esse realmente, compete com o jovem no mercado de trabalho, muitas vezes em melhores condições, a renda do trabalho dos aposentados tem um peso bastante importante na sua renda e, na de suas famílias. Foi observado que nas famílias onde os idosos contribuem mais é maior a contribuição da renda do trabalho. Uma pergunta que fica é em que medida a nova política previdenciária, que teve como um dos

resultados a redução do benefício, influirá na participação do idoso no mercado de trabalho (Camarano, 2001, p.20) .

Seria desejável que a participação do idoso no trabalho viesse a contribuir com as instituições: empresas, previdência, sociedade e ainda com os seus pares jovens, por meio da possibilidade de um intenso e salutar convívio, que poderá resultar não só em ganhos econômicos, mas, sobretudo, numa troca de experiência e aprendizagem entre as gerações.

CAPÍTULO IV

4. EMPREENDEDORISMO E MERCADO DE TRABALHO

Haverá empreendedorismo sênior?

Pedro Hespanha⁷

O mundo moderno impõe ao ser humano, a necessidade de aprendizagem e reaprendizagem de forma contínua. Uma sociedade em que os indivíduos respondem proativamente a essas demandas assumindo a responsabilidade pelo seu aprendizado constante e seu autodesenvolvimento tende a se transformar em uma sociedade empreendedora, que é capaz de sonhar, planejar e transformar os sonhos em realidade. Drucker (2005, p.20) afirma: “o surgimento da economia empreendedora é um evento tanto cultural e psicológico, quanto econômico ou tecnológico” e independentemente das suas causas, os seus efeitos estarão acima de todos os de ordem econômica, por conseguinte as tecnologias modernas de administração possibilitaram essa mudança na sociedade, como seja: a inovação sistemática e a busca e aproveitamento de novos horizontes para satisfazer a carências e necessidades humanas.

Para Shumpeter (1961) o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais. O autor destaca o papel fundamental da inovação no ato de empreender e seu impacto no desenvolvimento econômico. O autor realça cinco diferentes tipos de inovação; i) introdução de novos produtos no mercado ou de produtos já existente e melhorados; ii) novos métodos de fazer os produtos; iii) abertura de novos mercados; iv) utilização de novas matérias-primas; v) criação de novas formas de organizar uma indústria e o autor entende a inovação como uma nova combinação de recursos produtivos, diferente da invenção que significa: novas idéias e conceitos. O empreendedor é, por excelência, o agente detentor dos mecanismos de mudança com capacidade de explorar novos nichos de oportunidades pela combinação de distintos recursos ou por diferentes combinações de um mesmo recurso.

⁷ Pedro Hespanha em Seminário sobre o microempreendedorismo em Portugal no Instituto António Sérgio em Lisboa 23.06.2008.

Para Drucker (2005) quanto mais os indivíduos avançarem em seus estudos, mais empreendedoras serão suas trajetórias e mais exigentes os seus desafios para o aprendizado. Dessa forma é melhor que se preparem para mudanças constantes nas suas tarefas e funções, no mundo do trabalho, porque ao longo do tempo as suas carreiras poderão mudar para atender às demandas das empresas ou dos próprios projetos. Embora o termo ‘Empreendedorismo’ tenha uma forte relação com a esfera econômica, o empreender diz respeito a todas as atividades do seres humanos. Ser empreendedor é ser proativo, ser capaz de identificar oportunidades de negócios ainda não exploradas e necessidades humanas ainda latentes. “O empreendedor sempre está buscando a mudança, reage a ela, e a explora como sendo uma oportunidade”. (DRUCKER, 2005, p.36)

No campo das várias proposições teóricas Vale (2008) considera que existe grande sintonia entre os pressupostos inerentes à abordagem das redes (comunidades coesas e interconectadas) e à abordagem do empreendedor como agente capaz de identificar oportunidades dado que o empreendedor aí atua conectando recursos dispersos, mas conhecidos, presente em diferentes redes ou grupo sociais, lançando mão, para isso, de conexões e contatos privilegiados. Dessa forma vai ocupando e preenchendo espaços até então vazios no mercado com novas formas de bens e serviços e, neste particular, o setor de prestação de serviços aponta como um nicho de infinitas possibilidades.

4.1 É possível ensinar empreendedorismo?

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar corpo na década de 1990, quando entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) foi criado. Antes praticamente não se falava no assunto e os proprietários de micro e pequenas empresas não dispunham desse tipo de suporte para informações e apoio técnico. No Brasil o termo ‘empreendedor’ é vulgarmente associado à figura do empresário, proprietário de uma microempresa. Tal fato poderá advir dos eventos, cursos e serviços destinados às micro e pequenas empresas usarem em seus programas e conteúdos inúmeras referências ao termo. O SEBRAE, unidade do estado de São Paulo, apresenta em sua missão o seguinte texto: “Desenvolver e consolidar a força empreendedora paulista voltada para o segmento dos pequenos negócios, contribuindo para o desenvolvimento de São Paulo e do País”. Apesar da

legitimidade da missão e do merecido e necessário apoio que deve ser destinado aos pequenos e micro empreendedores, o indivíduo empreendedor pode e deve estar presente em qualquer lugar, tipo e tamanho de empreendimento. Importa referir também que se verifica a presença do empreendedor nos diferentes níveis sociais e econômicos e nas diferentes faixas etárias.

Portela (2008) sublinha a amplitude do conceito para os distintos tipos como nos exemplos: empreendedor interno (*intrapreneur*) no seio de uma determinada organização, do empreendedor feminino, do empreendedor imigrante, do empreendedor coletivo, entre outros. O que em todos esses conceitos se enfatiza é o papel de indivíduos e grupos sejam eles micros ou pequenos, na mudança de instituições, de políticas e de condições sociais. Dornelas (2005) entende o empreendedor como aquele que faz as coisas acontecerem, se antecipa aos fatos e tem uma visão futura da organização. Nesse conceito o autor examina o empreendedor à luz do seu desempenho numa organização e nessa perspectiva elenca inúmeras características encontradas em sua personalidade e comportamento tais como: ser visionário; indivíduo que sabe tomar decisões, que faz a diferença, que sabe explorar ao máximo as oportunidades; uma pessoa determinada e dinâmica, dedicada, otimista, apaixonada pelo que faz, independente, líder e formador de equipe, bem relacionada, sabe planejar e organizar, possui conhecimento, assume riscos calculados, cria valor para a sociedade e fica rico. Abaixo essas características de modo detalhado.

Visionário: é o indivíduo que antevê o futuro para a sua vida pessoal, profissional, familiar e mais importante: sabe sonhar e é capaz de implementar os sonhos;

Sabe tomar decisões: tem a capacidade de lidar bem com os próprios medos, sabe tomar a decisão na hora certa e implementar as ações com rapidez. Sabe encarar as adversidades. Esse é um dos fatores chaves para o sucesso do empreendedor;

São indivíduos que fazem a diferença: o empreendedor é capaz de transformar algo de difícil definição, como uma simples idéia, em algo concreto, que funciona, que se torna útil, que serve as pessoas;

Sabe explorar ao máximo as oportunidades: para a maioria das pessoas, as boas idéias são daqueles que as vêem primeiro, por sorte ou acaso. Para o empreendedor as

boas idéias são geradas daquilo que todos conseguem ver, mas não identificaram algo prático para transformá-las em oportunidade, por meio de dados e informação;

São determinados e dinâmicos: os empreendedores atropelam as adversidades, ultrapassando os obstáculos, com uma vontade impar de fazer acontecer. Por seu dinamismo cultivam certo inconformismo diante da rotina e da própria vida;

São dedicados: são pessoas dedicadas ao trabalho, as pessoas, à família. São dotados de uma energia para encarar as adversidades e continuar a perseguir os sonhos. São incansáveis.

São otimistas e apaixonados pelo que fazem: eles adoram o trabalho que realizam. É esse amor ao que fazem o principal combustível que os mantém cada vez mais animados e autodeterminados, tornando-se os maiores vendedores dos seus produtos, sejam eles simples objetos ou idéias. O otimismo faz com que sempre enxerguem o sucesso, em vez de imaginar o fracasso.

São independentes e constroem o próprio destino: eles querem estar à frente das mudanças e serem donos do próprio destino. Querem ser independentes, ao invés de empregados; querem criar algo novo e determinar os próprios passos, abrir os próprios caminhos, ser o próprio patrão e gerar empregos;

São líderes e formadores de equipes: os empreendedores tem um senso de liderança incomum. São capazes de despertar o respeito e admiração dos seus funcionários porque sabem valorizá-los, reconhecê-los enquanto pessoas e sabem recompensá-los;

São bem relacionados: os empreendedores sabem construir uma rede de contatos que os auxiliam no ambiente interno em que estão inseridos, seja no familiar, no ambiente social ou no profissional. São capazes de construir os relacionamentos, de conservá-los e de mantê-los;

São organizados: são pessoas capazes de obter os recursos materiais, humanos, tecnológicos e financeiros, de forma racional e sabem alocá-los com eficiência e eficácia;

São planejadores: os empreendedores planejam cada passo do seu empreendimento, desde o primeiro rascunho até a concretização total da ideia, do projeto;

Possuem conhecimento: tem sede de aprender, por isso são humildes para reconhecer que precisam aprender sempre, de forma contínua. O conhecimento pode vir da experiência prática, de informações obtidas em publicações especializadas, em conselhos, em orientações e em dicas.

Assumem riscos calculados: para ser empreendedor o indivíduo precisa assumir riscos calculados. Para assumir riscos, tem que conhecer bem o ambiente em que está inserido, tem que saber gerenciar o risco e avaliar as reais chances de ter êxito.

Criam valor para a sociedade: os empreendedores utilizam seu capital intelectual para criar valor para a sociedade, com a geração de empregos e criação de produtos e serviços que dinamizam a economia, inovam os bens circulantes e podem melhorar a vida das pessoas.

Ficam ricos: o empreendedor lida bem com o dinheiro e entender que ele é a consequência do êxito no seu empreendimento.

É um mito acreditar que todas as pessoas nascem com todas essas características. Entretanto um exame, mesmo que superficial, demonstra que muitas delas são passíveis de aprender. O tema ‘ensino do empreendedorismo’ evoca de imediato novas formas de aprendizado e relacionamento. Por quê? Porque os fundamentos do empreendedorismo não se incluem no conceito tradicional do que se aprende na escola. Ser empreendedor não é somente uma questão de acúmulo de conhecimento, mas é, principalmente, a internalização de valores, atitudes, comportamentos, forma de percepção do mundo e de si mesmo voltados para a atividade em que o risco, a capacidade de inovar, perseverar e de conviver com a incerteza são elementos indispensáveis.

O empreendedorismo é hoje um fenômeno global sobre o qual as instituições públicas e privadas têm destinado investimentos para pesquisa, ensino e práticas. No Brasil, são inúmeros os cursos em nível de graduação e pós-graduação relacionados ao tema além de constituir disciplina em vários cursos na área de humanas, exatas, saúde entre outros. Espera-se que essas iniciativas do ensino do empreendedorismo tragam os

benefícios esperados e que eles sejam disseminados no sentido de fortalecer o entendimento de que é possível aprender a empreender.

De acordo com Ângelo (2003) as alavancas fundamentais para o empreendedorismo em determinado país são: i) acesso ao capital de investimento; ii) baixo grau de intervenção e regulação do Estado; iii) padrões sócio-culturais que demonstram uma postura favorável à atividade empreendedora. O autor apresenta três modelos conceituais de ambiente empreendedor:

- o modelo de livre mercado que conta com uma intervenção governamental mínima como é o caso dos Estados Unidos;
- o modelo de individualismo monitorado baseado ainda no estímulo aos empreendimentos individuais, mas utilizando políticas públicas como catalizadoras das energias empreendedoras, casos de Singapura e Taiwan;
- o modelo da social democracia que combina o estímulo aos empreendimentos com forte ênfase na proteção social, no qual o governo é um jogador-chave no estabelecimento das regras onde os empreendimentos podem florescer, exemplos da Alemanha, Holanda e Suécia.

As diferenças entre os países no que se refere à cultura, modelos econômicos, incentivo das políticas públicas, distribuição de renda vão refletir nos dois tipos de força propulsora do empreendedorismo: os de oportunidade e os de necessidade. O primeiro é quando o empreendedor identificou ou anteviu uma oportunidade no mercado e o segundo, isto é o empreendedorismo por necessidade, quando se trata dos motivos para sobrevivência, muito comum em países onde há desigualdade de distribuição de renda, como no Brasil. O empreendedorismo é dinâmico e multidimensional, um conceito elástico entre indivíduos e crescimento econômico, entre indivíduos e mudanças sociais e políticas.

O empreendedorismo, enquanto traço comportamental dos indivíduos é contingente, no duplo sentido em que não se trata de um ‘gene’ ou qualidade inata duradoura e em que se restringe a certas actividades e a algumas fases da vida pessoal;

O empreendedorismo manifesta-se quando os indivíduos percebem e tomam a decisão de criar e explorar novas oportunidades (econômicas, sociais, políticas), isto

para lá da incerteza e outros obstáculos, e independentemente dos recursos e instituições imediatamente disponíveis; nuns casos a opção pode radicar-se na percepção de certa oportunidade, noutros casos ela emerge por necessidade, estando esta associada ao impacto do défice das circunstâncias. (Portela, 2008, p. 9)

Recorrendo a Drucker (2005) quando ele afirma que “o surgimento da economia empreendedora é um fenómeno tanto cultural e psicológico, quanto económico ou tecnológico” esses mesmos traços podem ser encontrados na economia brasileira e dinamizados com apoio das instituições como já vem acontecendo. Vale acrescentar que a inclusão dos maiores de 60 anos de idade no público alvo a receber o apoio para alavancar o empreendedorismo, é uma medida que, no mínimo, agrada e acena com possibilidades de resultados auspiciosos.

Segundo Pinchot (2004) empreender no seio de uma organização ou praticar o intraempreendedorismo pressupõe, em primeiro lugar, alinhar as próprias idéias e propostas empreendedoras às estratégias e políticas da empresa em que se trabalha. Para viabilizar o intraempreendedorismo numa organização o autor propõe um programa que contemple no mínimo os seguintes aspectos:

- i) compartilhamento com a liderança das idéias e propostas;
- ii) compartilhamento das dúvidas e das próprias limitações o que fará com os demais membros da organização se envolvam e se comprometam dar as respostas;
- iii) criação de redes e canais de comunicação para agilizar o curso das informações;
- iv) treinamento e desenvolvimento das pessoas com ênfase no papel empreendedor e na solução de obstáculos;
- v) diagnóstico e aperfeiçoamento do clima para inovação.

Dos itens do programa a ideia de tornar-se empreendedor por meio da aprendizagem parece ser a mais relevante para este estudo por se entender que o empreendedorismo é passível de ser aprendido e assimilado por qualquer pessoa que se sinta motivada, pois cada pessoa já deve trazer em si um pouco de característica empreendedora. Nesse particular vale recorrer a Freire (1987) quando ele afirma que o

homem não é um ser vazio a ser preenchido com o conteúdo do seu educador e neste caso do empregador. Ele deve ser considerado como corpo consciente e na sua consciência como “consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”. (FREIRE, 87, p.67). Nesse contexto e acreditando que as técnicas e as competências para se empreender, quer seja em um negócio ou numa organização, são passíveis de ser ensinadas e compreendidas, entende-se que deverá ser respeitado, como no processo educacional, os seus conteúdos de sabedoria, de experiência e de vivência profissional.

4.2 Profissionais mais competentes

Um estudo realizado por Sant’Anna (2008) apresenta resultados de investigação feita com uma amostra de mais de 600 profissionais de nível escolar superior e pós-graduados para medir até que ponto a demanda por profissionais dotados de competências cada vez mais abrangentes e sofisticados encontra-se acompanhada por uma evolução de políticas e práticas organizacionais de gestão que as sustentem. Os dados mostram a exigência por parte das empresas de profissionais com iniciativa de ação e decisão, capacidade de aprender rapidamente novos conceitos e tecnologias, de lidar com mudanças, incertezas, ambiguidades, situações imprevistas, capacidade de inovação, criatividade, autocontrole emocional, visão ampla do mundo geração de resultados efetivos, capacidade empreendedora, entre outras.

No que se refere às práticas de gestão, as percepções dos respondentes indicam que há certa modernidade na dimensão administrativa, notadamente no compartilhamento dos objetivos, missão e metas organizacionais e nos resultados. Sobressaem-se também uma comunicação mais fluida e integração entre os diferentes níveis hierárquicos. Por outro lado, os menores escores apresentados foram no tocante as práticas de gestão de pessoas em que não há mecanismos de avaliação para os bons e maus desempenhos, e ainda prática de gestão destinadas a estimular as pessoas a se preocuparem com aprendizagem contínua.

Ao mesmo tempo em que se exige, quase que de forma indistinta, níveis cada vez mais elevados de competências dos profissionais, o ambiente e a cultura organizacional não favorecem a aplicação dessas competências. Apesar dessas contradições entre exigências e práticas nos modelos de gestão em voga, é salutar a

expectativa otimista de que como em um círculo virtuoso, a demanda por profissionais dotados de competências cada vez mais abrangentes e sofisticadas venha a resultar em modernização das políticas e práticas de gestão capazes de propiciar ambientes organizacionais mais favoráveis ao desenvolvimento e aplicação do máximo potencial de seus recursos humanos afirma Sant'Anna (2008). É inegável que os profissionais mais maduros reúnem essas competências tão requisitadas nas organizações e ainda podem ter a necessária tenacidade de aplicá-las e replicá-las na gestão da empresa.

4.3 Haverá empreendedorismo sênior?

No atual cenário em que se assiste a uma profunda mudança de comportamento dos idosos no que se refere à disposição para novos empreendimentos seja desenvolvendo uma segunda carreira ou criando a sua empresa, deve-se considerar o questionamento do Prof. Hespanha: - haverá empreendedorismo sênior? - haverá empreendedorismo grisalho? Para Portela (2008) a opção individual de empreender em um negócio, construir uma empresa tem motivações de caráter econômico, seja para complemento de renda ou para sobrevivência. Nesse contexto e considerando a tendência dos idosos em encarar novos desafios seja por razões econômicas, seja para ocupar o tempo, a combinação das suas experiências e características empreendedoras é considerada como possibilidade concreta de realizar empreendimentos que venham atender às demandas da sociedade em geral, do público idoso e, conseqüentemente a autorealização desses profissionais que agora se descobrem empreendedores.

Se o crescimento da população idosa gera grandes preocupações para a sociedade e governos face às demandas sociais que advirão em assistências, esse crescimento suscita grandes expectativas no mercado de consumo com empresas se especializando em atender às necessidades desse público sênior em áreas como saúde, alimentação, entretenimento, educação, cosmética entre outros. A tendência é que, a demanda dessa faixa etária, por serviços e produtos customizados, seja crescente e volumosa. Por conseguinte, avalia-se que o empreendedor com 60 anos e mais, pelo seu empirismo, reúna as melhores condições para perceber essas necessidades e oferecer as soluções mais adequadas. Daí a importância da sua participação ativa nos empreendimentos, pois mesmo que ele não seja possuidor dos principais predicados que caracterizam o empreendedor, ele, certamente, é possuidor de uma rica experiência e bagagem adquiridas ao longo de sua trajetória profissional. A mudança de hábitos e

estilos de vida das pessoas idosas leva a uma grande quebra de paradigma não apenas em seus comportamentos, mas, sobretudo, naquelas pessoas que ainda insistem em vê-los como indivíduos passivos e alheios aos acontecimentos. É fato que nesse segmento há aqueles cuja disposição está direcionada para o lazer, prática de diferentes *hobbies* como viagens, atividades físicas, artes marciais, jogo de xadrez com os amigos, porém há outros que, a despeito de investirem no lazer e cuidarem do próprio bem estar, se dispõem a continuar com uma vida ativa no trabalho, seja exercendo as mesmas funções de antes, seja desenvolvendo novas habilidades. Dado que as vagas no mercado se encontram escassas até para os profissionais em início de carreira, os idosos estão se lançando a novos empreendimentos, abrindo o seu próprio negócio.

As organizações investem em programas de *trainees*, universidades corporativas e treinamento para desenvolvimento de pessoas e em geral essas práticas não incluem os profissionais com idades mais avançadas, sobretudo porque na tradição do mercado de trabalho, ainda é muito acanhada a consciência de uma política de retenção de talentos. A lógica de cortar custos incentivando as aposentadorias desses profissionais prevalece, desconsiderando o vasto conhecimento e competências deles construídos em décadas de experiências vividas nessas organizações. Um modo interessante de otimizar os recursos humanos e econômicos seria o de que as organizações (empresas, institutos e universidades) formatassem o ambiente de trabalho de modo a proporcionar as oportunidades de aperfeiçoamento contínuo e trocas de experiências entre os funcionários novos e velhos o que, certamente, traria ganhos significativos para todos os envolvidos.

Em algumas ilhas organizacionais daquelas empresas eleitas anualmente como as melhores para se trabalhar já existem ações para um contínuo aperfeiçoamento e crescimento das pessoas e o ambiente do trabalho passa a representar em suas experiências de vida um local de convívio saudável, de aprendizagem de desenvolvimento e acima de tudo de amizade, companheirismo e solidariedade. Nessa realidade, o trabalho deixa de ser um local de estresse, tensão e sobrevivência para se transformar em fonte de contentamento e autorealização.

No Brasil os trabalhadores aposentam-se relativamente cedo haja vista o fato de que, via de regra, as pessoas começam a trabalhar na adolescência. Outro fator que contribui para essa tendência é a lei da aposentadoria por tempo de serviço que vigorou

até recentemente, permitindo que os trabalhadores se aposentassem com menos de 50 anos de idade e muitos deles estão em plena forma profissional e com disposição para continuar trabalhando após aposentados como assinala Silva (2007) em estudo realizado no setor automobilístico numa montadora da grande São Paulo em Julho de 2007, em que se verifica que das contratações efetivadas naquele período mais de 50% dos indivíduos eram aposentados que antes de se desligarem dos seus empregos, haviam atuado nesse setor, sendo que a preferência dada a esses profissionais fora em função do conhecimento, competências e habilidades que eles tinham. Como vantagem sobre os demais candidatos, esses aposentados tinham também uma larga experiência que fora adquirida no decorrer da trajetória profissional na empresa em questão ou em similares o que representava ganho de horas em treinamentos.

Um levantamento efetuado pelo Ministério do Trabalho, mencionado por Otta (2007), na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)⁸ com base em 2006, demonstra que a maior taxa de crescimento de emprego naquele ano, 9,77%, foi na faixa etária entre 50 e 64 anos. Um dado bastante significativo se comparados a 4,99%, que representa o crescimento da faixa etária entre 30 e 39 anos – considerada a faixa de idade que mais encontrou emprego. A prática de trabalhadores mais maduros no mercado de trabalho também aparece em estudo do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA) relatado por Marin (2006) revelando que, a médio prazo, aumentará a contratação de pessoas mais velhas e diminuirá a de jovens. A causa para essas alterações no mercado de trabalho, estimadas para as próximas décadas, provém da queda na taxa de natalidade no Brasil e a melhoria da expectativa de vida.

As expectativas para 2030 são de que quase metade da População em Idade Ativa (PIA) seja composta por pessoas com mais de 45 anos de idade o que implicará em alterações e adaptações na legislação trabalhista, na gestão das empresas em especial na gestão dos seus recursos humanos. Nesse universo de longevos, admite-se a existência de muitos empreendedores que por diferentes motivos guardaram seus projetos para um amanhã, que agora se impõe. Ainda que fraquezas e limitações existam nessa fase da vida, as experiências pessoais e profissionais vividas por decênios servirão de suporte para suplantar os percalços que poderão advir.

⁸ O estudo leva em conta os trabalhadores com carteira assinada, inclusive os temporários e os funcionários do setor público. Não considera trabalhadores domésticos, nem sem carteira assinada.

4.4 Empreendedorismo - um novo conceito?

Diante do expressivo crescimento da população dos maiores de 60 anos de idade e dos seus novos modelos de comportamento no tocante ao trabalho é imperioso que se possam construir novos padrões nas formas de empreender, tanto no que se refere aos pequenos negócios para os que desejam e se sentem aptos a esse desafio quanto aos que pretendem empreender dentro de uma organização. Néri (2007) explica que no Brasil há uma forte tendência das pessoas abrirem um negócio após a aposentadoria em especial àquelas situadas numa faixa de renda razoável e com bom nível educacional. Essa disposição é confirmada por Bomfim (2005) em matéria no Jornal O Estado de S. Paulo ao apresentar histórias de profissionais brasileiros que após a aposentadoria estão empreendendo em diferentes negócios. Com o título inteligência não se aposenta a matéria traz exemplos de pessoas com idade, entre 64 e 81 anos que utilizam essa nova fase como uma oportunidade para lazer, mais autonomia no estilo de vida e especialmente para novos desafios no trabalho, empreendendo na gestão do próprio negócio ou mesmo numa segunda carreira. A matéria apresenta também pesquisa realizada pelo HSBC e Oxford Institute of Ageing em 2006, já mencionada no capítulo III em que os brasileiros acompanhando tendência mundial, acham como prioritário após aposentadoria continuar trabalhando como uma maneira de ocupar o tempo fazendo algo que lhes dê sentido e valor.

Nas bibliografias de empreendedorismo é praxe encontrar histórias de sucesso envolvendo jovens empresários, donos de seu próprio negócio, ou jovens executivos com carreiras brilhantes no mundo corporativo, entretanto quando se aprofundam os estudos nota-se que por trás desses jovens há sempre a presença de um profissional mais maduro que direta ou indiretamente oferece o apoio técnico e psicológico. Esses profissionais - *mentoring* (função desempenhada por um colega, mais velho, normalmente um líder e com ascendência hierárquica) e *coaching* (pessoa de fora da organização que ajuda na identificação e potencialização das competências técnicas e sociais) - geralmente são pessoas mais maduras, com ampla experiência, conhecimento, paciência, tenacidade para correr riscos e tomar decisões e outros tantos valores intangíveis que são apreendidos ao longo do tempo em suas vivências profissionais.

O mercado de trabalho já aponta para essas tendências ainda que de forma tímida e acanhada no que tange a dar conta da oferta desses profissionais e em particular

dos maiores de 60 anos que buscam novas oportunidades. Nesse contexto Dalmazo (2008) apresenta um estudo realizado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em 100 empresas familiares brasileiras e, em 28% delas, o principal executivo tem mais de 60 anos e, em 55% dos casos, o principal executivo foi também o seu fundador e, portanto um empreendedor, jovem no passado, grisalho no presente. Um dos executivos da amostra que ora conta 74 anos, teve que alterar o regulamento do conselho de administração porque ele não previa funcionários com mais de 70 anos trabalhando na empresa.

No segmento dos maiores de 60 anos há um número expressivo de pessoas preparadas e competentes dispostas a reativar suas atividades profissionais e esse número cresce cada vez mais à medida que as empresas adotam a política de cortar custos incentivando as reformas antecipadas desses profissionais, perdendo com isso um vasto conhecimento e competências construídas em décadas de experiências vividas nessas organizações. Essas perdas atingem toda a organização à medida que afetará as pessoas diretamente atingidas e as que foram poupadas, mas sobre cujos destinos se sentirão incertas. Nessa lógica, ilógica, a economia feita com a saída das pessoas mais maduras e preparadas é utilizada para investir em programas de trainees, universidades corporativas e treinamento para desenvolvimento de novas competências nas pessoas jovens. Os dirigentes de empresas sofrem de uma grave miopia ao deixar de reconhecer os talentos existentes nesses profissionais longevos.

Os trabalhadores brasileiros entram na reforma relativamente cedo, haja vista, o fato de que, via de regra, começam a trabalhar na adolescência. Outro fator que contribui para essa tendência é a lei da reforma por tempo de serviço que vigorou até recentemente, permitindo que muitos trabalhadores se aposentassem com menos de 50 anos de idade. Essas pessoas, ao que parece, no auge das suas forças produtivas, dispostas a desenvolver novas competências não encontram as desejadas vagas no mercado de trabalho. Esse fato aliado a outros de caráter mais desafiador deve ser o motivo para se lançarem a novos empreendimentos e abrir o próprio negócio.

Os empreendedores que desejam iniciar um novo negócio no Brasil, em suas pesquisas devem estar buscando descobrir qual o ramo de negócio que tem mais chance de prosperar nos próximos anos. Rocha (2008) apresenta um estudo realizado pelo SEBRAE-SP, em território nacional, que se propõe responder essas dúvidas e indica os

setores com fortes tendências de crescimento até 2015. Os dados são promissores e a se concretizarem haverá uma elevação equivalente a 76% no número de micro e pequenas empresas que passariam de atuais 5 milhões para 8,8 milhões nos próximos sete anos, no País. Alguns indicadores sobre onde se encontram as boas chances para se criar novos negócios são visíveis como, por exemplo, o aumento da população de mais de 60 anos, o crescimento do mundo digital, todavia o estudo aponta as diferentes áreas onde se concentram as oportunidades:

- mundo digital: da educação a distancia ao *shopping* virtual;
- população com mais de 60 anos: novas demandas desse segmento em serviços específicos em diferentes setores como: saúde, alimentação, vestuário, turismo, entre outros;
- preocupação das pessoas com a saúde: cursos, atividades, lojas especializadas;
- público infantil e sua emancipação do consumo: centros de experiência e lazer, brinquedos;
- aumento dos animais de estimação: novos serviços que vão de hotéis a cemitérios;
- responsabilidade social: reciclagem dos materiais convencionais e do lixo eletrônicos, créditos de carbono;
- ecossoluções: prédios ecológicos, brindes e cursos;
- busca espiritual e mística: retiros, livros, roupas, cursos.
- estética e aparência: plásticas, serviços e produtos
- pessoas que moram sozinhas: serviços domésticos especializados;
- mais tempo em casa: serviços do tipo *plug* e use entregues ou realizados em domicílio;
- segurança: sistemas de segurança, serviços de leva e traz.

O crescimento da população idosa, segundo Rocha (2008) nos últimos 10 anos apresentou os seguintes índices:

- i) os que se encontram na faixa de 60 anos foi de 47,8%;
- ii) os que se encontram na faixa de 80 anos foi de 65% e,
- iii) o aumento da expectativa de vida nesse período foi de 3,4 anos.

Nas grandes metrópoles, como na cidade de São Paulo o setor de serviço estará em alta e as projeções indicam que para 2015 seriam 717 mil novas empresas, ante 665 mil no comércio e 134 mil nas indústrias. A população idosa é citada como o grande filão a demandar novos serviços que até então nem sequer foram formatados. Embora neste e em outros estudos do mercado os maiores de 60 anos sejam apontados sempre como potenciais consumidores, com base na pequena amostra dos sujeitos desse estudo e pelas atuais tendências arrisca-se predizer um cenário em que eles serão os potenciais empreendedores.

4.5 Empreender para uma Velhice bem sucedida

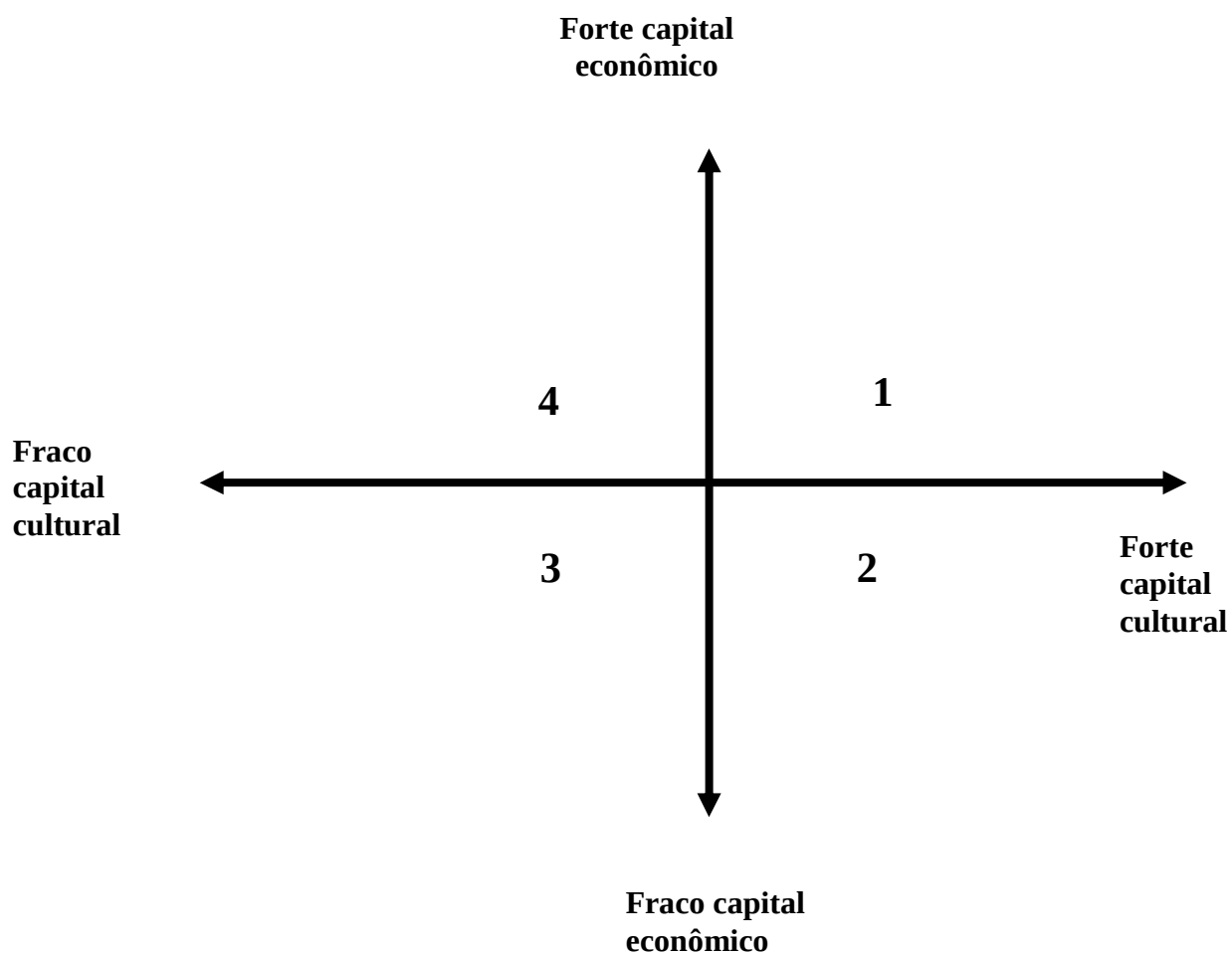
Muitas vezes, padrões sociais atribuídos a partir da idade cronológica dos indivíduos categorizam a velhice carregada de desesperança, fraqueza, limitações. No entanto, estudos comprovam que o avanço da idade não determina deterioração da inteligência, ela está mais associada à educação, ao padrão de vida, às vitalidades física, mental e emocional. O conceito de velhice bem sucedida é apresentado por Néri & Yassuda (orgs) (2004) referindo-se a idosos que mantêm autonomia, independência e envolvimento ativo com a vida pessoal, com a família, com os amigos, com o lazer e com a vida social. São idosos que escolhem continuar desempenhando os papéis sociais, profissionais que até então vinham realizando.

O fato de levarem uma vida ativa, participando de atividades produtivas, contribuindo com a sociedade por meio de suas ações, possibilita que sejam vistos e reconhecidos no meio em que vivem como modelos de velhice boa, saudável e bem sucedida. É evidente que o número de pessoas idosas capazes de realizar tais façanhas é muito pequeno porque além das condições de saúde, o estilo de vida e as condições socioeconômicas e culturais impõem restrições a tais desempenhos.

Nesse sentido vale citar Levet (1998) quando afirma que no domínio intelectual, perde-se pelo desuso e não por abuso ressaltando o quanto o exercício intelectual é indispensável à vida mental, em qualquer idade. A falta de estímulo do pensamento, tem efeitos devastadores. Para a autora o estudo dos processos cognitivos nas pessoas idosas apresenta característica mais delicada do que em outras faixas etárias, haja vista, que o peso dos hábitos, dos constrangimentos, dos condicionamentos, das alienações de

origem econômica e social é mais importante, tendo em conta o tempo durante o qual este imprimiu a sua marca. Se considerar os aspectos econômicos e culturais, é possível distribuir os indivíduos, segundo quatro zonas, que condicionarão inelutavelmente as suas funções mentais, afirma a autora, conforme Figura 4.1 como segue:

Figura: 4.1 Zonas segundo os capitais: culturais e econômicos.



Fonte: LEVET, Maximilienne, 1998, p. 32

Zona 1: (desafogada situação econômica, importante capital cultural) Os indivíduos situados nesta zona gozam de uma situação favorável aos seus interesses intelectuais;

Zona 2: (difícil situação econômica, importante capital cultural) Nesta zona, os indivíduos tentarão compensar o seu fraco capital econômico por acréscimo do capital intelectual;

Zona 3: (difícil situação econômica, fraco capital cultural) Os indivíduos desta zona são desprotegidos cultural e economicamente. As possibilidades de estimulação intelectual ao longo da vida são fracas, ou quase inexistentes;

Zona 4: (desafogada situação econômica, fraco capital cultural) O sujeito tem pouca liberdade de escolha, pois o seu fraco capital cultural em oposição a sua boa condição econômica torna-o tributário da mídia. As suas estimulações intelectuais estão encerradas nas normais sociais.

Diante do quadro apresentado, fica evidente como o baixo capital intelectual deixa o indivíduo em situação desfavorecida, sobretudo quando a esta condição se aliam o baixo capital econômico e indivíduos com idade avançada. A questão que se impõe é: como fazer para compensar, via educação, as perdas mais evidentes nos maiores de 60, em particular no que se refere aos aspectos cognitivos?

Oliveira (2008) remete-se a hipótese da teoria do desuso - um grande número de idosos não usa as competências cognitivas como usava quando na fase adulta - soma-se a isso a constatação de que há uma lentidão maior no funcionamento mental devido a problemas neurológicos que também colocam mais dificuldades de atenção e de concentração. Em todo caso, para compensar eventuais perdas é necessário que o idoso se mantenha sempre intelectualmente ativo, seja lendo, argumentando, pensando, enfim que ele esteja em atividade física e mental. É claro que essas alternativas não abrangem a todos os idosos e aqui vale lembrar aqueles com pouca instrução como os analfabetos e pessoas que não desenvolveram o hábito da leitura, todavia eles podem ser estimulados a esse processo de novas descobertas.

A saída do emprego para a aposentadoria afasta o indivíduo das suas atividades, das suas relações sociais, dos colegas de trabalho, do ambiente e cultura organizacional,

dos cronogramas, ritmos, rotinas e atividades que ele conviveu por longos anos. Ao se aposentar o indivíduo perde esses valores e se depara com o vazio da perda de identidade. Esteves (1995) relata que a sociedade industrial propiciou aos seus membros uma linguagem própria acerca da sua identidade - a questão sobre ‘quem és?’ foi substituída pela nova ‘o que fazes?’ cuja inadequação, se vem a revelar no momento da aposentadoria que coincide com o avançado processo de envelhecimento, na sua dimensão de declínio físico, de perda de autonomia e de acréscimo de dependência.

As instituições públicas e privadas da moderna sociedade terão que desenhar e estruturar a transição do trabalho e do emprego e edificar um quadro de vida incentivador do desenvolvimento humano que atenda às reais necessidades dos novos velhos aos que desejam implementar novos desafios e aos que não querem. Retomando para reformular a questão da periodização da vida em tempo para aprender e só estudar, tempo para o trabalho e só trabalhar e tempo para aposentar e viver apenas do passado, da memória do que fora. A fase de aposentado deveria oferecer aos que assim desejam a possibilidade de utilizar a experiência passada conjugando a aprendizagem de uma vida profissional já consolidada, mas não acabada, com novos conhecimentos e atualizações.

Nessa perspectiva o autor faz referência ao monopólio cultural predominante de estudar a vida em faixas etárias e afirma que felizmente a literatura sociológica tem se dado conta de que é preciso conhecer além das relações das fases da vida e das categorias de idade entre si e entre estas e a sociedade. É fundamental realizar estudos específicos no interior de cada categoria de idade no sentido de compreender as suas necessidades, expectativas e capacidades e também ...

...é necessário conferir ao conceito de ‘carreira de vida’ não apenas definidos por monopólios culturais ou conteúdos monoculturais, mas um grau de flexibilidade e reversibilidade que devolvesse à carreira de vida o aproveitamento de todas as potencialidades de desenvolvimento humano e social. (Esteves, 1995, p.116)

Muitos idosos de hoje foram adolescentes nos anos 60 e além do *rock-n-roll*, queima de sutiãs e bossa nova vivenciaram mudanças importantes nos comportamentos sociais e sexuais como o uso da pílula anticoncepcional, a liberdade sexual, a participação da mulher no mercado de trabalho, as mudanças de comportamento dos casais na educação dos filhos, na gestão da vida doméstica, entre outros. Assim sendo

suas trajetórias de vida são bem diversas daquelas adotadas por seus pais e avós, e por conseguinte:

“um contingente cada vez maior de idosos tem reagido às vicissitudes do envelhecimento desenvolvendo um estilo de vida participativo e integrado. A mudança de comportamento dos idosos, ao que parece, acompanha a mudança de hábitos da sociedade como um todo” (FERRIGNO, Vários Autores. 2006, p. 20)

Nesse contexto essas novas gerações de idosos cuja perspectiva de vida é a de viver décadas além dos 60 anos, organizam suas vidas com novos projetos que levam ao aperfeiçoamento e muitos buscam no trabalho a fonte e a plataforma para a realização desses projetos, pois o trabalho, assim como o empreender:

é visto cada vez menos como dever e mais como uma atividade que leva à auto-realização. Não é mais uma missão social e não é mais o culto central de uma religião civil. Tudo isso preparou o caminho para um novo *ethos*. Agora a crença dominante é de que a verdadeira vocação do ser humano é a plena realização. Dessa forma, o direito do ser humano agora não é viver e trabalhar, mas sim viver e desabrochar, o que requer não só segurança física, mas também material e emocional. (CARLEIAL apud GASPAR 2003, p;148)

Para desfrutar desse novo *ethos* uma nova visão terá que ser construída e inculcada no mundo do trabalho, dos empreendedores e no interior das organizações, de forma que possibilite a realização do ser humano em todas as suas potencialidades, sejam eles empreendedores/trabalhadores com menos ou mais de 60 anos. E é bom que se comece pela família, pois em muitos casos, ela é a primeira a desacreditar e a desrespeitar as reais capacidades de seus parentes idosos.

CAPÍTULO V

5. O CONSTRUTO METODOLÓGICO

O presente estudo se apóia nos parâmetros da pesquisa social qualitativa e busca apreender os sentidos das motivações e perspectivas de vida das pessoas entrevistadas de maneira a buscar algumas respostas para as muitas questões que se desvelam acerca dos componentes do bem-estar destas pessoas, com 60 anos e mais de idade, em seu cotidiano. A pesquisa qualitativa caracteriza-se como uma tentativa de compreender os significados e características situacionais apresentados pelos entrevistados, de modo a revelar as suas convicções como indica Richardson (1999) acrescentando que para muitos pesquisadores qualitativos já existe um entendimento de que as convicções subjetivas das pessoas têm primazia explicativa sobre o conhecimento teórico do investigador. Acrescenta que a definição de pesquisa qualitativa coloca diversos problemas e limitações do ponto de vista da pesquisa social, porque:

i) poucos esforços são feitos no sentido de colocar as concepções e condutas das pessoas entrevistadas num contexto estrutural e histórico e isso conduz a um segundo problema;

ii) a tendência de adotar uma atitude não crítica dessas concepções, vozes e consciência dos entrevistados.

Em resumo acredita-se que o pesquisador tem tudo para aprender da experiência das pessoas que entrevista, mas que a teoria social ainda não pode ter nenhum papel da emancipação delas.

Bogdan e Biklen (1994) indicam que a pesquisa qualitativa é um conjunto de meios e estratégias de se efetuar uma investigação em que os dados obtidos se caracterizam por descrever pormenores relativos a pessoas, lugares, conversas, documentos. A pesquisa qualitativa lida com interpretações das atividades e das realidades sociais.

Há uma polêmica sobre as diferenças de métodos utilizados nos dois tipos de pesquisa social, a qualitativa e a quantitativa, à medida que a primeira utiliza-se de

textos, interpretações e entrevistas e a segunda utiliza-se de números, da estatística e de pesquisas de opinião. Bauer et al (2000) tentam superar tal polêmica baseados em alguns pressupostos como:

- não há quantificação sem qualificação - ou seja, as atividades sociais precisam ser primeiramente distinguidas e somente depois medidas;
- não há análise estatística sem interpretação - ou seja, a interpretação não é monopólio da pesquisa qualitativa. Os dados numéricos não falam por si, necessitam de interpretação.

É necessário, portanto, ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possam medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria porque:

Se alguém quer saber a distribuição de cores num jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais. (BAUER et al apud BAUER & GASKELL 2002, p.24)

Disso emana a conclusão de que ambas as pesquisas: quantitativa e qualitativa representam processos relevantes de investigação prontos a fornecer dados para análises que se bem elaboradas podem oferecer resultados significativos. Nesta pesquisa qualitativa, por exemplo, utilizar-se-á de inúmeros dados quantitativos.

É inegável a riqueza que se pode obter ao estudar questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais afirma Goldemberg (2000). O método qualitativo poderá observar diretamente, como cada indivíduo, grupo ou instituição experimental, concretamente, a realidade pesquisada. A pesquisa qualitativa é útil para identificar conceitos e variáveis relevantes de situações que podem ser estudadas quantitativamente.

Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada do pesquisador na busca de dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e suas relações no mundo em que vivem. O objetivo é

uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

5.1 Definição e organização deste estudo

A proposta do presente estudo é investigar a visão de sujeitos com 60 anos e mais de idade, acerca dos motivos que os levam a continuar exercendo as atividades profissionais e conhecer os elementos que compõem o seu bem-estar. Os sujeitos a serem entrevistados, além do parâmetro etário citado, devem estar em condições de saúde que lhes permitam exercer uma atividade laboral e devem habitar nas cidades: Coimbra e São Paulo. O estudo foi planejado e seguiu um cronograma que se iniciou no primeiro semestre de 2007, após a conclusão das disciplinas e créditos obrigatórios de acordo com as exigências do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e se estendeu até o primeiro semestre de 2009 com os seguintes passos:

- estudo de material bibliográfico referente ao tema da pesquisa;
- exame de qualificação e realização de cinco entrevistas com sujeitos maiores de 60 anos em São Paulo;
- Estágio de cinco meses no Centro de Estudos Sociais (CES) - Universidade de Coimbra com apoio da CAPES pelo Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDDE). Na ocasião foram entrevistados dez portugueses maiores de 60 anos, moradores na cidade de Coimbra;
- Realização de entrevistas com dez brasileiros maiores de 60 anos moradores na cidade de São Paulo. Organização, análise e interpretação dos dados. Feitura e produção do texto final e defesa da tese.

O roteiro para a realização das entrevistas - Anexo A - é composto de sete partes que abrangem os seguintes tópicos:

A: dados demográficos e socioeconômicos;

B: dados referentes ao trabalho; trabalho após a aposentadoria: continuidade do trabalho na mesma atividade/empresa, segunda carreira, isto é início de uma nova atividade em

que, via de regra, são exigidas novas habilidades e competências, criação de um negócio próprio;

C: dados relativos à saúde;

D: dados relativos às práticas de atividades físicas, hobbies e outros;

E: dados sobre os relacionamentos sociais e familiares;

F: Dados relativos à prática de religião e cidadania;

G: A visão do entrevistado acerca da experiência após os 60 anos de idade.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa com entrevistas individuais optou-se por um número de 20 sujeitos, representantes dos dois gêneros. Essa decisão foi apoiada em Gaskell(2000) quando ele atribui o limite máximo entre 15 e 25 entrevistas individuais, em face da viabilidade de transcrição, da análise do conteúdo das entrevistas e ainda do ponto de saturação das informações obtidas nas respostas dos sujeitos. Dado que os sujeitos têm uma rotina bastante ocupada, a maioria das entrevistas foi realizada no próprio local de trabalho, em horas mais tranquilas como início ou fim do expediente e horário do almoço. Outras foram realizadas em cafés, próximos ao local de trabalho do entrevistado. Na cidade de São Paulo, duas mulheres foram entrevistadas na própria residência. Na percepção desta pesquisadora os espaços fora do ambiente de trabalho ou residência foram mais adequados porque os entrevistados aparentavam se sentir mais calmos e motivados a falar de si. Nesse contexto Richardson (1999) refere que a escolha de um local adequado é um aspecto relevante a ser considerado nas pesquisas qualitativas.

O estudo pretende conhecer e registrar o pensamento dos sujeitos entrevistados acerca das suas atividades, das suas condições de vida, das suas relações familiares, sociais e das facilidades e dificuldades de morar nas cidades de Coimbra e São Paulo. A pesquisa não é representativa da população idosa das cidades, todavia se propõe, por meio dela, levantar questões acerca das motivações dos sujeitos para continuar trabalhando e entender a relação do trabalho com a qualidade de vida e o bem-estar dos entrevistados.

5.2. A escolha dos sujeitos

5.2.1 O Trabalho de campo em Coimbra

O ponto de partida para identificar pessoas em conformidade com os critérios do sujeito da pesquisa foi fazer um passeio pelo centro da cidade visitando o comercio. Com uma carta de apresentação do CES iniciei a busca pelos sujeitos no Mercado D Pedro V, situado no centro da cidade, um local que se caracteriza pela concentração de pequenos comércios como: padarias, cafés, açougues, peixarias, doces, queijos, utilidades domésticas, presentes e brinquedos e a tradicional feira de frutas, legumes e verduras. Já havia visitado o local para comprar frutas e iniciado uma conversa preliminar com a proprietária de um dos comercios de frutas que, gentilmente, se incumbiu de me indicar duas pessoas de acordo com a descrição do sujeito desta pesquisa: como seja: ter mais de 60 anos, ser aposentado e estar trabalhando com regularidade, de forma remunerada ou filantrópica. A estratégia de abordagem dos sujeitos compreendia os seguintes passos. Após obter os dados do sujeito como telefone e/ou endereço, fazia-se um primeiro contato em que eram feitas as primeiras explicações sobre a pesquisa. A partir daí era acordado dia, hora e local para a entrevista, respeitando sempre a conveniência do entrevistado, visando o seu conforto e também os seus horários e disponibilidades, haja vista, o fato de que todas essas pessoas são muito ocupadas e, portanto com pouca disponibilidade.

Na seleção dos sujeitos em Coimbra, não obstante o desejo de se igualar a quantidade de pessoas, por gênero, não foi possível atender a essa condição. Entretanto, no quesito ocupação, as modalidades foram bem diversificadas como se pode observar na Tabela 5.1, a seguir.

Há sujeitos donos do próprio negócio, trabalhando de forma remunerada, voluntária e, simultaneamente em ambas as modalidades. O apoio recebido das redes formais (acadêmica e instituições de idosos) e das informais (rede de amigos e vizinhos) foi essencial para o êxito desse trabalho. Das 10 entrevistas realizadas apenas uma aconteceu na residência, as demais foram feitas no local de trabalho ou em um café nas proximidades.

Tabela 5.1 - Dados demográficos dos sujeitos entrevistados em Coimbra.

Sujeitos residentes em Coimbra							
Sujeitos	Idade	Sexo	Estado civil	Filhos	Netos	Nível de Escolaridade	Ocupação (*)
Maria	62	F	Casada	-	-	Curso Superior	TV
Fátima	70	F	Casada	1	1	4ª. Classe	EMP
Tereza	64	F	Casada	2	1	Curso Superior	TV
Aníbal	81	M	Viúvo	1	2	Curso Técnico	TR/TV
Antonio	66	M	Casado	2	1	9ª. Classe	EMP
Amável	68	M	Casado	2	1	Curso técnico	TV
Carlos	70	M	Casado	1	-	4ª. Classe	EMP
José	60	M	Divorciado	1	1	4ª. Classe	TR
Mário	69	M	Viúvo	2	2	4ª. Classe	TR
Nunes	67	M	Casado	2	2	Curso Superior	TR/TV
(*) TR – Trabalho Remunerado; TV – Trabalho Voluntário; EMP – Empresário(a).							

Fonte: Entrevistas realizadas a portugueses residentes em Coimbra, 2008.

Durante as entrevistas que duravam em média 60 minutos, predominava uma atmosfera muito agradável, de muita simpatia e receptividade e referências carinhosas ao povo brasileiro, com elogios ao sotaque do português falado no Brasil, que segundo eles, o entendimento e a compreensão foram bastante facilitados nos últimos tempos por meio das novelas brasileiras que assistem pela televisão, que segundo afirmaram, gostam muito. Sobraram elogios também a beleza das praias do litoral nordestino, local que alguns já haviam visitado e outros planejam visitar brevemente.

Outros aspectos que também foram sublinhados, por muitos, foram a pobreza, a diferença de classes sociais e a violência no Brasil. Alguns sujeitos mencionaram a admiração que nutrem pela pujança da cidade de São Paulo e pela beleza do Rio de Janeiro, entretanto, realçaram também o temor que sentem em fazer uma visita a essas cidades, devido à violência.

5.2.2 O trabalho de campo em São Paulo

Na cidade de São Paulo a busca dos sujeitos se deu por meio de indicação de pessoas amigas, considerando os critérios previamente definidos e um novo que veio a ser adicionado, como seja: os sujeitos teriam de ser de diferentes regiões da cidade, de modo que houvesse uma inserção dos seus domicílios nas áreas espaciais da cidade, *Clusters*, segundo estudo de Bógus & Pasternak (2008) que analisa as mudanças na

estrutura espacial da cidade decorrentes das alterações sociais e econômicas com reflexos no mercado de trabalho. O estudo apóia-se em dados censitários do IBGE, além de outras metodologias.⁹

Na procura pelos sujeitos foram feitas algumas abordagens diretas a trabalhadores do comércio, motoristas de táxi, trabalhadores de feira livre, no entanto a cada tentativa para marcar dia e hora para a entrevista surgia da parte do sujeito um novo empecilho. Dois dos entrevistados manifestaram certo constrangimento no início da conversa no que se refere a passar as informações pessoais, mas aos poucos essa ‘atmosfera’ foi se desvanecendo dando lugar a um clima de confiança. Mesmo assim vários entrevistados solicitaram que o endereço e o telefone não fossem registrados, assim como os rendimentos mensais e outros assuntos de cunho pessoal que alguns comentavam e logo pediam: não registre isso em seu caderno.

Examinando a Tabela 5.2, adiante, nota-se que entre os entrevistados moradores na cidade de São Paulo, todos trabalham em atividade remunerada e entre eles cinco são donos do próprio negócio. Dos cinco empresários, três deles iniciaram o negócio após a aposentadoria que se deu antes dos 60 anos.

Por sua vez, entre os sujeitos moradores em Coimbra, três são empresários e um deles iniciou o negócio após a aposentadoria. Outros três dedicam-se com exclusividade ao trabalho voluntário e um quarto combina trabalho autônomo remunerado com trabalho voluntário. Os dois restantes são assalariados, um continuou na mesma empresa e o outro migrou do setor de construção para prestação de serviços (limpeza e jardinagem).

No que se refere à faixa etária apurou-se a média aritmética das idades dos sujeitos, e a variação foi pouco relevante: sujeitos moradores em Coimbra 67,7 e sujeitos moradores em São Paulo 66,6 anos de idade. As mulheres portuguesas (três) são todas casadas enquanto as brasileiras apresentam a seguinte configuração: uma casada, uma viúva e três solteiras.

⁹ O estudo: A Dinâmica espacial da desigualdade na Região Metropolitana de São Paulo feito pelo Observatório das Metrópoles, núcleo São Paulo.

Tabela 5.2 - Dados demográficos dos sujeitos entrevistados em São Paulo.

Sujeitos residentes em São Paulo							
Sujeitos	Idade	Sexo	Estado civil	Filhos	Netos	Nível de Escolaridade	Ocupação (*)
Denise	66	F	Viúva	4	5	4ª. classe	TR
Eli	64	F	Solteira	-	-	Curso Superior	TR
Isabel	67	F	Solteira	-	-	2º.Grau	EMP
Betânia	70	F	Solteira	-	-	4ª. Classe	TR
Márcia	60	F	Casada	3	2	2º. Grau	EMP
Cesar	69	M	Divorciado	3	4	Curso Superior	TR
Jorge	68	M	Casado	3	-	Curso Superior	TR
Mariano	67	M	Viúvo	2	1	4ª. Classe	EMP
Nilo	73	M	Casado	3	6	Curso Superior	EMP
Orlando	62	M	Casado	4	6	4ª. Classe	EMP
(*) TR – Trabalho Remunerado; TV – Trabalho Voluntário; EMP – Empresário(a).							

Fonte: Entrevistas realizadas a brasileiros residentes em São Paulo, 2008.

Os homens viúvos e o divorciado, moradores em Coimbra, declararam que vivem sozinhos e não mantêm nenhum relacionamento afetivo, enquanto que os dois brasileiros um viúvo e o outro divorciado mantêm relacionamento conjugal sendo que um deles mora junto com a companheira. As três brasileiras solteiras estão sozinhas e segundo os relatos, as suas histórias são bem singulares. Uma viveu um grande amor impossível e jamais se permitiu a uma nova oportunidade. Outra teve uma carreira religiosa debelada pelo pai, dedicou-se ao trabalho e aos pais em quanto viveram e atualmente dedica-se aos sobrinhos e sobrinhos netos. A terceira das brasileiras viveu uma experiência, um casamento não convencional e quando se separaram não quis mais saber de novas chances. A brasileira viúva tem um namorado e em breve eles vão compartilhar o mesmo teto por alguns dias da semana, pois sua morada será dividida entre as cidades: São Paulo e Praia Grande.

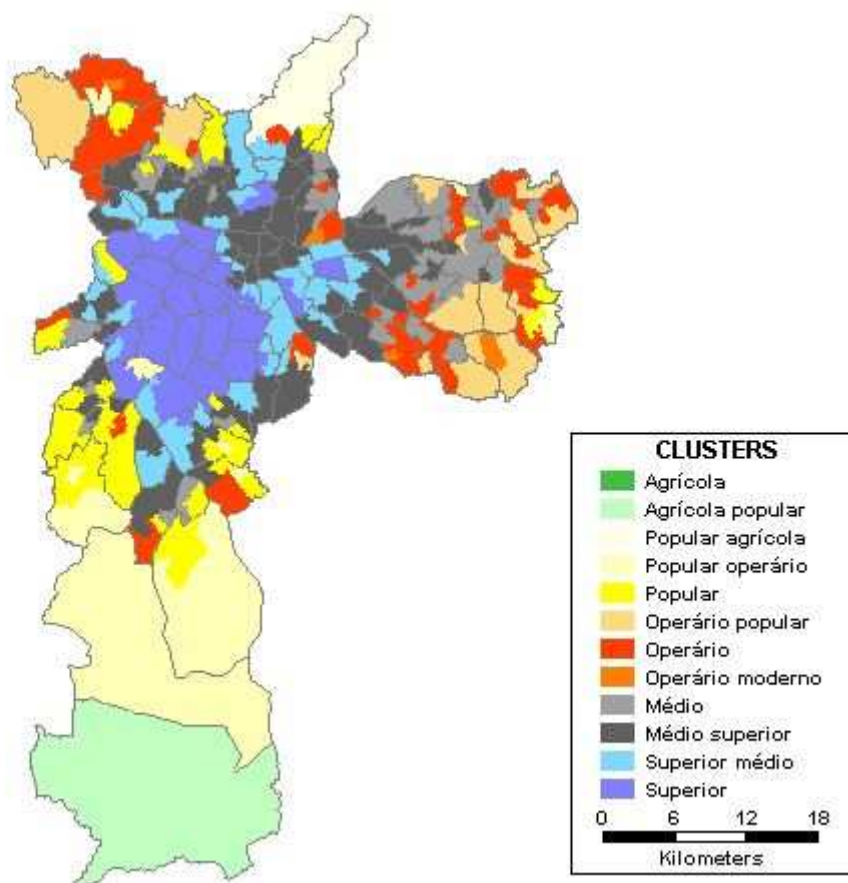
5.2.2.1 Os sujeitos e a sua distribuição espacial na Cidade de São Paulo

Com o intuito de analisar as características sócio-ocupacionais dos sujeitos e a região da cidade em que ele habita apoiada em dados recentes, foram utilizadas informações no âmbito da pesquisa: “Metrópole, desigualdades sócio-espaciais e

governança urbana” desenvolvida pelo Observatório das Metrópoles na PUC - São Paulo¹⁰. Nesse trabalho, tendo em vista a análise da segregação sócio-espacial, a cidade de São Paulo é dividida em cinco grandes áreas, de acordo com as características sócio-ocupacionais da população residente. Para proceder a essa classificação foram utilizadas três variáveis principais: a ocupação, a renda e a escolaridade, medida em anos de estudo.

FIGURA 5.1 - Cidade de São Paulo (Clusters)

Censo 2000 - capital



Fonte: Observatório das Metrópoles na PUC - São Paulo (2008).

¹⁰ A pesquisa é coordenada pela Profa. Lucia Bógus (coordenadora do Observatório da PUC) e pela Profa. Suzana Pasternak (vice-coordenadora)

Esses cinco grandes tipos de áreas (agrícola, popular, operária, média e superior) foram posteriormente subdivididos em subtipos de áreas ou *Clusters*, tendo em vista o refinamento das análises, ilustrados na Fig. 5.1. Assim, a área agrícola foi desdobrada em agrícola e agrícola popular; a área do tipo popular foi desdobrada em popular agrícola, popular, operária e popular; a área do tipo operária foi desdobrada em subtipos: popular, operário e operário moderno. As áreas médias foram desdobradas em dois subtipos: o médio superior e o médio. Finalmente o grupo de áreas de tipo superior, se desdobrou em dois subtipos: o superior médio e o superior.

Consideradas essas divisões espaciais (clusters) pode-se apreender que os sujeitos entrevistados estão distribuídos por seis do total de *clusters*, com predominância no *cluster* superior (3 sujeitos); no superior médio (2 sujeitos); no médio superior (2 sujeitos) e finalmente no médio, no popular e no popular operário representados por um sujeito em cada um deles, conforme Tabela 5.3

Tabela: 5.3 - Distribuição espacial dos sujeitos em São Paulo

Sujeitos residentes em São Paulo					
Sujeitos	Idade	Sexo	Clusters	Nível de Escolaridade	Ocupação (*)
Eli	64	F	Superior	Curso Superior	TR
Isabel	67	F	Superior	2º.Grau	EMP
César	69	M	Superior	Curso Superior	TR
Jorge	68	M	Superior Médio	Curso Superior	TR
Nilo	73	M	Superior Médio	Curso Superior	EMP
Denise	66	F	Médio Superior	4ª. classe	TR
Betânia	70	F	Médio Superior	4ª. Classe	TR
Orlando	62	M	Médio	4ª. Classe	EMP
Mariano	67	M	Popular	4ª. Classe	EMP
Márcia	60	F	Popular Operário	2º. Grau	EMP
(*) TR – Trabalho Remunerado; TV – Trabalho Voluntário; EMP – Empresário(a).					

Fonte: sujeitos entrevistados e Observatório das Metrópoles na PUC - São Paulo(2008).

A estrutura sócio-espacial da metrópole de São Paulo, conforme estudo das autoras, foi examinada com base na consideração de 25 categorias sócio-ocupacionais, referentes aos anos 1991 e 2000 reunidas em três grandes grupos:

Superior: compreende dirigentes, profissionais de nível superior, empregadores, pequenos empregadores, profissionais estatutários, profissionais empregados de nível superior, Professores de nível superior, entre outros;

Médio: trabalhadores do serviço e prestadores de serviço especializado;

Popular: trabalhadores manuais, não especializados e operários industriais.

A partir do estudo dessas categorias fez-se um esboço comparativo com os sujeitos e os seus níveis de escolaridade, conforme Tabela 5.4 em que se nota também uma correspondência entre a categoria sócio ocupacional e o nível de escolaridade.

Tabela: 5.4 - Distribuição dos sujeitos de São Paulo em categorias/Grupos

Sujeitos de São Paulo distribuídos segundo categorias sócio-ocupacionais					
Sujeitos	Idade	Sexo	Categoria Sócio-ocupacional	Grupo	Nível de Escolaridade
Nilo	73	M	Dirigentes	Superior	Curso Superior
Eli	64	F	Profissional de nível superior	Superior	Curso Superior
Cesar	69	M	Profissional de nível superior	Superior	Curso Superior
Jorge	68	M	Profissional de nível superior	Superior	Curso Superior
Mariano	67	F	Pequeno empregador	Superior	2º. Grau
Márcia	60	F	Prestador de serviço especial.	Médio	2º. Grau
Denise	66	F	Prestador de serviço especial.	Médio	4ª. classe
Betânia	70	F	Prestador de serviço especial.	Médio	4ª. Classe
Orlando	62	M	Prestador de serviço especial.	Médio	4ª. Classe
Mariano	67	M	Serviço não especializado	Popular	4ª. Classe

Fonte: sujeitos entrevistados e Observatório das Metrôpoles na PUC - São Paulo(2008).

Os sujeitos com nível de escolaridade superior ocupam cargos nas empresas que vão da gerência média a função estratégica de sócio-diretor, exemplo: Nilo. Eli, Cesar e Jorge ocupam funções de nível médio nas empresas em que trabalham. Isabel e Márcia ambas com nível de escolaridade de 2º. Grau são respectivamente sócio-diretoras também com função estratégica, nas categorias pequeno empregador e prestadora de serviço especial. Com nível de escolaridade 4ª. classe tem-se Denise, Betânia e Orlando

como prestadoras de serviço especial e Mariano em serviço não especializado. Considerando o fato do sujeito desta pesquisa ter mais de 60 anos de idade, muitos aspectos do estudo das autoras não se refletirão nestas análises, todavia há um componente do estudo que analisa o comportamento dos três grupos (superior, médio e popular) situados na faixa etária acima de 65 anos de idade, no mercado de trabalho, esse item será discutido no CAP VI.

CAPÍTULO VI

6. ENVELHECER NAS CIDADES DE COIMBRA e SÃO PAULO: + 60 EM CENA

Sobre sonhos :

ler toda a obra de Machado de Assis

(Eli) brasileira, 64 anos

Neste capítulo serão dadas vozes aos sujeitos que doravante serão referidos por maiores de 60 anos. Ele se inicia com uma breve apresentação dos dados sociodemográficos em que se optou por utilizar nomes fantasias. Em seguida serão narradas ou citadas as respostas dos entrevistados às questões do roteiro que deu suporte às entrevistas. Para maior clareza, essas questões foram agrupadas em seis categorias: trabalho, saúde, atividades físicas e *hobbies*, relacionamentos sociais, cidadania e religião e a experiência de viver além dos 60 anos. Complementando as análises têm-se as percepções e experiências empreendedoras dos entrevistados em suas respectivas cidades.

Ressalte-se que a divisão em categorias teve efeito meramente didático visto que perguntas e respostas se entrelaçam no decorrer das falas. Na sua totalidade foram entrevistados 20 sujeitos, 10 portugueses residentes em Coimbra e 10 brasileiros residentes em São Paulo.

6.1. Sujeitos Residentes em Coimbra (3 mulheres e 7 homens)

6.1.1 Mulheres

Maria: 62 anos, casada, sem filhos, curso superior em Filologia Românica Português e Francês. Professora aposentada atua como voluntária na Associação Nacional de Apoio ao Idoso (ANAI) como professora de pessoas idosas.

Fátima - 70 anos, casada, uma filha e um neto, estudou até a 4ª. classe. É aposentada com um salário mínimo, antes trabalhava no comércio como atendente. É proprietária de uma pequena loja de presentes e brinquedos, localizada no Mercado Pedro V.

Tereza - 64 anos, casada, duas filhas e um neto, curso superior com especialização em alfabetização de deficientes visuais. Professora aposentada atua como voluntária no projeto de leitura e escrita do idoso na ANAI.

6.1.2 Homens

Amável - 68 anos, casado, dois filhos e uma neta, curso técnico. Aposentou-se após 32 anos no serviço público. Atua como voluntário na gestão de um Centro que dá assistência a idosos e crianças, além de participações eventuais na paróquia e uma vida política bastante ativa; já foi vereador.

Aníbal - 81 anos, viúvo, uma filha dois netos, técnico em contabilidade. Aposentado, trabalha como autônomo em auditoria contábil e é Presidente da Casa dos Pobres, uma instituição de idosos. Tem uma jornada diária de mais de 10 horas.

Antonio - 66 anos, casado, dois filhos, uma neta, estudou até a 9ª. classe. Aposentado é proprietário de um açougue, onde trabalha com a mulher, ela dedica-se à parte operacional e ele se incumbe do relacionamento com os clientes, principalmente os proprietários de restaurantes.

Carlos - 70 anos, casado, um filho, estudou até a 4ª. classe. Aposentado e proprietário de um açougue onde trabalha com a esposa e uma funcionária. Atua na parte administrativa, a esposa cuida da parte operacional. É ela que lida e entende sobre carnes.

José - 60 anos, divorciado, uma filha e um neto, estudou até a 4ª. classe. Trabalhou na construção civil na Itália, Espanha e Alemanha. Aposentado, hoje trabalha na limpeza externa e jardinagem da Universidade de Coimbra.

Mário - 69 anos, viúvo, dois filhos, estudou até a 4ª. classe. Aposentou-se no comércio como vendedor em uma loja de tapetes e cortinas onde continua trabalhando.

Nunes - 67 anos, casado, dois filhos e dois netos. Jornalista, professor e escritor. Aposentado é atualmente vereador da Cultura, trabalha em média 14 horas por dia.

6.2 Sujeitos Residentes em São Paulo (5 mulheres e 5 homens)

6.2.1 Mulheres

Denise - 66 anos, viúva, quatro filhos, cinco netos, estudou até a 4ª. classe. Aposentada, atua como manicure e cabeleireira. Aguarda o casamento da filha caçula que ainda é solteira para ir morar na praia com o namorado de 75 anos, também aposentado. Este trabalha fazendo bicos em reformas e pinturas de residências, conserto de parte elétrica. Bairro: Vila Matilde.

Eli - 64 anos, solteira, curso superior em Ciências Contábeis. Aposentada, trabalha atualmente no Museu Histórico da Imigração Japonesa onde é a funcionária mais antiga. Bairro: Liberdade.

Isabel - 67 anos, solteira, 2º. Grau. Aposentada, é sócia de uma empresa de assistência técnica, onde trabalha, assiduamente, uma jornada de 8 horas por dia, atuando na gestão de pessoas, financeira e relacionamento com os clientes. Bairro: Santa Cecília

Betânia - 70 anos, solteira, um filho adotivo, 4ª. classe. Aposentada, trabalha como figurinista responsável pela confecção das roupas de uma emissora de televisão, de Segunda à Sábado e eventuais Domingos. Bairro: Bom Retiro

Márcia - 60 anos, casada, três filhos e dois netos, estudou até o 2º. Grau. Aposentou-se na carreira de “contínuo” no Fórum João Mendes, ficou um ano em casa e iniciou um negócio, onde está até o presente. É proprietária, há 8 anos, de uma floricultura. Bairro: Cidade Líder.

6.2.2 Homens

Cesar - 69 anos, divorciado, (mora sozinho, mas tem uma namorada em outro Estado e se visitam com frequência) três filhos, 4 netos, publicitário. Aposentado desde os 50 anos atua na área comercial de um jornal, com vínculo empregatício. Antes de aposentar já atuava nesta área: Jornais e Agência de propaganda. Bairro: Jardim Paulista

Jorge - 68 anos, casado, três filhos, curso superior em Administração de Empresas. Aposentado como superintendente de um grande Banco. Ficou alguns meses sem trabalhar e não aguentou. Foi trabalhar como corretor de imóveis e há 8 anos prestou concurso para o Banco do Brasil onde trabalha atualmente. Bairro: Butantã.

Mariano - 67 anos, viúvo, dois filhos, uma neta, estudou até a 4ª. classe. Mora com uma companheira e adotaram um dos netos dela, um bebê de um ano. Aposentou-se como taxista e em 2000 comprou um comércio de “Materiais Recicláveis” nome que se dá atualmente ao comércio de “Ferrovelho”. Bairro: Cursino (Água Funda)

Nilo - 73 anos, casado, três filhos, seis netos, curso superior em Economia (PUC SP). Aposentado, mas tem inúmeras atividades. Leciona economia nos cursos internos da Força Aérea há 45 anos e dá expediente diário na Editora em que é sócio fundador, com o seu irmão, há mais de 40 anos. Bairro: Cambuci

Orlando - 62 anos, casado, quatro filhos, seis netos, estudou até a 4ª. classe. Aposentado desde 1991. Trabalhava numa Montadora de Automóveis na função de pintor de automóveis. Fez alguns ‘bicos’ de pedreiro e resolveu abrir o comércio, uma loja especializada em tintas para automóveis. Trabalha de Segunda a Sábado e aos Domingos, se não vai pescar na sua ‘Chacrinha em Salesópolis’, aproveita para trabalhar na construção de mais um cômodo que resolveu fazer em sua casa. Bairro: Itaquera.

Durante a entrevista pedia-se ao sujeito que falasse de um sonho ou um projeto de vida que pretendia realizar. Dentre viagens pelo Brasil e Europa, foi dado destaque a sonhos e planos bem distintos, como seguem:

6.3 Um sonho ou um projeto de vida

...Um homem se humilha
 Se castram seus sonhos
 Seus sonhos é sua vida
 E vida é trabalho
 E sem o seu trabalho
 Um homem não tem honra
 E sem a sua honra
 Se morre, se mata
 Não dá para ser feliz, não dá para ser feliz...

Um homem também chora
 (Gozaguinha-compositor brasileiro)

“Caminhar pela praia, todas as manhãs, de mãos dadas com o meu namorado”

“Dar aulas de artesanato (crochê, tricô, tear manual, pinturas, entre outros) para um grupo de pessoas (de forma voluntária) e ler toda a obra de Machado de Assis”

“Comprar um apartamento nas Perdizes, bem perto do Parque da Água Branca onde poderei caminhar diariamente”

“Estudar música e entendê-la tecnicamente”

“Evoluir no quadro de carreira do Banco do Brasil”

“Quero ser caminhoneiro e viajar por esse Brasil, almoçar numa cidade e dormir em outra”

“Quero abrir uma Faculdade”

“Quero fazer um curso de enfermagem e trabalhar numa clínica para atender bem as pessoas, de qualquer idade”

“Meus projetos são pequenos e diários. Estou escrevendo um livro e quero terminar logo; é dedicado ao meu neto”

“Tenho um sonho de fazer o curso de Direito na Universidade de Coimbra”

“Quero ter um negócio próprio, um café, um bar ou um restaurante. Preciso de capital”

“Quero concluir dois livros já começados. Gosto de carros, quero comprar uma BMW”

Quantos anos terão os autores desses sonhos?

Quantos anos o futuro lhes reserva para que eles possam planejar e concretizar esses projetos?

Quem não conhece os autores dessas frases, certamente se surpreenderá com as suas respectivas idades. Pela ordem eles têm: 66, 64, 67, 69, 68, 67 e 73 (os brasileiros); 70, 64, 81, 60, e 67 anos (os portugueses). Será que se trata apenas de sonhos, fantasias e ilusões? Ou serão projetos de vida? Uns são aparentemente simples, descomplicados e, aos olhos do leitor, fáceis de realizar. Outros parecem exigir recursos mais sofisticados como: dinheiro, conhecimento, competência e tempo.

As teorias do envelhecimento bem sucedido vem acompanhadas da ideia de considerar o sujeito em sua totalidade, isto é nas suas dimensões físicas, emocionais, psicológicas e afetivas. Para Neri e Debert (1999) a velhice bem-sucedida implica na coexistência em seu domínio, de algumas variáveis que vão desde condições internas a externas como seguem:

- realização do potencial do indivíduo para que ele alcance o bem-estar físico, psicológico e social de acordo com as suas reais necessidades;
- disponibilidade de serviços médicos, cirúrgicos, estéticos destinados a preservar o bem-estar e a retardar os efeitos nefastos do envelhecimento;
- potencialização das competências e habilidades individuais viabilizando as condições para que o sujeito as realize em sua plenitude.

Dessa forma o envelhecimento bem sucedido é acompanhado de qualidade de vida e bem-estar e deve ser fomentado ao longo dos estados anteriores. Sousa et al (2003) complementam a discussão lembrando que:

As teorias do envelhecimento bem sucedido vêem o sujeito como proactivo, regulando a sua qualidade de vida através da definição de objectivos e lutando para os alcançar, acumulando recursos que são úteis na adaptação à mudança e activamente

envolvidos na manutenção do bem-estar. Sendo assim, um envelhecimento bem sucedido é acompanhado de qualidade de vida e bem estar e deve ser fomentado ao longo dos estados anteriores de desenvolvimento. (idem, 2003, p.365)

Fica evidente, portanto, que essas teorias não se restringem apenas às boas condições de saúde, de moradia, de higiene e alimentação, elas se ampliam para entender o sujeito como um ser proativo, que regula a sua qualidade de vida, que define os seus próprios objetivos e luta para alcançá-los, que percebe as mudanças, que reage a elas e que luta na manutenção do seu bem-estar.

Ao se ampliar a visão do que seja um envelhecimento com bem-estar e qualidade de vida além do domínio das coisas materiais e tangíveis, devem-se considerar aspectos intangíveis como satisfação pessoal, autonomia para escolher o que fazer e como fazer com o seu tempo livre, liberdade para tomar atitudes que possibilite a sua satisfação pessoal como, por exemplo, iniciar um novo trabalho.

Nessa perspectiva serão narradas e analisadas as respostas dos sujeitos alusivas às questões do roteiro (Anexo A), que deu suporte às entrevistas e que, doravante, serão agrupadas nas seguintes categorias: trabalho, saúde, atividades físicas e *hobbies*, relacionamentos sociais, cidadania e religião e a experiência de viver além dos 60 anos.

6.4 Trabalho

Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Pensamento Zen

Quando se fala em trabalho corre-se o risco de cair na concepção já enraizada no meio social: aquela do trabalho que consome as forças do trabalhador, que tira a sua liberdade, que o priva do convívio familiar. A dinâmica social dos indivíduos e das

empresas comprova que há outro lado pelo qual é possível obter prazer, alegria e satisfação no trabalho em qualquer fase da vida, até mesmo após ser aposentado.

A polarização entre trabalho e lazer não só esconde a dimensão humana de todas as práticas de trabalho e de emprego, mas principalmente desconsidera a possibilidade de uma articulação entre ludicidade e trabalho para quem produz concertos musicais, espetáculos de dança, desfiles de carnaval, campeonatos esportivos, filmes, conferências, exposições de artes plásticas, aulas etc. Blass (in Blass 2006, p.21)

No set de filmagem de *Chega de Saudade*, que trata de um filme sobre os tradicionais 'Baile da Terceira Idade' dirigido por Laís Bodanzky, os figurantes, olhados pelo crivo dos referenciais estéticos do presente, seriam descritos como um aglomerado de velhinhos caquéticos - mulheres gordinhas, homens de barrigas protuberantes e, certamente, bem distantes dos padrões de beleza da juventude. Mas, ao contrário, dançando eles se transformam. Aquela mulher de pele enrugada, cabelos tingidos de loiro, de largos óculos de lentes grossas, parece uma pluma acompanhando os rodopios do seu parceiro no salão de dança. Aos olhos do espectador ela parece bela, sem idade, merece aplausos. Segundo Bodanzky, os figurantes, em torno de 90 pessoas vivenciavam uma rotina de trabalho de 8 horas diárias e, pela dedicação e empenho, não eram meros figurantes e sim atores coadjuvantes. Aos olhos do expectador, aquelas pessoas, jovens e velhas, circulando entusiasmadas pelo salão de baile entre os dançarinos, aparentam estarem se divertindo a despeito de conduzir um pesado equipamento de filmagem, ou de iluminação, ou uma bandeja com copos. São os técnicos de som, de filmagem, diretores, garçons e dançarinos formando uma grande equipe. Sobre as fronteiras entre as atividades vale recorrer à Blass...

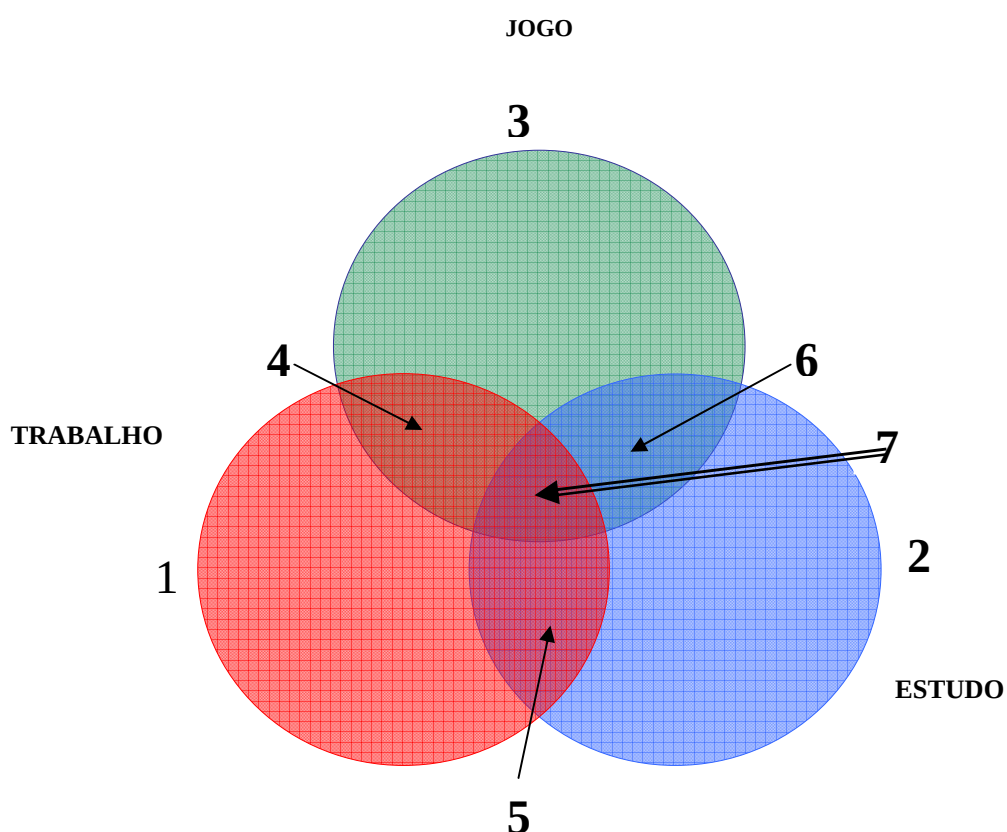
Dessa perspectiva, considera Renato Theobaldo, carnavalesco da escola de samba *Vai Vai*, entre 1991 e 1993, que saberes e fazeres interferem na produção artística dos desfiles carnavalescos. Para ele, desde tapeceiros, soldadores, carpinteiros, eletricitas, até compositores, percussionistas, cantores, escultores, estilistas, costureiras, desenhistas, aderecistas etc., acrescentariam algo ao enredo proposto por um carnavalesco, seja dando sugestões, seja introduzindo alterações na proposta inicial da narrativa de um enredo. Por esse motivo, fica difícil delimitar o aspecto autoral de um produto que é sempre coletivo. (Blass, 2008.p.14)

Nessas circunstâncias em que se combinam os processos de criação, execução e produção de uma atividade qualquer, fica evidente que a eficácia dos resultados pertence ao grupo de trabalho que a produziu e não apenas a genialidade de um só autor ou criador. Nas atividades ligadas ao lazer e ao entretenimento é mais provável a possibilidade de ampliar a combinar trabalho com outros aspectos inerentes à vida humana como: família, vida pessoal, social e afetiva conforme a visão de De Masi (2000) tem-se:

Quanto mais a natureza de um trabalho se limita à mera execução e implica puro esforço, mas ele se priva da dimensão cognoscitiva (área 2) e da dimensão lúdica (área 3). Essa é a situação infeliz que na figura corresponde à (área 1). Existem, porém, trabalhos que desembocam no jogo, como, por exemplo, o de uma equipe cinematográfica que se diverte na filmagem de um filme cômico (área 4); existem trabalhos que se misturam com o estudo, como o de uma equipe de cientistas realizando um experimento (área 5). Contudo, a plenitude da atividade humana é alcançada somente quando nela coincidem se acumulam, se exaltam e se mesclam o trabalho, o estudo e o jogo (área 7); isto é, quando nós trabalhamos, aprendemos e nos divertimos, tudo ao mesmo tempo. (De Masi, 2000, p. 147-8)

As dimensões do trabalho e as suas respectivas áreas estão ilustradas na Figura 6.1. A área 7 em que se combinam trabalho, estudo e jogo remete a uma situação ideal, desejada e uma busca constante para os que buscam no trabalho motivos para o seu bem-estar como, por exemplo, as pessoas entrevistadas para esta pesquisa.

Figura 6.1 – Dimensões do Trabalho



Adaptado a partir de De Masi, 2000. p.147

Essa afirmação aguça alguns questionamentos acerca das múltiplas realidades do trabalho em que, nem sempre, as dimensões estão contempladas e ainda se somam a elas as pressões do mundo moderno de cronogramas rígidos, serviços 24 horas, consumidor exigente, produção em tempo real, produtividade controlada em segundos, frações de segundos e não mais em horas nem em dias. Nessa perspectiva cabe fazer as seguintes perguntas:

- como obter essa plenitude do trabalho exercendo tarefas repetitivas?

- como praticar atividades complexas e cognitivas quando se tem baixos níveis educacionais?

- como aproximar o lúdico ao ritmo estressante da vida no trabalho?

Essas questões serão analisadas e comparadas às realidades dos sujeitos em suas trajetórias cuja experiência de vida dedicada ao trabalho, somam-se várias décadas.

No mundo atual em que se vive a era do conhecimento difundem-se cada vez mais as atividades cerebrais que prevalecem sobre as manuais e as virtuais que prevalecem sobre as tangíveis. Seja no trabalho, em casa, na rua, no campo, cada vez usam-se mais o cérebro do que as mãos ou a força física, como nunca antes.

Os sujeitos dessa pesquisa, em sua maioria, desempenharam diferentes funções ao longo de suas vidas e são vários os exemplos dos que tiveram a sua entrada no mundo do trabalho em um momento muito precoce de suas existências, mas que nem por isso eles reprovam tal experiência.

6.4.1 Idade com que ingressou no trabalho

Márcia começou a trabalhar aos 8 anos de idade na casa de uma família italiana, limpando a casa, lavando e passando roupa. Foi nessa família que aprendeu as primeiras noções de como cozinhar. A mãe entregou-a aos cuidados dessa família com quem trabalhava e morava de Segunda à Sexta-Feira com direito a ir para a escola. Gostava de estudar, mas sempre chegava atrasada devido às tarefas domésticas. Justificava o atraso à professora e esta custava a acreditar. Um dia ela pediu à professora que conversasse com a sua mãe e assim foi feito. A história fora confirmada e a professora propôs a sua mãe levá-la para a sua casa. Pagaria o salário e acompanharia os seus estudos. A professora era casada e não tinha filhos. Educou-a até aos 13 anos, quando a mãe pediu-a de volta, queria que ela trabalhasse numa tecelagem por um salário melhor. E assim aconteceu. Diz que não se zanga com a mãe, afinal eram 8 filhos para criar e os mais velhos tinham de ajudar também, com dinheiro, em casa. Reconhece que deve muito à essa professora, o gosto pelo estudo. Emocionada, apanha da bolsa uma carteira e daquela divisória mais escondida, retira uma carta recebida da professora, enviada de Penápolis (SP) em 1991, pra onde mudara desde que se aposentou.

Mariano e Orlando começaram a trabalhar aos 7 anos de idade, na zona rural. O primeiro puxava arado e plantava sementes de milho e feijão na lavoura do seu pai.

Mariano: A minha primeira aula de matemática foi na roça. Aprendi a contar com as sementes de feijão e milho. O meu pai me ensinou a colocar 3 sementinhas em cada cova e com o pé eu empurrava a terra pra cobrir as sementes. Em poucos dias a lavoura crescia, lembro até hoje, isso foi lá em Itabuna, interior da Bahia.

Orlando trabalhou na colheita de algodão e café em Guaraçaí, interior de São Paulo.

Trabalhava na colheita do algodão, quando se acabava ia para a colheita do café e depois trabalhava na limpeza. A limpeza era tirar uma a uma as pedrinhas e os carocinhos estragados. (Orlando)

Jorge: filho de libaneses, Jorge, aos 8 anos de idade começou a trabalhar de ajudante numa banca de roupas do seu tio na feira livre na Zona Oeste de São Paulo, capital.

Nesse pequeno grupo de brasileiros e portugueses, os brasileiros aparecem como os que ingressaram mais cedo no trabalho, todavia os portugueses Amável e Antonio também tiveram uma estréia precoce, no trabalho, aos 10 anos de idade. O primeiro numa fábrica de cerâmica e serração e o segundo ajudando ao pai num açougue, atividade que faz parte da sua trajetória de vida até hoje, já que é proprietário de um açougue. As idades para início do trabalho dos demais sujeitos entrevistados variaram entre 12 e 19 anos.

6.4.2 Qual o significado do trabalho em sua vida?

Denise: um meio de ganhar dinheiro para sobreviver, mas também uma forma de ter companhia, de atender as necessidades das pessoas, afirma Denise que é cabeleireira e tem clientes que vem ao seu salão há mais de 18 anos.

Tudo que tenho hoje, a casa em que moramos, (mora com a filha caçula) as outras duas em frente onde moram dois filhos casados, a educação dada aos quatro filhos foi conseguida, graças ao trabalho. Comecei a trabalhar aos 12 anos num salão de beleza e aos 13 já atuava como profissional.

Eli declara que grande parte do dia passa no Museu Histórico da Imigração Japonesa (no bairro da Liberdade) onde trabalha há 16 anos.

Encaro o meu trabalho como diversão e fonte de realização. Isso tudo aqui é a minha vida. Cuido da parte administrativa e financeira do Museu, mas nas horas vagas faço cachecol em tear ou tricô e presenteio as pessoas que trabalham comigo. Faço isso por prazer e recebo em dobro. Sinto-me amada pelas pessoas. Ganho muitos presentes. Veja esta sala repleta de violetas, orquídeas e Manekinekos¹¹ foram todos presentes que ganhei dos meus amigos, colegas de trabalho.

Antes do Museu, Eli trabalhou muitos anos em um Banco, onde também gostava do trabalho, do ambiente e fez muitas amizades. Porém, a mãe ficou muito doente, precisava de cuidados. Não hesitou, pediu demissão e cuidou da mãe que veio a falecer em dois anos. Pensou que seria difícil encontrar um trabalho, pois já estava com quase 50 anos. Uma amiga convidou-a para substituí-la durante as férias de 30 dias no já referido museu e a substituição transformou-se na oportunidade de trabalho. O salário é modesto, mas somado à aposentadoria que recebe desde 1997 é suficiente para sobreviver. Diz levar uma vida modesta e a sua grande fortuna são os livros.

Isabel afirma que considera o trabalho a melhor coisa da sua vida. Aos 67 anos começou a trabalhar aos 12 para ajudar aos pais com as despesas da família formada por 7 filhos, ela era a mais velha. Trabalhou numa tecelagem, recebia o salário acondicionado em um envelope que era entregue fechado à sua mãe que sabia administrar muito bem o dinheiro.

Minha mãe tinha uma alma nobre, morreu quando eu tinha 22 anos e eu, mesmo trabalhando, assumi os meus irmãos, criei-os todos, trabalhava durante a semana e nos fins de semana lavava e passava todas as nossas roupas.

Aos 41 anos teve câncer de mama e assim que se sentiu em boas condições de recuperação voltou ao trabalho para não ficar em casa pensando na doença. Há mais de 10 anos é sócia da atual empresa, onde trabalha uma jornada de 40 horas semanais na gestão do negócio e no relacionamento com funcionários e clientes, afirma Isabel.

¹¹ Manekineko, segundo a entrevistada, é um talismã japonês conhecido como gato da fortuna. Sobre a sua mesa e as estantes da sala, havia vários conjuntos de 7 gatinhos em diferentes tamanhos.

Gosto muito da minha atual condição profissional, não por ser dona e sim pelo fato de ter o poder de decidir o destino das coisas, o que fazer o que não fazer. Sou feliz por ajudar as pessoas, não somente por gerar empregos, mas conversando, orientando, dando conselhos sobre o pensar no amanhã, o dar um passo de cada vez e dar valor a família.

Betânia, 70 anos, trabalha na confecção dos figurinos de uma emissora de TV. Declara que, muitas vezes, se sente ‘odiada’ pelas suas funcionárias, costureiras, pois é muito exigente e quer que as suas roupas saiam perfeitas.

Verifico cada detalhe e tudo tem que ficar do meu gosto, se não ficar, mando refazer, doa a quem doer. Tenho muito orgulho do que faço, gosto de tudo bem feito, sou muito enérgica. Trabalho, para mim, significa independência, ter o meu dinheiro, não depender dos outros e não me sentir inútil. Trabalho é viver daquilo que o seu punho desdobra. Gosto do que faço. Trabalho de Segunda a Sábado e faço muitas horas extras de semana e às vezes aos Domingos, pois trabalho para os figurinos das novelas de época.

Márcia declara que após aposentar-se na carreira de contínuo no Fórum João Mendes, em 1999, ficou um ano em casa sendo faxineira, cozinheira, babá, doméstica e, não aguentou. Sentia-se inútil e resolveu partir para um negócio próprio. Afirma que o trabalho sempre a realizou e gosta de estar em constante atividade por isso a decisão de abrir um negócio. Primeiramente pensou numa *bomboniére*, mas achou que o seu bairro - Cidade Líder -, não comportava e não queria abrir o negócio em bairro distante de sua residência. Pesquisou o comércio local e achou que uma floricultura daria certo. Gosta muito de plantas e flores, um primeiro passo para o negócio fluir bem. Fez curso no SEBRAE sobre como abrir e gerenciar um negócio. “O curso não foi suficiente, eles só ensinam o básico do básico”. Por iniciativa própria visitou floriculturas no seu bairro e nos bairros vizinhos. A decisão estava tomada, faltava o ponto.

Pedi a Deus que me mostrasse uma portinha. Na mesma semana me ofereceram um ponto, aqui nesta Avenida onde estou hoje. Fiquei lá três anos e mudei para este espaço maior. Não ganho muito dinheiro, em meses de férias o faturamento não cobre as despesas.

O melhor mês é Maio devido o dia das mães. Neste dia, o marido e os filhos trabalham nas entregas, devidamente uniformizados. Faz festas de casamento e afirma que o seu preço é bom, muita gente vem pesquisar e volta pra fechar.

Cesar - Aos 12 anos, começou a trabalhar como Office boy e nunca mais parou.

O trabalho me realiza porque me possibilita contato com pessoas de todos os níveis culturais e profissionais. Não pretendo parar, sei que nada é eterno, mas não estou planejando nada. Esse momento irá se revelar. Atuo na área comercial e faço o que sempre fiz e gosto: relacionar-me com as pessoas. A cada dia aumento os meus contatos, sou desafiado a ter novas idéias e aprendo muito desse jeito.

Tem muita energia e motivação para trabalhar, leva um padrão de vida que não conseguiria manter somente com a aposentadoria, mas esse não é o único motivo para trabalhar. Trabalha porque se sente útil, sente-se feliz com a contribuição que oferece a sua empresa, com os 'nós' que desata num passe de mágica pela experiência que acumulou ao longo dos anos, declara César.

Jorge - Trabalhou 33 anos em um grande Banco onde fez carreira e chegou a Superintendente. Após 16 anos na Superintendência aposentou e ficou durante um ano em casa, lendo jornal, ouvindo rádio e assistindo o noticiário. Sentia-se inútil, vivia voltado para o passado. Chegou a sentir saudades de usar gravatas e inveja dos que usavam.

Um dia vi um anúncio sobre um curso gratuito de técnicas de vendas. Fui fazer o curso que fora um engodo, mas lá conheci um corretor de imóveis que me encaminhou para uma corretora. Tirei o registro de corretor e comecei a trabalhar nessa área. Fiquei muito distante da família porque trabalhava inclusive aos fins de semana. Resolvi prestar concurso para o Banco do Brasil onde estou até hoje e pretendo seguir em frente, fazer carreira.

Alega não saber viver sem o trabalho, sem o sentido que ele dá a sua vida, mas entende que leva o trabalho muito a sério. Sempre foi muito rígido em separar assuntos pessoais dos profissionais e revela, com lágrimas nos olhos, que não viu o nascimento do seu primeiro filho porque achou que era imprescindível ficar na agência do Banco em vez de acompanhar a esposa ao Hospital.

Nilo, aos 6 anos, foi coroinha na Igreja e avalia que a experiência valeu como uma lição de disciplina e religiosidade que jamais abandonou. Ainda muito pequeno começou a fazer 'bicos' como linotipista na gráfica de um grande jornal. Começou limpando as máquinas do jornal e de passo em passo chegou a jornalista, atuou em

diferentes posições de repórter a produtor de textos. Depois de formado na prática precisou estudar a teoria para se legitimar como jornalista. Tem orgulho do seu número de registro na categoria pertencer aos primeiros cem números da entidade. Atualmente é Sócio-Diretor de uma editora de revistas e um jornal semanal que circula no meio publicitário, onde dá expediente diário e chega às 7 da manhã, confessa Nilo, 73 anos.

Tenho 50 anos de magistério e 45 na Escola de Aperfeiçoamento da Aeronáutica onde dou aulas de Economia. A escola acaba de comemorar 60 anos e tive a satisfação de ser um dos homenageados. Gosto de trabalhar pretendo trabalhar enquanto tiver autonomia. Quando estou com os meus alunos viro criança, ou melhor, jovem como eles. Aprendi muito por todos os lugares por onde passei. Sou muito tímido e ainda tremo no primeiro dia de aula. A minha memória por vezes falha, tenho as minhas aulas anotadas em fichas para consulta, mas quando estou em sala e começo a falar e interagir com os meus alunos as idéias e os conceitos vem à tona. Minha mulher que me apóia em tudo, diz que sou um sonhador porque ainda sonho em abrir uma Faculdade.

Orlando - Até completar 74 anos quero comprar a parte dos meus irmãos neste imóvel, confessa Orlando, 64 anos, proprietário de um Comercio de Tintas na Zona Leste de São Paulo, tempo que ele considera ser suficiente para amealhar os recursos para este e outros tantos projetos.

Quando me aposentei em 1991 não quis ficar parado, mas também não queria trabalhar de empregado. A minha mãe me cedeu esse imóvel para eu abrir um negócio. Pesquisei outro tipo de comércio, pensei numa vendinha. Aí pensei... é melhor fazer aquilo que gosta. Eu entendo muito de tintas porque trabalhei na linha de pintura de automóveis na *Volkswagen*. A minha vista já não está boa para ser pintor, abrir uma funilaria, na pintura tem que olhar os detalhes. Foi aí que achei por bem abrir essa loja de tintas pra carros. Tenho a minha clientela que compra de mim porque estou no bairro e vendo no cartão e na caderneta. Tá vendo essa caderneta, tem mais de dois mil de fiado.

E os clientes pagam em dia?

Já levei uns calotes. Tem um freguês aqui que me fez perder mais de seis mil reais. Comprou em cheque e voltou tudo, tive que por no cartório. Pra sair daqui tenho que fechar a loja, não gosto de deixar a mulher aqui. Ela foi no cartório, mas fica longe, em Taboão da Serra. Protestou tudo, só tive aborrecimento. Ele mora aqui pertinho, sei onde ele mora, conheço todo mundo lá, a mulher os filhos. Um dia ele paga, tenho fé em Deus. Tem muita gente honesta, que paga direitinho. Eu controlo e quando chega num

valor alto eu não vendo mais. Tem vizinho que compra aqui e quando chega a R\$ 1.000,00, ele mesmo vem pagar, paga tudo ou uma parte.

E esse painel com espelho na calçada?

Já fui assaltado 26 vezes, por isso pus a grade de ferro na entrada. Só abro quando conheço a pessoa. Mande fazer esse ‘painel vigia’ para ver quem se aproxima, como fico na esquina posso ver os dois lados da rua. Me dá mais segurança.

Mariano - Não tenho coragem de mudar de São Paulo. Essa terra é maravilhosa, só passa fome quem não quer trabalhar declara Mariano, 67 anos, proprietário de um comércio de materiais recicláveis (ferrovelho), há 8 anos, no bairro Cursino, na Água Funda, Zona sul da capital que funciona num terreno de 300 m², alugado. Conseguiu a permissão do proprietário e construiu aos fundos, uma casa de três cômodos onde mora com a companheira e um neto de um ano. Na frente da sua casa construiu um quartinho com banheiro para um funcionário que atende por ‘Tatu’. Abre um parêntese para falar da história do Tatu.

Esse homem abandonou ou foi abandonado pela família, morava na rua, bem ali em frente (aponta para o local). Um dia resolvi conversar com ele e ofereci uma carroça (refere-se ao carrinho de duas rodas, puxado à mão, usado pelos catadores de papel) para ele trabalhar. Ele aceitou e eu passei a lhe oferecer almoço e janta. Com o tempo ele passou a trabalhar comigo aqui, descarregando o material trazido pelos carroceiros, pesando, organizando e enchendo a caçamba que faz o transporte para o ‘Ferrovelho’, um de porte maior que esse meu, onde vendo a mercadoria.

A entrevista aconteceu em seu escritório, um espaço reservado na entrada do depósito, cuja divisão é feita com pedaços de madeira, portas e janelas. Nesse pequeno ambiente há uma mesa com telefone, uma cadeira, que num gesto de deferência, foi oferecida à entrevistadora. As improvisadas, porém criativas paredes que dividem o escritório do depósito são decoradas com quadros, plantas, *souvenirs* e outros artefatos trazidos pelos ‘catadores de papéis e materiais recicláveis’, encontradas nos lixos das regiões próximas onde eles circulam, rotineiramente, empurrando as suas carroças. Começa as suas atividades as 7 e trabalha até as 18 horas. Não tem patrão para lhe dar ordens e impor horários, mas às vezes não consegue tempo nem para almoçar. Trabalha para ganhar o sustento da família, mas também não aguentaria viver parado, confessa Mariano. Já fez de tudo um pouco, trabalhou muitos anos como taxista, mas se cansou

da violência e do trânsito da cidade. Gosta de trabalhar para se sentir útil e desenvolver contato com as pessoas. Afirma que se quisesse parar poderia, a qualquer hora, mas não o faz porque se sente comprometido com os carroceiros de quem, diariamente, compra material.

Maria - Após a sua aposentadoria em 2003 deu aulas em curso de especialização para professores de alunos com problemas na visão, confessa Maria que é especialista em formação de alunos com deficiência visual. O trabalho permite que ela se mantenha ativa e em contato permanente com outras pessoas. É do trabalho que traz a sua melhor lembrança. Conta que na fase entre 30 e 35 anos, trabalhava com uma equipe de professores em que havia um elo de amizade tão forte que se mantém até hoje. Havia um calor humano intenso e amor ao trabalho. O segredo? Havia muita cumplicidade entre as pessoas baseada em espírito de cooperação.

Colaboro com a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), participo de muitos projetos e, no momento, faço opção pelos trabalhos voluntários. Aqueles remunerados, sempre que possível indico pessoas que precisam mais do que eu. Já tenho a minha aposentadoria e há muitos jovens precisando de emprego.

Fátima - O trabalho é o meu ponto de encontro com os amigos declara Fátima, 70 anos proprietária de uma pequena loja de presentes e brinquedos localizada no Mercado Pedro V em Coimbra, local onde a entrevista foi realizada e interrompida quinze vezes para que ela atendesse às suas clientes com diferentes demandas como, por exemplo: saber se o ‘centro de mesa’, encomendado, havia chegado; comprar um conjunto de velas de 7 dias para o altar da ‘Rainha Santa¹²’; saber se o estojo de chá de estanho para o presente de casamento da sobrinha havia chegado; confirmar o almoço periódico com um grupo de amigas na próxima terça-feira.

Olha menina eu comecei a trabalhar aos 16 anos, queria mesmo era ser atleta, mas... o meu pai não me deixou. Comecei a tecer em tear manual aos 16 anos, ah pá... mas... sabe... eu gostava mesmo era de brincar na rua, jogar bola com os miúdos... naquele tempo não pegava bem uma mulher ser atleta, quem me dera... ainda hoje não sei ficar parada... tem que andar sempre a mexer... não conseguiria ficar a casa. Não faço trabalho voluntário, se fechar o comercio eu faço. Pretendo trabalhar até os 100 anos,

¹² Rainha Santa ou Rainha Santa Isabel, santa padroeira de Coimbra.

gosto disso aqui, gosto do convívio com as pessoas, não faço isso pelo dinheiro. Na segunda-feira, geralmente eu não abro aqui, só se precisar... outro dia abri pra atender uma amiga que queria umas coisitas pro neto.... Gosto de ir ao Porto, Lisboa, vou passear e faço compras pra loja também... ah e aproveito também pra rever as amigas. A minha saúde sempre foi boa, digo... ficou ruim depois que fiz 66 anos. Uso ervas... não sou dada a farmácia. Acordo cedo, às 5 horas da manhã, todo dia, pois gosto de andar a pé, gosto de tramar, temos uma carrinha, meu marido usa para trabalhar, eu prefiro caminhar, ninguém me acompanha... Oh... eu ando da R. Sofia até os Covões a pé, todo dia. O meu irmão passou essa loja pra mim. Se eu não tivesse isso aqui eu morria. Tenho uma vida tranqüila, ando com a cabeça direita e tenho saúde. Tem gente aqui desanimada com os negócios, diz que o dia tá fraco, que não entrou nenhum níquel no caixa.. e eu digo pra essa gente... menino você tem que acreditar hoje tá fraco, amanhã melhora, se continua pensando que tudo tá ruim, você vai morrer cedo.

Tereza - Atua como voluntária na Oficina do Idoso uma valência da Associação Nacional de Apoio ao Idoso em Portugal (ANAI) há 5 anos, informa Tereza aposentada, na condição de professora especializada em crianças com deficiência visual. Participou da fundação do Instituto dos Cegos em Coimbra naquela época antes do 25 de Abril¹³ os cegos não podiam frequentar escolas convencionais e portanto não eram alfabetizados. Motivos para trabalhar?

Sinto alegria em estar com as pessoas aqui na ANAI e contribuir com elas de forma efetiva. Fui convidada a alfabetizar uma pessoa de 75 anos que queria aprender a ler. Como fazer essa tarefa no meio de tantas outras pessoas com idades próximas, mas que sabiam ler e escrever fluentemente? A metodologia adotada foi: a cada encontro diário essa senhora contava um pouco da sua história, uma pessoa do grupo escrevia e a professora revisava. Obteve-se sucesso porque o grupo se envolveu e a história foi muito instigante. A aluna foi alfabetizada e como resultado fizemos um livro que está a venda na biblioteca da Oficina do Idoso.

Comecei a trabalhar muito cedo e desenvolvi uma cultura dentro de mim que não acho sentido no 'viver' sem o trabalho confessa Amável que tem uma jornada de oito horas diárias em trabalho voluntário, na administração de um Centro de Assistências a Idosos e Crianças, além de participar de um trabalho na Paróquia com outro grupo de idosos e um trabalho periódico com os ciganos.

¹³ 25 de Abril de 1974 - Dia da Revolução dos Cravos, considerado o dia da Liberdade e fim do Regime da Ditadura em Portugal.

Quero trabalhar até quando Deus me der forças. A reforma não é motivo pra se ficar em casa parado, ó... pá. Tenho a minha renda que é pouca, se calhar... Dá pra viver com dignidade, portanto, não vou ficar aí... parado. Tenho um amigo, médico, da minha idade, um cara com uma cultura pá... e fica à toa... e... eu sinto que lhe falta algo, digo pra ele, vem com a gente... . Eu gosto de me sentir ativo. É bonito ser voluntário. Quem começou a trabalhar cedo desenvolve uma cultura dentro de si... é que não acha sentido na vida sem o trabalho. Pois... eu acho sentido no trabalho, encontro prazer no trabalho e pelo trabalho consigo me autorealizar. Gosto de me sentir cansado antes de dormir, pego um livro pra ler... durmo e sei que amanhã tenho coisas pra fazer. Tenho uma rotina, gosto de tudo direitinho, mas aceito improvisar para arranjar as coisas, atender as emergências. Olhe... hoje cedo uma amiga telefonou, o carro dela teve uma avaria. Eu a ajudei, a levei ao trabalho, e levei o carro ao conserto. Hoje acordei mais cedo para essa emergência e tive que arranjar a minha agenda pra dar essa entrevista. Olhe aqui... nunca tive doença na aparência... mas há 13 anos convivo com um câncer - tenho um linfoma maligno e, portanto tomo os remédios, que são fortes, faço as quimioterapias e vou lutando pela vida. Há quem diga que eu trabalho mais para os outros, vivo mais para os outros, mas não concordo. Tem muita gente aqui que vive como eu, dedica-se a causas sociais, outros pensam mais na matéria, eu não penso assim, mas... se calhar... é preciso que exista gente assim.

A entrevista com o Aníbal, 81 anos, aconteceu em seu escritório - na Casa dos Pobres - em Coimbra e foi interrompida várias vezes por pessoas que queriam falar de uma vaga para um idoso na Casa dos Pobres; de uma doação, de um evento, por um funcionário ao telefone, pelo celular e pelas histórias que ele lembra de contar ou das poesias que lembra de recitar de autores portugueses e espanhóis cujo nome ele esquece, mas lembra de todas as poesias.

Motivo para trabalhar?

Para mim é uma questão congênita, sempre gostei de trabalhar. Início o meu dia às 6 horas da manhã dando comida para as minhas galinhas poedeiras e dou uma ‘espreitadinha’ nos pés de feijão e batata. Venho trabalhar de autocarro, mas ainda dirijo. Faço o atendimento dos assuntos da Casa dos Pobres, acompanho o andamento de um novo prédio para a instituição que está sendo construído em São Martinho do Bispo. Faço peritagem em cinco empresas, trabalho remunerado. Todas as minhas atividades são prazerosas e elas são dilatáveis, cada uma delas se desdobra em outra e assim vou me ocupando, de forma consciente, para não sentir solidão.

Diz não ter preocupação até quando vai trabalhar, pois o trabalho representa fonte de saúde, disciplina e bem-estar. Há dias que a sua jornada se prolonga até às 22 horas pois concilia muitos compromissos sociais e tem uma grande participação nos eventos públicos da cidade de Coimbra. Tem um grupo de amigos que se reúne mensalmente em Montemor (cidade próxima) para comer arroz de lampreia. Há um encontro mensal com os associados da Casa dos Pobres e aos fins de semana cozinha, em fogão à lenha, para a filha, genro e netos.

Antonio trabalha com a esposa de Terça a Sábado.

Aqui me relaciono com muitas pessoas e isso possibilita me manter atualizado. O trabalho faz manter o interesse pela vida. Vou trabalhar enquanto eu tiver saúde. Já pensei em fazer outra coisa, no passado fui agente de seguro, hoje não tenho mais paciência. No meu negócio eu tenho autonomia, há dias que saio às 16 horas outros que saio às 15 horas. Vivo um ritmo de trabalho tranquilo, não tenho limitações para o meu trabalho, mas procuro adaptá-lo as minhas necessidades.

Trabalha uma jornada diária de 7 horas no seu açougue com a esposa e uma funcionária de muitos anos a quem vai destinar o negócio quando se aposentar. Na realidade Carlos, 70 anos já é aposentado, mas como empresário se considera integralmente na ativa. Faz planos de aposentar pela 2ª. vez no próximo ano quando a sua esposa e sócia se aposentar.

O meu trabalho me possibilita o contato com muitas pessoas, de clientes a funcionários e gerentes de bancos. Faço essa parte que gosto muito, não lido com carnes, minha mulher cuida dessa parte. Quando aposentarmos vou cuidar do jardim na minha quinta. Acho que jardinagem é o destino dos homens após a reforma. Quero participar de uma Associação Cultural onde já sou sócio, mas não frequento.

José, 60 anos, trabalhou muitos anos na Industria Textil. Depois mudou para a construção civil e saiu do País para trabalhar em empresas portuguesas na Itália, Espanha e Alemanha. Neste último País o salário era muito bom, valeu muito à pena. Voltou para Coimbra porque sofreu um acidente e quase perdeu a vista direita. Com a ajuda da Cáritas¹⁴ fez um transplante e a vista ficou quase perfeita.

¹⁴ Rede católica, com sede em Roma e atuação internacional em prol dos direitos humanos.

Gosto de trabalhar, quero trabalhar enquanto eu tiver saúde e puder, atualmente trabalho com a limpeza e serviços de jardinagem da Universidade. As pessoas não entendem quando eu digo que eu me divirto enquanto trabalho. Eu me sinto feliz enquanto trabalho desde que não haja ninguém a me chatear.

Diz que gostaria muito de ter um negócio próprio, já tentou uma sociedade, mas não tinha capital, tinha um sócio capitalista e na hora de fechar a compra de um 'bar' o sócio desistiu. Acrescenta que está contente com o que faz, tem uma saúde boa, não toma nenhum remédio e o seu exercício é caminhar, caminhar e caminhar, que gosta muito.

Mario - Está aposentado desde 1991 e continua trabalhando na mesma empresa, uma grande loja de decoração especializada na confecção de cortinas informa Mario, de 69 anos.

Gosto de interagir com as pessoas, gosto de vender, de atender as pessoas, conversar com elas enquanto as atendo. Não gosto de fazer as entregas nem de tirar as medidas, mas faço porque também é o meu trabalho. Admito que o motivo para continuar trabalhando é também por dinheiro, mas gosto de trabalhar. Morei muitos anos em Moçambique e dois anos no Brasil. Estou guardando algum dinheiro para aos 70 anos viajar pelo meu País.

Nunes - Ao longo da vida atuou em várias profissões, foi bancário, é jornalista, professor e atualmente exerce um cargo político. No exercício desse cargo Nunes, 67 anos, tem uma jornada de 14 horas diárias, em média, e o desempenha com muita dedicação.

Reformei-me por tempo de trabalho, mas nunca parei, o trabalho é uma forma de me realizar e de ser útil à sociedade. O trabalho é a essência criativa e utilidade do homem na face da terra. Procuro me adaptar as diferentes transições da minha vida, migrei de profissões e o fiz com facilidade. Procuro me manter intelectualmente ativo, já publiquei 66 livros e tenho dois encaminhados.

Como ficou demonstrado nas falas dos sujeitos o significado do trabalho em suas vidas e o motivo para eles continuarem trabalhando se desdobram em múltiplos sentidos que ultrapassam as significações mais convencionais. Outras percepções também aparecem nas falas como significados para o trabalho, como seguem:

i) Saúde - o trabalho é fonte de saúde, é dar sentido a vida;

ii) Lazer: o trabalho é diversão, é brincar;

iii) Relações Sociais: o trabalho é um meio de fazer amigos, de encontrar amigos, de estar com os amigos, de relacionar-se e interagir com pessoas;

iv) Bem-estar: o trabalho é companhia, é a melhor coisa da vida, é fonte de realização, é um meio de autorealização, dá sentido à vida, é um jeito de se sentir criança, é um meio de sentir-se ativo, ensina a viver com disciplina;

v) Cidadania: é ter poder e usá-lo em benefício dos funcionários, é um meio de contribuir com a sociedade, é ajudar ao próximo.

Os sujeitos, maiores de 60 anos, ambos os gêneros, nas suas diferentes condições de saúde, de lugar em que habitam, seja em Coimbra ou em São Paulo, nas suas diversas habilidades, formação educacional e profissional, nas suas relações com o trabalho parecem situarem-se naquela área que o De Masi denomina de ‘plenitude do trabalho’ onde se interceptam o jogo e a aprendizagem. Em suas falas além dos aspectos já citados, uma característica sempre valorizada no trabalho é a autonomia. Um dos motivos que Orlando optou por um negócio próprio, foi porque não queria ter chefe. Em nenhum momento demonstrou medo ou receio do trabalho em si, mas tinha medo de perder a autonomia, a liberdade.

Um olhar otimista anuncia boas perspectivas de longevidade ao ser humano graças a descobrimento de vacinas, saneamento básico, mudanças nutricionais e avanços da medicina. Nos países desenvolvidos, o crescimento do percentual da população com mais de 60 anos nas próximas cinco décadas será de cerca de 50%. Já nos países em desenvolvimento, esse número chegará a aumentar em até 450%, afirma Rodrigues (2006). Entretanto, sabe-se que esse crescimento vem acompanhado de muitas demandas sociais que exigem muitos recursos no seu manejo e atendimento em especial num país como o Brasil com o seu gigantismo territorial e peculiaridades socioeconômicas e educacionais de cada região. Os desafios são imensos e se de um lado já se comemoram conquistas nas políticas públicas, como a prática de muitos itens constantes do ‘Estatuto do Idoso’, por parte das pessoas também se pode identificar inúmeras iniciativas de buscas e cuidados para uma melhor qualidade de vida e bem-

estar. A volta ao mercado de trabalho seja na mesma profissão ou buscando novas oportunidades aparece como um dos exemplos dessa mudança no comportamento dos maiores de 60 anos que já não se imaginam vivendo mais 40 ou 50 anos apenas a desfrutar o ócio.

6.5 Maiores de 60 anos no Mercado de Trabalho - São Paulo

Em estudo do Observatório das Metrópoles, Bógus & Pasternak (2008) apresentam um quadro com indicadores sintéticos sobre a evolução das categorias profissionais superiores, médias e populares, na cidade de São Paulo, no período 1991 e 2000. Nas três categorias o quadro destaca a evolução referente à presença de pessoas com mais de 65 anos.

Ainda que a idade do sujeito deste estudo seja de 60 anos e mais de idade, o dado é relevante visto que dos 10 sujeitos brasileiros, moradores na cidade de São Paulo, 7 são maiores de 65 anos. Para efeito de ilustração, foi elaborada a Tabela 6.1.

Tabela: 6.1 - Indicadores sintéticos pessoas com mais de 65 anos em três categorias.

Pessoas com mais de 65 anos		
Períodos	1991	2000
Categorias	%	%
Superior		
Dirigentes	3,54	4,39
Profissional de nível superior	1,72	2,00
Pequenos empregadores	2,86	4,18
Médias		
Médias	1,38	1,62
Populares		
Trabalhadores Terciários	1,22	1,65
Trabalhadores do Secundário	1,22	1,36
Trabalhadores Terciário não especializado	2,15	2,04

Fonte: sujeitos entrevistados e Observatório das Metrópoles na PUC - São Paulo(2008).

No período constante da tabela acima, nota-se que à exceção da categoria dos trabalhadores não especializados, nas demais categorias de mais de 65 anos, houve aumento na sua participação no mercado. Os pequenos empregadores aumentaram em 1,32% a sua participação confirmando as tendências de participação dos mais de 60 no

mercado de trabalho, seja porque aposentou e empreendeu em um negócio próprio, seja porque partiu para uma nova atividade, seja porque aposentou e continuou a trabalhar na mesma empresa ou em uma nova. Apenas nos trabalhadores não especializados registrou-se uma pequena queda, 0,9 %. Essas tendências já foram mencionadas no Cap IV deste estudo em Otta (2007) em que um levantamento feito pelo Ministério do Trabalho demonstra uma taxa de crescimento de 9,77, em 2006, na faixa etária entre 50 e 64 anos. As tendências de trabalhadores maduros no mercado de trabalho também figuram em estudos do (IPEA) em 2006. Neste caso as razões que explicam o crescimento, são decorrentes da baixa taxa de natalidade e do aumento da expectativa de vida, cujas repercussões estão previstas para 2030.

6.6 Saúde

O envelhecimento não é doença, entretanto o modo como os maiores de 60 são tratados pelas famílias e pela sociedade faz com que, muitos deles, se modelem e se transformem em seres frágeis e debilitados segundo Gonçalves (99) e a autora acrescenta:

Problemas psicológicos, como a depressão, são desenvolvidos pela constante e massificada afirmação de declínios que devem ocorrer nas funções gerais do organismo e nas mudanças exteriores no corpo. O ser idoso espera (e muitas vezes vivencia de forma psicossomática) essas deficiências, tornando-se uma pessoa fragilizada para enfrentar tais problemas. (idem 99, p. 16)

Ou seja, apesar de modificações acontecerem em todas as faixas etárias da vida, nos maiores de 60 elas são realçadas e vistas sempre como algo degenerador, fatal e porque não dizer negativo. Durante as entrevistas quando se perguntava aos sujeitos sobre o estado de saúde deles, a primeira resposta era sempre positiva - a saúde é boa; sucessivamente eles explicavam problemas de doenças mais graves que já haviam tido, alguns casos curados outros não, como nos exemplos:

- Denise teve isquemia há um ano, mas não teve sequelas físicas, sente momentos de depressão, está se tratando, toma remédios também para a pressão;

- Isabel teve um câncer de mama, há 26 anos, quando tinha 41 anos de idade. Fez mastectomia e um longo tratamento quimioterápico. Está curada, faz acompanhamento anual;
- Amável há 13 anos descobriu que tem um linfoma, toma os remédios indicados, faz as quimioterapias periódicas, mas segue lutando pela vida;
- Antonio tem pressão alta, controla o colesterol com remédios que toma diariamente, regula a alimentação, vive uma vida regrada, mas come de tudo um pouco;
- Carlos é diabético, toma insulina diariamente e tem a vida um bocadinho regrada, declara;
- Mario tem pressão alta e toma remédio diariamente para controlar, mas a saúde é boa, declara;
- Jorge declara que ouve bem, entretanto tem dificuldade de entender alguns timbres de voz e essa deficiência afeta a comunicação com as pessoas no trabalho e no ambiente familiar. Esse fato provoca nele muito constrangimento, por conseguinte, lamenta que a sociedade brasileira seja tão incompreensiva com os idosos, gostaria que ela fosse como os japoneses. Nesse sentido, vale citar Preti (1991) em seus estudos sobre a linguagem dos idosos, utilizando a análise da conversação para descrever o comportamento verbal das pessoas durante a interação e compreender como ocorre a organização do ato conversacional. As marcas linguísticas próprias da linguagem de idosos originam-se pela idade e, principalmente, pelas relações com o meio social em que interagem. A posição negativa ocupada pelo idoso na sociedade atual e os reflexos desta no seu cotidiano, provoca consequências de caráter social, físico, psicológico e cognitivo. Preti reforça que os idosos têm satisfação em falar para ouvintes atentos e interessados e prazer em lembrar e estes acontecimentos simples demonstram a necessidade de interação dos idosos para se sentirem vivos, atuantes e importantes.

Embora haja entre os sujeitos condições de saúde que não possa ser considerada - normal -, eles apresentaram um altíssimo grau de otimismo em relação à saúde. Rodrigues (2006) comenta resultados de pesquisas científicas que mostram que apenas 25% das condições de saúde no envelhecimento de uma pessoa estão relacionadas à sua herança genética. O restante depende do estilo de vida adotado, como o ambiente social

em que vive a alimentação, a atividade física e mental e o estresse. Nesse sentido os laços sociais, a solidariedade e a harmonia familiar podem oferecer ricas contribuições como afirma Portugal: “as redes informais de solidariedade e, sobretudo a família, são elementos importantes no apoio social e, portanto, devem ser levadas em conta quando se trata de discutir a produção total do bem-estar numa sociedade.” (Portugal 2007, p.4)

Os maiores de 60 anos por serem mais suscetíveis a vulnerabilidades no domínio da saúde e de cuidados pessoais, poderão se beneficiar das redes informais de solidariedade e de apoio familiar porque:

...a solidariedade familiar manifesta-se através da capacidade de acolher familiares necessitados, através dos cuidados com os idosos, as crianças e os deficientes ou através da partilha de bens, como a terra, a casa, as roupas e os alimentos. (Moller e Hespanha, 2002, p.20)

6.7 Atividades Físicas e *Hobbies*

Nenhum dos entrevistados pratica atividade física com regularidade, alguns praticam caminhadas e exercícios físicos, mas de forma moderada, com pouca frequência. Entretanto nota-se que no geral, todos são muito ativos, trabalham regularmente e alguns com jornadas além de 8 horas diárias, o que segundo eles, dificulta a ida a uma academia ou similar.

6.7.1. Hobbies

Há algumas particularidades nos hobbies dos sujeitos moradores de Coimbra e São Paulo que podem ser explicadas pelas características peculiares às respectivas culturas e cidades, como por exemplo: os sujeitos moradores de Coimbra, homens e mulheres, gostam muito de caminhar e adotam a prática de ir a pé para o trabalho. Os homens, em geral, apreciam cozinhar aos fins de semana, cuidar do quintal e praticar jardinagem e a leitura é uma prática comum aos portugueses, mesmo aqueles que estudaram até a 4^a. classe.

Por outro lado os sujeitos do sexo masculino, moradores de São Paulo, demonstram preferência por assistir futebol na TV e, no geral, gostam de assistir televisão. Entre as mulheres há uma que frequenta com assiduidade os bailes da Terceira Idade, canta num coral e faz aulas de violão. A prática de ir ao cinema, teatro, shows musicais, pesquisar na internet, almoçar e jantar fora, verifica-se nos sujeitos de cultura e classe social em níveis mais elevados. Viajar, almoço com a família, filhos, netos nos fins de semana, são práticas comuns para todos os entrevistados. A prática de leitura dos brasileiros entrevistados é observada apenas naqueles com nível educacional além do segundo grau.

6.8 Relacionamentos Sociais

Os entrevistados afirmaram ter um ótimo relacionamento com a família, filhos, genros, notas e netos. Tem muitas amizades antigas que preservam até hoje admite Denise. Com muita emoção relata que, há uma semana antes desta entrevista, teve um almoço com duas amigas de infância. Apesar de morarem nesta capital, perderam o contato. Essas duas amigas tiveram a iniciativa de localizá-la e a descobriram por meio de um tio seu. Depois da viuvez ficou muitos anos sozinha, dedicada aos filhos. Hoje somente a caçula mora com ela e deve casar em um ano, quando ela pretende compartilhar a vida com o namorado de 75 anos que está se mudando para a Praia Grande. Diz que pretende dividir a morada em São Paulo com a casa da Praia.

Eli se considera muito tímida, contudo tem muita facilidade de fazer amizades, é muito risonha, atribui ao significado do seu nome que significa em Japonês, criança que ri. É muito católica, quando jovem queria ir para as Irmãs Carmelitas, não foi porque o pai não concordou. Nunca teve namorado. Tem muitos amigos no trabalho. Após a morte da mãe passou a morar com uma irmã, cunhado e sobrinhos.

Isabel - Tem amizades de mais de 40 anos, além de um intenso convívio familiar com irmãos, cunhados, sobrinhos e sobrinhos netos, revela Isabel. Oficialmente é solteira, entretanto teve um relacionamento, compartilharam a mesma casa, não tiveram filhos e foi bom enquanto durou. Depois que se separou optou por viver sozinha e continua até hoje.

Considero amigos todos aqueles que estão ao meu redor, seja no trabalho, no bairro onde moro, declara Betânia que compartilha o apartamento com uma sobrinha e um sobrinho neto, adolescente que resolveu colocá-lo como dependente e tem como missão possibilitar que ele curse uma faculdade. Se pudesse recomeçar a vida, seria menos exigente na escolha de um marido, casaria e teria dois filhos. Com emoção relata o grande amor que teve em sua juventude. Ambos se gostavam muito, ela uma garota pobre, iniciara a profissão de costureira. Os pais do rapaz não queriam o namoro e naquela época, meados do século passado, os pais mandavam nos filhos, declara. Nunca conseguiu esquecê-lo, nem mesmo após a sua morte, quando ele tinha cinquenta e poucos anos. Por causa desse amor impossível, nenhum outro homem foi capaz de impressioná-la. Betânia se considera viúva sem nunca ter se casado, faz essa declaração com muita emoção o que nos remete à reflexão:

Quanto mais nós somos capazes de amar uma outra pessoa e de apreciar sua companhia, maior deve ser nossa aflição em sua morte, ou na separação. Quanto maior o poder da consciência em se aventurar nas experiências, maior é o preço a ser pago por este conhecimento. É compreensível que nós devemos às vezes perguntar se a vida não foi demasiado longe neste sentido, se "o jogo vale a pena", e se não teria sido melhor que o curso da evolução tivesse tomado uma outra direção - regredindo para a relativa paz do animal, vegetal, e no mineral. (Watts, 1951, p.30)

Casada há 35 anos, morando com o marido e uma filha que enviuvou e os dois netos, Márcia é a única mulher brasileira, entre as entrevistadas, que se mantém casada. Extremamente risonha esta senhora interrompe várias vezes a entrevista para cumprimentar as pessoas que passam na calçada em frente a sua floricultura. Há uma funcionária que a ajuda no atendimento aos clientes, mas há situações atípicas que somente ela pode resolver, como por exemplo: cuidar semanalmente do arranjo de flores do seu santo padroeiro na paróquia, atender ao vizinho - um cabeleireiro que pede as sobras diárias de rosas para decoração do salão, atender ao estudante de oito anos que vindo da escola entra correndo loja a dentro para lhe entregar uma caixinha de achocolatado do seu lanche, fornecido pela governo do estado, que ele trouxe para presentear-la. Ao fundo, no escritório da entrevistada - um pequeno espaço dividido por um balcão de aproximadamente um metro de altura a conversa aconteceu com pouca privacidade, mas com muita espontaneidade.

Do período em que trabalhou como professora na Associação de cegos e amblíopes de Portugal, Maria guarda as melhores lembranças e as amizades que mantém até hoje. Tem amizades com os alunos que atualmente são professores, médicos, contadores, entre outros. Além de relacionar-se com os colegas que atuam na Oficina do Idoso, participa como Vogal na atual gestão.

Cultiva muitas amizades do tempo em que era mocinha em Coimbra. Entende que as amizades antigas são mais confiáveis. Hoje em dia segundo Fátima não se pode contar um segredo a essa juventude porque em pouco tempo a cidade inteira fica sabendo. Confessa que um dos motivos para trabalhar é conviver e relacionar-se com as pessoas.

Sou muito ativa já tive um esgotamento nervoso de tanto trabalhar. Resultou numa depressão. Fui buscar ajuda e o médico me passou um remédio que me fez dormir dois dias sem parar. Voltei ao Dr. e reclamei. Como ele queria que eu continuasse o remédio, parei de tomar e nunca mais voltei. Quando fico triste rezo à minha mãe e lhe peço ajuda. Gosto muito de passear, é o melhor remédio para curar a tristeza. Vou para o Porto de Comboio ou ando a pé aqui na cidade, pelos parques. Um Domingo desses, uma amiga me ligou e disse: venha à minha casa. Eu disse: de casa já saí, vamos passear, andar, caminhar, ver gente.

A sua vida social é enriquecida pelo intenso convívio com o neto que mora bem perto de sua casa, pelo contato com os amigos de muitos anos em Coimbra e ainda com alunos e colegas da ANAI, onde trabalha como professora voluntária na leitura e escrita de idosos, confessa Tereza. Está sempre aberta a desafios, desde que sejam voluntários. Recentemente entrou no curso de bordados da ANAI para se aproximar de uma senhora de 75 anos que iria ser sua aluna nas aulas de leitura e escrita. Essa sua futura aluna tem uma habilidade manual muito grande, borda muito bem, entretanto é completamente analfabeta. Para ganhar a confiança dessa senhora, pediu a ela que lhe ajudasse nos bordados. E assim nesse exercício de empatia a sua tarefa como educadora foi um sucesso. A senhora de 75 anos continua fazendo aulas de leitura e escrita e já lê e escreve fluentemente.

Tenho muitas amizades recentes e antigas. Mantenho o mesmo grau de amizades com os amigos antigos, todavia a frequência com que os vejo é muito baixa, confessa

Cesar que mora sozinho, desde que se divorciou há 15 anos. Fala constantemente com os filhos inclusive com a filha que mora nos Estados Unidos, mas os encontros são raros, embora assíduos nas comemorações de aniversários e outras celebrações. Entende ser difícil se adaptar a morar com alguém sob o mesmo tempo. Vive um relacionamento afetivo, mas ela mora em outra cidade.

Mora com a esposa e duas filhas solteiras. Tem poucos amigos, acha-se muito exigente e seletivo. No trabalho se entende bem com os colegas jovens que gostam e aproveitam bem as suas orientações, em especial sobre ponderações e conselhos no relacionamento com os clientes do banco confessa Jorge.

O relacionamento com as minhas filhas nem sempre é amistoso, elas são muito exigentes com o pai, nunca aceitam os meus pontos de vista. Parece que elas se vingam pelo tempo que fiquei ausente, porque sempre fazem alusão a minha falta de tempo e que não ligo para elas. Talvez seja um choque de gerações. Admito que perdi espaço com os meus filhos. Todavia reconheço que eles me devotam amor e carinho.

Do seu espaço de trabalho ele pode observar a movimentação da rua já que o seu negócio ‘o ferrovelho’ permanece o dia com os portões abertos para entrada e saída dos ‘carroceiros’ que vem vender o material recolhido no dia anterior. Mariano conhece bem os vizinhos e com muita simpatia e um sorriso espontâneo cumprimenta os que por ali passam, ensina a um motorista em desespero onde fica o borracheiro e confessa que conhece muita gente, mas amigo, amigo mesmo, tem poucos.

Nilo relata, com emoção, as constantes reuniões em família com as três gerações. Afirma que estão sempre juntos, são muito unidos e nesse particular faz muitos elogios a sua mulher companheira de todas as horas que gerencia tudo com muito amor e extrema dedicação.

Sou de origem italiana, vivemos muito juntos, aqui na empresa onde sou sócio com o meu irmão, trabalha a maioria dos nossos filhos. Os funcionários também vão se incorporando à família, há pessoas aqui que estão conosco há mais de 30 anos.

Afirma ser de pouca conversa, mas em casa dialoga muito com a sua esposa diz Orlando, olhando sobre os óculos apoiado no balcão da sua loja de tintas onde a entrevista aconteceu. Declara que é muito tímido, porém é muito observador. Os clientes que chegaram, todos do bairro, eram atendidos prontamente e ele já sabia qual era a condição de pagamento. Dois deles usaram o ‘plano da caderneta’. É um sistema antigo que ainda funciona em sua loja para atender aqueles clientes cujo cadastro os grandes lojistas não aprovam. Com um sorriso um tanto maroto declara que esses são clientes fiéis, voltam sempre.

Amável - Casado há mais de 40 anos vive com a esposa e uma filha que tem problemas de saúde. Devido as suas atividades políticas, foi vereador, e o seu engajamento em trabalhos voluntários desde os 17 anos possibilita um relacionamento social com um público muito diversificado de jovens, crianças, adultos, idosos e ciganos, confessa Amável.

Na nossa família temos por tradição reunir ascendentes e descendentes uma vez por ano além de eventuais comemorações. Todos juntos somam mais de 50 pessoas e a reunião costuma acontecer em um restaurante.

Aníbal - Há 24 anos ficou viúvo e nunca mais casou porque temia que a vida a dois trouxesse empecilhos ao curso da vida de ambos, confessa Aníbal, 81 anos e uma vida social muito intensa. É conhecido e demandado por muita gente, graças a um currículo repleto de atuações profissionais que balizam as suas atividades comunitárias em diferentes instituições na cidade de Coimbra e no seu entorno. Com entusiasmo e emoção fala das novas instalações que estão sendo construídas para a sede da Casa dos Pobres em São Martinho do Bispo e do apoio que tem recebido dos seus associados que contribuem com doações e trabalho. Um arquiteto da cidade fez o projeto e faz o acompanhamento da obra sem nenhum custo. Durante a entrevista, entre inúmeras pessoas que atendeu, uma delas veio entregar a documentação referente à doação de um imóvel que fizera à instituição. Após atender esse doador, virou para a entrevistadora e comentou: “esse senhor de mais de 70 anos é viúvo e sem herdeiros e acaba de doar um

imóvel à Casa dos Pobres e são essas ações que alimentam a nossa vontade de tocar em frente.”

Antonio tem um convívio intenso com os filhos e com a filha e neto o contato é diário. Diariamente conversa com os seus clientes e sente que o contato é mais fraterno que comercial. Afirma já ter criado um hábito. Tem muitos amigos em Coimbra. “Nasci e sempre morei aqui. Acostumei-me tanto a cidade que não percebo as subidas e as suas descidas. Já as incorporei”.

Tenho uma convivência muito boa com as pessoas de todas as idades a começar daqui, do meu local de trabalho, declara Carlos que fica à frente do seu açougue fazendo o ‘social’ com os clientes, ciceroneando um ou outro até a próxima compra que pode ser na banca de frutas, na de queijos ou mesmo na peixaria que fica mais à frente.

Sou divorciado desde 1984. De lá pra cá tive três experiências. Na última, ela recebeu um convite para um trabalho na Suíça e foi embora e então eu disse: tu só estava comigo pelo dinheiro, pah.... Aqui no trabalho gosto de todos, me relaciono bem com os colegas desde que não me chateiem. Gosto de passear e gosto de andar de comboio (trem) para observar a natureza. Acostumei a ficar sozinho e quando sinto solidão pego um livro e leio. Não gosto de romance, gosto de livros técnicos. Estou a ler um livro sobre medicina do corpo. (José)

Mario - Tem muitas amizades em Coimbra, mas o seu relacionamento social é mais restrito à família, isto é, aos seus dois filhos com quem mora desde que ficou viúvo em 1991, confessa Mario. “Tive um casamento muito feliz e não quero mais ninguém, prometi a minha esposa que não casaria, nunca mais”.

Nunes - A sua atividade pública, por si só, já o mantém em contato com pessoas de diferentes áreas, idades e nível social, além de participação constante em eventos culturais e sociais da cidade, declara Nunes e acrescenta que gosta muito de levar a vida com muitas atividades, mas reclama de não sobrar tempo para as suas leituras e a escrita de dois livros, já começados.

6.9 Cidadania e Religião

As questões feitas durante as entrevistas acerca de cidadania e religião tinham como objetivo conhecer as práticas dos sujeitos referentes a esses tópicos, o tempo dedicado a atividades voluntárias, o grau de interesse e ainda a influência desses fatores no bem-estar deles. Entre os 20 sujeitos há os que se dedicam com exclusividade ao trabalho voluntário; os que combinam as duas modalidades de trabalho: voluntário e econômico e há os que direta ou indiretamente desenvolvem eventuais ações em prol da comunidade. Denise participa de um coral, um grupo de 24 pessoas, a maioria é de mulheres e a cada quatro meses cantam no Parque do Piqueri - Zona Leste de São Paulo; Betânia adotou um asilo onde faz filantropia todos os anos e visitas periódicas para ouvir e conversar com os ‘velhinhos’, conta. Durante 20 anos Cesar ministrou aulas, uma a duas vezes por semana, voluntariamente, na Sociedade de Eubiose; Mariano trabalha com material reciclável, aproveita o que foi jogado fora pela população e assim oferece a sua contribuição para manter a cidade limpa, gerar empregos e aproveita para dizer: “esse trabalho mereceria uma atenção maior dos Órgãos Públicos, eu queria que o governo me desse condição para legalizar o meu negócio. As pessoas vêem o ‘ferrovelho’ como uma coisa menor e suja”. Conta a história da vizinha que chegou cedinho em seu local de trabalho disse:

- apareceu um rato do seu ferrovelho em meu quintal.

Ele diz que ficou muito surpreso e perguntou a ela:

- minha senhora, o rato usava crachá? As pessoas não entendem que isso aqui é o ganha-pão de muita gente.

Eli tem projetos futuros para desenvolver um trabalho voluntario, porém a sua atividade no museu já permite um envolvimento com as pessoas, frequentadores e pesquisadores e com projetos comunitários que vão além das suas funções administrativas. Isabel e Nilo oferecem apoio, regularmente, a entidades assistenciais. Amável que atualmente dedica-se, com exclusividade, ao voluntariado afirma que desde a sua primeira experiência quando jovem em trabalho voluntario, nunca mais conseguiu parar, pois é uma forma de estar próximo das pessoas e aprender com elas. Relata que em um

trabalho voluntário realizado com os ciganos, percebeu como eles têm um modo de viver diferente do dele, vivem o momento, não têm perspectivas futuras, diz que aprendeu muito com isso.

Os sujeitos, todos, declararam serem católicos embora sejam raros os que praticam a religião. Orlando confessou que assiste à missa todos os Domingos, com a esposa, na paróquia próxima a sua residência. No Natal, tem por tradição, ir à missa com toda a família. Afirma também que embora não tenha hábito da leitura, todos os Domingos lê um texto durante a celebração da missa. Fátima afirma que tem um jeito particular de praticar a sua religião. Conversa com Deus quando precisa, quando está triste e adota uma prática que tem lhe ajudado muito. Periodicamente faz visitas ao túmulo da sua mãe no cemitério. No período em que teve depressão e desistiu do tratamento médico, foi ao cemitério, sentou de frente ao túmulo da sua mãe e após chorar, chorar, dialogou com a mãe e pediu: mãe me ajude, me dê forças, me dê coragem... e com a voz embargada, se dirige a entrevistadora e acrescenta:

é assim menina que eu saio da tristeza, não paro, não deixo que ela me domine. O período da depressão foi muito difícil, teve dias em que eu chorei, chorei tanto que se lágrimas fizessem rego, eu teria regos na cara. Gosto de me arranjar, sou vaidosa, cuido do cabelo, gosto de trapos novos (exibe a malha, verde bandeira, comprada na promoção por € 2,95) gosto de comprar sapatos e assim vou fugindo da tristeza.

Para Carlos a religião só ensina coisas boas e considera fundamental na formação da pessoa. Diz que não pratica religião atualmente, mas reconhece que ela foi importante na sua formação, lhe ensinou muito coisa boa.

José afirma ter um jeito próprio de praticar a religião, procura estar sempre de bem consigo próprio e não fazer mal a ninguém. Confessa que desconfia de algumas pessoas fervorosas que não aceitam a religião do outro, entende que todas as religiões fazem o bem às pessoas que nelas acreditam.

6.10 A vida após os 60 anos

O corte etário de 60 anos, para este estudo, foi baseado na lei 10741/03 - Estatuto do Idoso - destinado a regular os direitos assegurados as pessoas com idade

igual ou superior a 60 anos. A questão, feita aos sujeitos, sobre a vida após os 60 anos foi no sentido de buscar as suas percepções acerca desses direitos, já que o envelhecer, como já foi dito, acontece desde o nascimento e não após os 60. Alguns dos sujeitos entrevistados referiram-se a sintomas como: perda de memória, pouca agilidade física, dores no corpo, que eles atribuem a idade avançada e calculam que começaram a se manifestar entre os 40 e 50 anos. Na idade referida - 60 anos - nenhum deles acusa mudança de caráter físico, psicológico, emocional e comportamental. Sobre a velhice ou o ser velho, os sujeitos têm as seguintes percepções:

6.10.1 O que você entende por velhice?

Antes de narrar as falas dos entrevistados acerca do significado da velhice convém destacar resultados de uma pesquisa desenvolvida por DEBERT (2004), com mulheres acima de 70 anos, já mencionada neste estudo, cujos resultados são descritos a seguir:

Para estas mulheres, ainda, a velhice não estava referida à idade, mas à perda de autonomia, e todas elas se consideravam independentes. O trabalho doméstico não era um símbolo da opressão feminina, e poder realizá-la era a condição para a autonomia e independência que negavam o envelhecimento. Consideravam, por isso, que os homens tinham um envelhecimento prematuro, dada sua dependência do trabalho doméstico feminino. (idem, 2004, p. 26)

Os entrevistados desta pesquisa, homens e mulheres têm uma visão da velhice muito semelhante aos entrevistados de Debert, à medida que encaram a velhice como a falta de autonomia, incapacidade para realizar as suas atividades e, por se acharem em condições opostas, nenhum deles se considera velho, como pode ser observado nos depoimentos que se seguem.

Denise

Para ela, velho é uma pessoa muito acabadinha que não pode fazer mais nada. Há momentos em que se sente com menos idade do que de fato tem, há outros que se sente mais velha. Diz que não mudaria nada em sua vida, faria tudo do mesmo jeito. “a

minha vida é o que eu queria que fosse”. Considera ser essa a melhor fase da vida, porque tem autonomia e liberdade. Viveu bem com o marido, mas ele era muito mandão e ela não tinha liberdade.

Eli

A velhice é uma fase em que a pessoa acumulou muito conhecimento e este deve ser repassado aos outros. Faz essa afirmação em tom de reivindicação. Lamenta que muitos velhos não se empenhem para se entender com os jovens com a desculpa de pertencerem a épocas diferentes, com valores também diferentes e declara:

A pessoa só é velha se tiver na cabeça a velhice. Há momentos em que me sinto com 25 anos. Ando com pessoas de 70 anos e todos brincam. Tenho uma amiga, professora que namorava um aluno 50 anos mais jovem que ela. No dia seu aniversário o namorado lhe deu um vestido cinza com preto. Ela ficou aborrecida e disse ao namorado que olhasse ela pelo que ela é e não pela idade que tem.

Considera todas as fases da vida como boas. Procura construir a sua felicidade no dia a dia. Faz com a vida o mesmo que faz com o horóscopo. “Se está bom ela acredita, se está ruim, não acredita, finge que não é verdade”. Considera-se muito otimista, acha que nasceu assim. O seu pai queria que ela fosse a alegria da casa e acha que ele conseguiu. Gosta muito de sorrir, o sorriso diz muita coisa, afirma Eli.

Isabel

Uma pessoa velha é aquela que reclama de tudo, que não aceita a velhice - a experiência de nascer, crescer, viver e envelhecer, como uma dádiva de Deus, declara Isabel. Diz não ter medo da morte e sente-se preparada espiritualmente e materialmente para a velhice, pois sempre pensou no amanhã e procurou organizar a sua vida para desfrutar de conforto na velhice. Considera a atual fase como a melhor da sua vida, pois tem autonomia, liberdade e condições de viver com dignidade e contribuir com a sua família.

Quando era moça dizia que aos 30 anos teria um filho, mesmo que não casasse. Não o fiz pela família, principalmente o meu pai que era muito rígido e conservador. Queria ter viajado mais e não levar a vida tão a ponto de faca. Mas não é um arrependimento, apenas uma constatação. Sou uma pessoa de bem com a vida.

Felicidade? São momentos felizes, é isso que existe. Sei que nada é eterno. Felicidade é ajudar as pessoas. É melhor ajudar do que receber. Amor é tudo que sentimos pelas pessoas, família, irmãos e amigos. É bom para quem está ao nosso redor e para nós. Aos fins de semana sinto prazer em cozinhar, me realizo, mas encontro prazer em tudo que faço, não faço nada na vida por obrigação. Nunca desejei a morte, nem quando estava no hospital para fazer a mastectomia. Passei muito mal com a anestesia. Por esse motivo o meu retorno ao quarto foi demorado e a família ficou em pânico. No dia seguinte após o café da manhã, me produzi para receber a minha família. Papai começou a chorar. Lembro claramente dessa cena, é uma passagem muito triste da minha vida e, ao mesmo tempo, bela. Jamais esqueci!.

Betânia

Velhice é quando a idade pesa mais que o corpo, é quando a pessoa se entrega. Há pessoas idosas que se acomodam e querem que os outros façam tudo por eles. Estão errados, estão confundindo velhice com doença, com invalidez.

Eu esqueço que tenho 70 anos, o meu modo de vida não me permite parar para pensar na idade, não me sinto velha. Gosto de todos os momentos da minha vida e todos eles foram vividos com muito sacrifício, com muita luta e muito trabalho. Se pudesse mudar algo em minha vida, teria muitos filhos, teria sido menos exigente, teria me casado. Tive um grande amor, como já lhe falei, hoje sou viúva de um homem com quem nunca casei e o amei até a sua morte. Desde pequena eu disse pra mim mesma que iria vencer e ainda tenho muitos sonhos. Cuidei da minha família, cuidei da minha mãe enquanto ela vivia. Mesmo com a casa cheia eu sinto solidão. Meus sobrinhos vêm muito aqui, mas só querem usufruir. Não gosto de deixar transparecer os meus problemas, não levo mágoa das pessoas e não transfiro essas magoas para os outros. Esse é o meu lema. A pessoa tem que ter o domínio da própria vida, tem que se cuidar e tem que dar amor aos outros, tem que pensar no outro. Tem que ver algo e pensar que isso é bom para fulano e do outro lado esse fulano deveria estar pensando a mesma coisa. Felicidade? Acho que ela não existe e bem-estar pra mim seria olhar em volta e não ver nenhuma costura para fazer, risos.

Márcia

Uma pessoa velha é alguém que aposentou, não trabalha e vive do passado afirma Márcia que não viu que fez 60 anos, não sentiu nenhuma diferença, não quer ser velha, não quer ficar chata, ranzinza. A sua mãe morreu no dia em que fez 83 anos e considera que foi um presente de Deus porque ela era uma pessoa forte, lutadora e nunca quis morar com os filhos, vivia em sua casa, sozinha, desde que enviuvou. Conhece muitos velhos que estão ‘jogados à sorte’ e esquecidos pela família, o que considera muito injusto, afinal os velhos deram a sua contribuição ao mundo.

Os velhos precisam de amor, mas para isto ele precisa ter plantado amor na juventude na vida adulta. Uma vez eu quebrei o meu pé e o meu filho me pegava no colo para me dar banho.

Prossegue a conversa dizendo que se a pessoa faz amizade durante as várias fases da vida, quando chegar à velhice ela vai colher os frutos. Se pudesse recomençar faria uma faculdade. Os filhos a incentivam a voltar a estudar, mas ainda não decidiu se quer, mas gostaria de ter mais cultura. Diz que a juventude foi uma boa fase, não tinha grandes responsabilidades, mas avalia que hoje a sua vida está melhor em tudo. Avalia também que hoje colhe os resultados de tantos esforços feitos e de muita luta nas fases da juventude e da adultez. Tenho casa pra morar, mesa farta e os filhos todos estudando ou já formados. Gosto de comer bem, gosto de fazer amizades e gosto de fazer favor, de ser prestativa, de ajudar as pessoas. Diz que a sua receita de felicidade é viver bem com o mundo. Observa muitos velhos carentes e se pergunta: será que eles deram algo aos outros quando eram jovens? Entende que os velhos merecem ser tratados com dignidade, mas quando eles estão saudáveis devem ser tratados e respeitados como uma pessoa normal.

Cesar

Sentado no salão de um movimentado café na Av. Paulista, entre um gole e outro do seu café, tipo carioca, com um ar sereno e contemplativo, ele se lembra que está perto de completar 70 anos e diz que precisa aprender a envelhecer, quase não se dá conta disso, mas reconhece que os seus ritmos começam a mudar. Os seus passos já não

têm a mesma velocidade, a resistência física já não é a mesma e as pernas acusam o excesso de peso. A sua memória que foi sempre exemplar, às vezes falha.

Estou muito seletivo, não suporto a ‘burrice’ principalmente nos velhos. Veja ... há velhos que emperram as filas, nos bancos, nos cafés nos cinemas. São egoístas, se enroscam para falar, demoram a fazer as escolhas. Isso é da idade? Não, não é. Isso é acomodação. A idade não diminui a inteligência. Hoje me emociono com mais facilidade. Sou capaz de me emocionar e de chorar ao ler um livro, uma poesia. Admito e sou capaz de lhe dizer, risos. Na infância (sou filho único) recebi muita atenção da minha mãe e das suas irmãs, minhas tias, solteiras, que me paparicavam muito. Às vezes me pergunto como os ‘paparicos’ que as minhas tias me devotaram não afetaram a minha sexualidade. E por falar em sexo, na minha idade ainda desfruto a minha sexualidade, não com a mesma frequência, claro, mas diria com maior intensidade. Tenho um relacionamento com uma mulher que tem menos de 50 anos, mora em outra cidade e posso dizer que ‘os nossos sentires’ não trazem nenhuma marca que indiquem a somatória das nossas idades. Sinto o mesmo frescor das minhas paixões juvenis com a intensidade e a dedicação dos meus quase 70 anos.

Jorge

Velhice é a fase de se usufruir o que foi construído ao longo da vida. Não me sinto jovem nem velho, acho que ser velho é aposentar e ficar em casa de pijama afirma Jorge.

Muitas vezes sinto falta de compreensão dos jovens para com as idéias e conhecimento dos mais velhos. Tenho boa audição, mas algumas vezes não consigo entender a fala dos jovens e quando não entendo percebo que eles me olham com desdém. Tenho essa percepção no ambiente de trabalho, por exemplo.

Para Jorge bem-estar é ter paz no travesseiro, é viver com dignidade, é ter meios de sobreviver com dignidade e estar bem consigo próprio. Se pudesse dar conselhos aos jovens diria para eles dedicarem-se ao máximo na juventude no sentido de se aprimorar enquanto pessoas e criar condições para desfrutar a vida após os 60 anos, com dignidade.

Mariano

A velhice está na cabeça das pessoas, há velhos de 20 anos e jovens de 80 anos. Hoje as pessoas idosas desfrutam de alguns direitos, mas já me senti discriminado porque esqueci a senha do meu cartão e a mocinha que trabalha na sala de atendimento do banco para orientar o uso das máquinas não tem paciência, reclama Mariano.

Os bancos deviam colocar pessoas mais idosas para atender os idosos, acho que eles se entenderiam melhor. Gostaria de viver até os 100 anos, desde que com saúde e autonomia. A minha vida é feita de altos e baixos e considero que tempo bom é o presente. Quando vim para São Paulo tudo era mais difícil. Bem estar é ter uma casa para morar e penso em minha vida... vejo essas pessoas que não tem um teto e me sinto morando no Portal do Morumbi. Torço para a portuguesa e vou dizer o que entendo por felicidade. Felicidade é o gol do meu time aos 47 minutos do segundo tempo. A gente esquece tudo naquele momento. Esquece tudo... e me refiro ao torcedor que acredita que o time joga por amor a camisa. Amor é um negócio difícil de definir, mas amor é amar as pessoas, em geral.

Nilo

O bom desta idade (+ 60) é poder falar certas coisas e eu entendo que o idoso precisa ser mais respeitado. Muitos consideram que o velho é um entrave. Há velhos que entregam os pontos e estes precisam ser ajudados. A velhice para muitos é uma fase em que se acumulou conhecimento e experiências que devem ser transmitidos a outros. A velhice deve ser aceita assim como o é a juventude e a maturidade. Considero-me um indivíduo de idade. Ainda quero continuar sendo útil a sociedade. Tenho esperanças. Sinto-me querido e respeitado pela minha família, que é muito unida. Meus filhos são todos adultos, estão encaminhados, mas me preocupo com o futuro deles. Eles já encontraram os pratos prontos e têm um medo enorme de enfrentar a vida, sozinhos. Às vezes, paro para pensar como será a velhice deles e procuro ensiná-los a aproveitar a vida, lembrando sempre do amanhã. Bem-estar? É comer bem, dormir bem, ter meus direitos e saber usá-los. Avalio que a vida hoje é melhor que antes e sei também que o dinheiro ajuda muito. Não temo a morte, mas tenho medo de uma doença que me faça sofrer. A minha avó morreu de um câncer e foi uma experiência sofrida e desagradável.

Orlando

A velhice ainda vai demorar a chegar, considera-se vaidoso e entende que se parar de trabalhar vai se sentir velho diz Orlando com muita convicção. Entende que ser velho é não ter vontade de sair de casa, de fazer alguma coisa, de ser útil à família e, no seu entendimento, é a família que deve ajudar e cuidar do idoso, jamais colocá-lo em um asilo. O governo? Esse deve ajudar com os remédios e com atendimento à saúde. Diz que pretende viver até 100 anos, pois a vida hoje está bem melhor do que antes, há muitas facilidades para se viver bem. Bem-estar é ter saúde, viver em paz com a família, comer bem, sair e passear onde e na hora que quiser. Tem uma boa relação com a família, mas às vezes tem algumas rugas com a mulher, marido não pode ficar perto da mulher o tempo todo, tem que estar fora de casa. Sobre amor, declara:

Amor é uma coisa que a gente sente, mas não consegue explicar... a gente sente uma coisa... se uma pessoa da família está doente, a gente sente que é na gente. A gente sente a dor. Amor é isso aí.

Diz que gostou do questionário, achou interessante. Nunca pensou que seria capaz de dizer tantas coisas, “a senhora perguntou e eu disse coisas quem nem pensei que sabia e eu gostei de dizer. Sei que tenho mais coisas pra dizer, mas não tô conseguindo lembrar.”

Maria

O amor pelo trabalho desenvolvido no Instituto para deficientes visuais em Coimbra, a cumplicidade dos colegas professores, a dedicação das pessoas que trabalhavam nas outras funções e o afeto que foi dedicado aquelas crianças com deficiência visual, são aspectos recorrentes na fala de Maria. Questionada sobre o que viria a ser a chave dessa suposta perfeição da equipe de trabalho, ela diz: éramos todos bem preparados, passamos pela mesma formação, acreditávamos e nos sentíamos donos daquele projeto que antes do 25 de Abril era praticamente um projeto clandestino pois o regime (antes do 25 de Abril de 1974) não permitia nem apoiava escola para cegos. Confessa temer a solidão, lembra-se de um diálogo com o seu pai que sofria do Mal de Parkinson, já próximo a sua morte em que ela perguntou:

- pai, o que lhe falta?

- autonomia.

Diz ter medo de perder a autonomia, procura estar sempre ativa, bem informada, ler muito, dedica-se a muitos projetos e estar sempre aberta a novas demandas. Sente dores na coluna, avalia que o espírito está bom, sente-se fisicamente bem, mas a memória muitas vezes falha.

Fátima

Foi avó com 40 anos e gostava de ter sido mais jovem. As pessoas confundem ser avó com ser velha. Uma pessoa velha é aquela que não pode andar que não tem autonomia. Há muita gente nova que só reclama de dor, leva as dores do corpo muito a sério. Se pudesse, diria a essa gente...

ignore essa dor, olhe para o que não dói, pah... só se vive uma vez. O meu braço dói muito e procuro ignorar, não pensar... ninguém me obriga a trabalhar. Acordo às cinco horas da manhã e venho a pé para o trabalho. O meu negócio é pequenito, mas sempre vendo. Há colegas que chegam aqui e dizem hoje tá fraco, não vendi nada. Ouço isso e penso... puxa já entraram muitos níqueis no meu caixa hoje. Aí digo a essa gente, você tem que acreditar, hoje tá fraco, amanhã melhora, se continuar pensando que tudo tá ruim você vai morrer cedo. Tem que ir devagarinho para aparecer o casamento....

Tereza

Entende que será velha quando perder a curiosidade pelas coisas, quando deixar de acreditar e diz sentir medo da velhice e da morte. Diz não ter limitações, internamente não se sente velha, tem uma saúde boa, sempre se cuidou e acha que as pessoas devem prevenir-se e cuidar-se ao longo da vida. Gosta de viver em Coimbra porque a cidade oferece tudo que ela precisa em termos de artes e cultura. Os idosos devem ter acesso a cursos e atividades de seu interesse e as pessoas precisam estar

preparadas para interagir com eles e aproveitar as suas potencialidades. Defende que não haja ilhas, que não haja locais destinados a atividades somente para idosos, é preciso estimular a convivência entre as diferentes gerações.

Amável

A velhice é física e deve ser combatida com atividades físicas. As pessoas precisam estar em atividade a despeito das limitações, precisam relançar-se na vida afirma Amável. Diz que a sua memória muitas vezes falha e já não fixa bem as coisas como antes. Sente-se mais emotivo. Com os olhos marejados diz que hoje é bem mais sensível às coisas e aos acontecimentos. Não ver como mal, a sensibilidade deveria acontecer mais cedo. Desconhece se essa sensibilidade é própria da idade, se é uma característica, outrossim diz que muitas vezes sente-se vulnerável. Acha que nesse período da vida, os sentimentos são potencializados. No seu convívio com idosos sente uma atmosfera de paz, amor e fraternidade. Se pudesse recomeçar mudaria muita coisa, profissionalmente e socialmente. Entende que bem estar é olhar em volta da família e da comunidade e ver que todos estão bem. Tudo que está a sua volta compõe o seu bem estar. Sobre amor, confessa:

amor é tudo que une, é aproximação, é reciprocidade, é viver em comunhão com as pessoas. Não temo a morte, sei que ela é certa, mas gostaria de ter o mérito de não sofrer, não vegetar. O meu pai vegetou por cinco anos, é muito triste.

Aníbal

Velhice é o estado de uma pessoa bloqueada pelo tempo. O idoso é o indivíduo que parou no tempo e não tem motivação para viver e desfrutar as possibilidades que as circunstâncias lhe permite. O indivíduo pode ter anos e não ser velho assegura Aníbal que entre uma e outra poesia vai dizendo o que pensa sobre a melhor fase da vida.

Olho sempre o que realizei, isso me motiva a realizar mais, não gosto de chorar as perdas. Bem estar é não passar privações, é realizar os sonhos e é ter sonhos para realizar. E o amor? O amor é gota celeste que a providência verteu no cálice da vida para lhe corrigir o amargor. Não temo a morte, acho um trânsito natural.

Antonio

Para Antonio velhice é quando a pessoa perde a capacidade de realizar os próprios desejos. Aponta mudanças em sua vida, nos últimos anos, como aptidão física e sexo que já não é uma necessidade constante. Os hábitos se alteraram, como por exemplo, viajar. Já não sente tanta necessidade como antes. Vê pessoas de 20 anos que se parecem e agem como velhas, entretanto diz conhecer uma pessoa de 70 anos que é um jovem de cabeça. Confessa que estar casado há 40 anos, que vive uma relação de paz e entendimento, mas a grande paixão da vida dele foi outra pessoa e por questões familiares não se casaram. Talvez tivesse sido pior, acrescenta. Elege o período entre 20 e 25 anos de idade como o melhor e mais bonito da sua vida. Foi nele que viveu o grande amor e serviu a Marinha e acrescenta: “os dias mais felizes da minha vida foram: o nascimento do filho e o 25 de Abril de 1974.”

Carlos

Gosta de ver o lado positivo das coisas, triste é ser dependente e entende que ser velho é ser dependente. Há pessoas que ao envelhecer ficam mais egoístas, entendem que o mundo é que deve se adaptar a elas e não o contrário. Gostaria de viver enquanto pudesse se cuidar e cuidar da família e não ao contrário. Confessa que não mudaria nada em sua vida se tivesse a chance de começar tudo de novo. Diz que a sua vida mudou aos 26 anos, quando casou. Foi a partir daí que passou a ter mais independência e pode viajar um pouco. A infância foi muito pobre numa aldeia próxima a Coimbra, que nem tinha água. Quando foi para a vida militar, aos 18 anos, acreditou que iria morar na cidade do Porto, mas por ironia do destino ficou mesmo em Coimbra onde mora até hoje e de onde não pretende sair. Para Carlos felicidade é ter saúde, amigos e família. A convivência com as pessoas é o que mais lhe dá prazer. Diz que gosta muito de falar. “sou um fala barato” afirma. Não teme a morte e conta a história de um amigo, casado, que morava com a mulher no 8º. andar de um prédio. Um dia a mulher saiu primeiro que ele para trabalhar. Ele atirou-se daquela altura pela janela do quarto. Ninguém sabe até hoje porque ele fez aquilo. “Como pode alguém desistir da vida e ninguém saber o tipo de dor que ela sofria, nem a própria mulher?”

Lamenta que o atendimento ao idoso tenha virado apenas um negócio. Muitas famílias desprezam seus idosos. Muitos idosos temem ir para instituições porque não querem se submeter aos horários e a disciplina do lugar. Há idosos largados que bebem muito e que abandonaram os hábitos de higiene pessoal. Esses não conseguem para nas instituições. Por fim, entende que atualmente a despeito do estilo de vida individualista há um movimento de conscientização em prol dos direitos das pessoas e em especial dos idosos.

José

Velhice é quando as pessoas pensam demais nos problemas, é temer a tudo. Se a pessoa não tiver medo, a velhice não existe, declara José. Diz não ficar pensando nos problemas, nem na velhice e, portanto não se sente velho. Não sente solidão a despeito de morar sozinho, preenche bem o seu tempo com leitura, com caminhadas, mas confessa que se um dia precisar, vai morar numa instituição. Não teme a disciplina do lugar e acredita na humanidade e na compaixão das pessoas. “Há pessoas idosas que não se adaptam a esses sítios porque não querem se adaptar à disciplina”.

Mário

Acredito que as pessoas que ao longo da vida se cuidam, se exercitam, vivem de forma regrada, não abusam do álcool irão desfrutar de uma boa velhice. O idoso, pobre, deveria ter isenção nos remédios e no atendimento médico.

Mostra a sua receita médica e diz que para receber uma ajuda financeira no valor do remédio que toma para a pressão, precisa ir ao médico, mas a consulta demora e ele não pode faltar ao trabalho. Confessa que se pudesse, estudaria mais, sente falta de ter mais estudo. O tempo mais feliz em sua vida foram os 25 anos em que foi casado com a sua mulher que morreu em 1991, vítima de câncer. Viveram um amor de verdade. Durante os 25 anos em que estiveram juntos em Moçambique, no Brasil e em Coimbra onde ela morreu, compartilharam tudo que foi possível, se respeitaram e foram sempre leais. Diz que amou de verdade.

Nunes

Quando a pessoa se sente saturada de viver, quando para de ter ambições, quando se sente no limiar do descrédito da própria vida, quando não acredita em si, essa pessoa é velha, afirma Nunes. As pessoas com baixa formação educacional que ao longo da vida executaram tarefas operacionais e não ampliaram os seus horizontes, ficam marginalizadas quando velhas porque não sabem no que se ocupar e tem dificuldades de participar de associações e da vida em comunidade. É para essas pessoas, especialmente, que a sociedade precisa dedicar maior atenção. Oferecer ocupação ou atividade para que elas não busquem apoio na bebida ou entrem em depressão. Nunes confessa que quer estar ativo enquanto viver, não pensa na morte, acha que não sobra tempo para pensar nesses assuntos. Deseja nunca perder a autonomia, é muito triste e não gostaria de dar trabalho aos outros. Isso seria uma aflição, isso seria sentir-se inútil. Teve uma experiência em que ficou 21 dias na cama por um problema na coluna. Sentiu-se inútil, foi terrível, não deseja para ninguém e conclui dizendo que bem-estar é sentir que fez algo pelo outro.

6.11 Os sujeitos e as suas experiências empreendedoras

Não obstante o entendimento de que empreender não se refere apenas à criação e gestão de um negócio próprio, nesta análise, serão focados apenas os sujeitos donos de empresa dado que o indivíduo empreendedor, quando trabalha como empregado, para empreender na organização, isto é ser intraempreendedor, depende das condições favoráveis do ambiente organizacional. Quando o negócio é próprio, pressupõe-se que ele tem mais autonomia e, portanto maiores possibilidades de usar as suas características empreendedoras.

Isabel trabalhava em São Paulo com a representação comercial de um produto de outro estado brasileiro. Com o passar dos anos foi adquirindo conhecimento e experiência e se tornou dona do negócio que administra até hoje em parceria com o seu sócio. Iniciou a atividade própria há 10 anos com uma equipe de cinco pessoas, hoje são quase trinta e o negócio está bem consolidado;

Márcia que está casada há 35 anos, tem a vida bem estruturada morando com o marido e dois dos filhos, ficou um ano em casa após aposentar-se na carreira do servidor público. O principal motivo para abrir um negócio era se ocupar, ter com quem se relacionar e fazer uma atividade que lhe desse prazer. Mas precisava aliar essa satisfação com a viabilidade do negócio. Para isso fez pesquisas, analisou o ponto comercial, fez cursos direcionados a gestão de empresa e fez pesquisa de campo. Esses fatores e uma boa dose de determinação tem possibilitado o crescimento da floricultura na zona leste da capital.

Orlando aposentou-se, mas já sabia que não ia ficar parado, queria ter autonomia e não ter chefe. Queria ter uma atividade, fazer algo com amor, com vontade e que tivesse conhecimento, por isso abriu a loja de tintas e acessórios para pintura de automóveis. Para melhor atender a vizinhança ampliou a linha de produtos e incluiu tintas para residências e acessórios para pintura. Há 11 anos abriu a loja e a despeito das adversidades, não tem do que reclamar. Tem uma clientela fiel, o consumidor doméstico que prefere comprar no bairro e os donos de funilarias que garantem parte do faturamento mensal.

Mariano - Aposentado com um salário mínimo, era taxista, mas estava cansado do trânsito da cidade. Queria fazer alguma coisa. Juntamente com a mulher, foi vender cachorro quente, na estação Santa Cruz do Metrô - Vila Mariana. Foi pego pela fiscalização e encerrou a atividade. Uma sobrinha que havia deixado de trabalhar numa multinacional, queria fazer algo pelo meio ambiente. Fizeram a sociedade para trabalhar com materiais recicláveis. A sobrinha 'aguentou' uma semana e vendeu a parte dela, que ele pagou em um ano. Embora lidar com material reciclável seja uma atividade bastante insalubre, gosta do que faz e a melhor razão para manter esse negócio, atualmente, é o compromisso com os seus parceiros - os carroceiros. São pessoas que saíram das ruas, que não têm família ou que são abandonados por elas. Alguns, são chamados por apelidos e nem sabem os seus nomes. Há o Tatu, o Paraíba, o Alemão, o Gugu, o Moacir...

Desde pequeno Nilo esteve ligado a educação e ao jornalismo. Atua como professor há mais de quatro décadas e juntamente com o irmão mantém a sociedade na editora que publica um jornal semanal no meio publicitário e várias revistas quinzenais, além de outras mensais. Foram pioneiros nesse tipo de jornalismo voltado para o meio

publicitário. Aos 70 anos ainda tem muito projetos sendo um deles fazer um jornal diário. Tem um benefício da previdência privada, mas nunca se sentiu aposentado, nunca parou de trabalhar. Os filhos e sobrinhos já trabalham na empresa, a eles cabe dar continuidade ao negócio.

Fátima quando aposentou ganhou a loja do irmão. Ele queria mudar de ramo, e sabedor do sonho dela em ter um comercio, deu-lhe de presente. Queria ter um comercio para se ocupar, para ver gente e ganhar uns niqueis também. A loja tem tudo, gosta de ter novidades, conta essa portuguesa, de Coimbra. Toda segunda-feira vai a cidade do Porto, fazer compras, buscar novidades, ou encomendas para as suas freguesas. São encomendas pontuais, prendas de aniversarios, de casamentos, bodas, datas especiais. Sabe o gosto das suas freguesas, elas ficam contentes.

Antonio deu continuidade a empresa do pai - um açougue em Coimbra. Não gosta de lidar com carnes, gosta do relacionamento com as pessoas, vizinhos e clientes. No passado idealizou ser bancário ou trabalhar para uma grande companhia, mas movido pelas circunstancias se adaptou ao seu pequeno comercio. O trabalho faz manter o interesse pela vida.

Carlos durante mais de 40 anos trabalhou em uma grande companhia nas proximidades de Coimbra, saiu porque a empresa fechou. Assumiu o açougue que pertencera ao sogro, onde a esposa já trabalhava. A sua atuação sempre foi na parte comercial, clientes e fornecedores. Vai ficar com o comercio por mais dois anos até a esposa aposentar, quando esse dia chegar, a funcionária vai assumir o negócio e ele e a esposa vão cuidar do jardim.

Pelos relatos e análises das falas dos sujeitos dessa pesquisa nota-se que eles apresentam muitas características comuns ao empreendedor como por exemplo: persistência e determinação Mariano; iniciativa e bom relacionamento Márcia; conhecimento, habilidades e experiência no serviço Orlando; compromisso com as pessoas Mariano; pioneirismo, criação de um produto novo, Nilo.

Em alguns dos exemplos aqui citados, o motivo para ser dono de um negócio é a propria sobrevivência, um complemento de renda, o ter no que se ocupar, motivações, que por si só, não caracterizam um indivíduo como empreendedor, mas que o

caracteriza como alguém que gosta de estar em atividade; de fazer amigos; de ocupar o tempo e que busca essas realizações por meio do trabalho.

O empreendedorismo, ou a ação empreendedora de qualquer indivíduo, ocorre num dado lugar e tempo, no nível duma dada empresa, independentemente da sua escala. As microempresas e as pequenas empresas onde o empreendedor é o comandante facultam esse meio, mas o intraempreendedor também eclode em firmas maiores, sobretudo quando elas buscam com denodo a pequena escala. Por exemplo, através de grupos de projecto, filiais e parcerias. É nestes solos que o empreendedorismo germina, é neste microclima que os indivíduos convertem as suas predisposições, capacidades e expectativas, numa palavra, os seus talentos ou capital psicológico em ações concretas e específicas. As iniciativas e cometimentos empreendedores ao nível da firma resultam então, no geral, em novidades ou em mudanças de tipo variado: produtos, processos, reorganizações, entrada em novos mercados e eclosão de novos negócios. (PORTELAB ORG. 2008, P.10)

É nesses solos que as pessoas, sobretudo os maiores de 60 anos, sujeitos desta pesquisa, buscam uma chance para dar vazão aos seu capital psicológico, a sua larga experiência, para empreender ou até para fugir do tédio, se atualizar, encontrar o sentido para a vida e encontrar o seu bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ e aprendi que se depende sempre
de tanta, muita e diferente gente
toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas...”

Caminhos do Coração

Gonzaguinha (compositor brasileiro)

Ao encerrar esse trabalho vale realçar que os sujeitos entrevistados representam um grupo de pessoas em condições de vida bastante favoráveis no que se refere às questões econômicas, sociais e de saúde, a despeito de alguns deles conviverem com doenças de relativa gravidade. Nota-se que, de um modo geral, essas pessoas adotam uma postura bastante positiva diante das adversidades que o envelhecimento lhes traz, mormente os problemas com a saúde. Quais seriam os aspectos que lhes possibilitam esse envelhecimento tão pleno e tão repleto de atividades? Que fatores estariam amenizando esta tão humana, mas tão difícil transição nessas pessoas? Esteves (1995) comenta sobre o despreparo cultural da sociedade e das instituições para com o rito de passagem do ser humano da fase adulta (trabalho) para a fase de ancião (não trabalho) e acrescenta:

Tornar-se velho, sendo uma questão de idade, fica reduzida a uma questão meramente natural; sendo cultural, cabe aos adultos por si sós inventar-lhes as soluções: organização do tempo, relações sociais, formas de expressão e comunicação, a transformação do corpo para o trabalho num corpo para si, o desenvolvimento da curiosidade agora sem solicitações e imposições exteriores, a invenção de vias de aprendizagem, etc. (Esteves, 1995. P. 124)

Construir um quadro de vida incentivador do desenvolvimento humano é uma tarefa socialmente relevante no processo de envelhecimento, lembra o autor e, ao que parece, dada a impossibilidade de respostas adequadas pelas instituições, os maiores de 60 anos

estão indo à luta em busca de formas e meios de continuarem fazendo aquilo que lhes dê satisfação e sentido para viver em condições de saúde e bem-estar: no trabalho, nos *hobbies*, nas relações familiares, sociais e afetivas.

É lícito que os maiores de 60 anos busquem, reivindiquem os seus direitos concedidos pelo Estatuto do Idoso, no caso dos brasileiros; e na Constituição Portuguesa, no caso dos portugueses, mas também é dever da sociedade reconhecer esses direitos e educar-se para interagir, de maneira respeitosa e construtiva com os maiores de 60 anos, familiares, vizinhos, entre outros, pois...

Os idosos precisam, e merecem, um outro olhar e uma outra atitude por parte da sociedade, mas a sociedade mais justa, mais solidária e mais humanista que desejamos para o Séc. XXI precisa também dos idosos, precisa da sua participação empenhada, da sua lição de vida e do testemunho de sua serena e sábia maturidade. Porque se é verdade, conforme diz o ditado popular, que a vida são dois dias e que este já conta, é igualmente verdade que a eternidade do tempo cabe em cada segundo em que nos damos inteiros, e nos tornamos capazes de produzir e acolher acontecimentos novos. (BAPTISTA, p. 74, 2002)

Os sujeitos entrevistados demonstraram interesse para encarar os problemas e dificuldades do cotidiano e disposição para novas aprendizagens nos diferentes domínios da vida humana: relacionamento social, inclusive com as novas gerações, cultura, novas formas de trabalho e a própria condição do envelhecer. Ao final de cada entrevista fazia-se a seguinte pergunta: o que você achou desse questionário? As respostas, sempre muito atenciosas e de aprovação foram seguidas de alguns comentários e sugestões:

- Cesar: fui estimulado a refletir sobre muitas coisas e sobre mim;
- Nunes: leva as pessoas a refletirem a entrar no âmago de sua humanidade.
- Orlando: Gostei, achei interessante. Se eu tivesse que explicar tudo isso pra senhora não saberia, mas a senhora perguntou, fez questões e eu disse coisas que nem pensei que sabia... é... eu gostei. Sei que tenho mais coisa pra dizer, mas não tô conseguindo lembrar.

- Jorge: eu queria deixar um recado aos jovens... dediquem-se ao máximo na juventude para ter o que usufruir na velhice...acumule riquezas não apenas materiais, falo de caráter, honestidade, coisas assim.
- Mariano: a Prefeitura devia dar uma condição para eu continuar o meu trabalho. Tem que manter a cidade limpa, eu estou aqui há 8 anos, e não posso legalizar o meu negócio porque dizem que nesta zona não pode ter um ferrovelho, mas daqui até o zoológico tá cheio de bar, oficina, tem até uma carvoaria.
- Amável: gostei do questionário. Gosto de ouvir a pronúncia do brasileiro, gosto da alegria dos brasileiros.
- José: vocês que estudam têm condição de ver e conhecer a realidade a partir do inquérito que fazem com as pessoas e com as instituições de idosos. Tem muita gente a falar mal da velhice e das associações sem saber a realidade.

A revisão da literatura feita para este trabalho permitiu um mergulho profundo nas questões do envelhecimento e um despertar mais consciente para o aumento progressivo do número de pessoas com mais de 60 anos de idade, em todo o mundo. As entrevistas realizadas por meio da pesquisa qualitativa trouxeram à luz depoimentos surpreendentes de pessoas na faixa etária entre 60 e 81 anos, cujo modo de vida, bem-estar e satisfação, naquilo que fazem no cotidiano, denota a existência de novos paradigmas sobre a condição de vida dos maiores de 60 anos e nega as imagens que, comumente, se faz da velhice como se ela fosse feita apenas de fragilidades, de declínios e de impossibilidades num corpo enrugado feio e decrepito. Na opinião dos entrevistados, a velhice é um final de ciclo, sim, mas também é uma fase de colheitas, de maturidade e de uma felicidade inigualável: ter cumprido a nobre e indelegável missão de educar os filhos.

Os entrevistados demonstram reconhecer o peso do envelhecimento e o preço da longevidade, mas denotam estarem atentos e dispostos a lutar pelas colheitas e louros nessa safra de anos, além dos 60, além de suas aposentadorias, semeadas dia a dia em terreno fértil pelas experiências e pela memória, todavia árido e espinhoso pelas limitações e pelo declínio. Se “viver não é preciso” como disse o poeta Fernando Pessoa, o envelhecer também não o é, entretanto os longevos entrevistados comprovam que, por meio do trabalho e de suas atividades encontram os meios de equilibrar o doce e o amargo da vida transformando-os em maturidade e serenidade. Ao executar as suas

tarefas essas pessoas se apresentam como exímios profissionais, de semblantes serenos, seguros do que fazem. Em um dos seus contos - “Cantiga de Esponsais” -, ambientado no ano de 1813, Machado de Assis refere-se a um senhor de cabelos brancos - “a cabeça desse velho que rege a orquestra”, e realçando a beleza de uma missa cantada naqueles tempos idos, com suas inúmeras atrações: padres, sacristães, olhos das moças cariocas, orquestras, chama a atenção do leitor para esse velho, não pela idade em si, mas pela forma de reger com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta anos, não menos, nasceu no Valongo, ou por esses lados. É bom músico e bom homem; todos os músicos gostam dele. Mestre Romão é o nome familiar; Quem rege a missa é mestre Romão, - equivalia a esta outra forma de anúncio, anos depois: Entra em cena o autor João Caetano¹⁵ e dizer familiar e público era a mesma coisa em tal matéria e tempo. (...) quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste, e passo demorado? Tudo isso desaparecia à frente da orquestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar acendia-se, o riso iluminava-se, era outro. (Machado de Assis, 1994, p. 29)

O estar com os entrevistados, face a face, na fantástica experiência de ouvir as suas histórias de vida, revelou a capacidade que eles têm de comunicar e até de empolgar com o entusiasmo com que relatam as suas experiências. Esse fato fortalece a convicção da necessidade de se ampliar as pesquisas e estudos sobre o tema envelhecimento, especialmente sob a ótica de seus atores: os maiores de 60 anos. Nesse sentido vale retomar o comentário de Richardson sobre a pesquisa qualitativa quando ele afirma:

...a validade pode ser analisada em termos da administração reflexiva da relação entre as opiniões dos entrevistados e um processo mais abrangente de análise histórica e estrutural. Essa é uma combinação complexa que exige um trabalho cuidadoso em cada etapa do processo de pesquisa. Proporciona, porém, uma oportunidade única de ir além das aparências superficiais do dia a dia. Também, permite fazer uma análise teórica dos fenômenos sociais baseada no cotidiano das pessoas e um uma aproximação crítica das categorias e formas como se configura essa experiência diária. (Richardson, 1999, p.103)

¹⁵ João Caetano - João Caetano dos Santos (1808-1863) foi um dos pioneiros da dramaturgia e da arte de representar autenticamente nacionais, formou a sua companhia, com atores exclusivamente brasileiros, quando a regra era contratar atores portugueses. Nota do autor.

A literatura revela alguns comportamentos predominantes nessa faixa etária como: a tenacidade, a sabedoria, que resulta da experiência adquirida ao longo dos anos. Esses fatores combinados às novas posturas adotadas pelos entrevistados, no que se refere a entender o mundo atual e a lidar com as mudanças, aprender sobre coisas novas, desenvolver novas habilidades e buscar outras oportunidades no mercado - seja como empregado, seja como dono de um negócio -, suscitam a formulação de algumas questões:

- Haverá espaço no mercado de trabalho para absorver esse amplo segmento de novos/velhos candidatos as suas vagas?
- Estariam essas pessoas preparadas para empreender no atual cenário de mercados globais?
- Teriam essas pessoas as características pertinentes ao perfil do empreendedor?
- É possível ensinar as técnicas e estratégias necessárias para desempenhar novas funções, seja no mercado de trabalho ou em um negócio próprio a esse público longo tempo/aposentado, mas com disposição para novos desafios?

As questões são inúmeras e esta pesquisa não teve a pretensão de apresentar todas as respostas, contudo propõe pistas no sentido de se priorizar a devida atenção aos maiores de 60 anos, não apenas no sentido de devolver-lhes economicamente o que é justo em termos de valor de aposentadoria, mas, sobretudo em oferecer oportunidades para essas pessoas expressarem as suas capacidades e potencialidades.

Os sujeitos desse estudo, brasileiros e portugueses moradores de São Paulo e de Coimbra respectivamente, não temem à morte, mas temem a perda de autonomia, temem um final de ciclo de vida a depender de cuidados de terceiros e manifestam a preferência de viver até os últimos dias de vida em seu cantinho, em seu espaço. Muitos desses sujeitos, em especial as mulheres, cuidaram ou cuidam dos seus pais idosos, entretanto, entendem que, devido ao atual estilo de vida dos seus filhos, não vêem possibilidades de serem cuidados por eles, na hipótese de uma necessidade futura, mesmo reconhecendo que haja, por parte de alguns, vontade e disposição em fazê-lo. Na análise das entrevistas não foi identificado nenhum aspecto relevante que distinguisse os moradores das duas cidades, exceto àqueles peculiares ao jeito de ser, ao estilo de vida, a convivência com os familiares e vizinhos, em duas cidades de tamanhos e populações

tão díspares. Essas peculiaridades se verificam em todas as faixas etárias, não somente nos maiores de 60 anos, como por exemplo, na tranquilidade de vida dos moradores de Coimbra, nos hábitos de frequentar os espaços públicos, na segurança que desfrutam em sentar-se com amigos no banco dos jardins e praças e, especialmente no respeito e conservação desses mesmos espaços. Essas informações fizeram parte das suas falas, mas é uma prática que salta aos olhos de qualquer pessoa que por lá passa, especialmente um brasileiro morador de São Paulo.

Por fim, com base nas narrativas dos portugueses e brasileiros, maiores de 60 anos, entendemos que há uma forte relação entre o bem-estar físico e emocional e o fato deles exercerem uma atividade profissional remunerada ou voluntária porque é por meio delas que eles expressam as suas competências, trocam experiências de vida, estabelecem novos vínculos sociais e encontram sentido para a sua existência. Tereza (64 anos) entende que velha é aquela pessoa que perdeu a curiosidade pelas coisas e deixou de acreditar.... ao que foi demonstrado, os longevos deste estudo são curiosos e acreditam em suas capacidades de aprender novas lições, de adquirirem novos conhecimentos, de se autodesenvolverem. “o verdadeiro objecto do discurso científico não é tanto a realidade quanto a possibilidade” (ESTEVES, 1995, p.125).

Esta pesquisa enveredou pelo caminho das possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Balada de Narayama. Shohei Imamura. Japão. Distr. Cinemagia, 1983, [128 min] som. [leg] color.

ALVES, JÚNIOR. Edmundo de Drummond. **A Pastoral do Envelhecimento** (Tese de Doutorado) Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2004. ANGELO, Eduardo Bom. **Empreendedor Corporativo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003

ASSIS, Machado de. **Onze Contos de Machado de Assis**. 3ª. Ed. São Paulo: Núcleo, 1994. (Coleção Núcleo de Literatura) Cap . p.29-32

BAPTISTA, Isabel. **Terceira Idade**: uma questão para a Educação Social. Depto Ciências Históricas e de Educação da Universidade Portucalense Infante D Henrique. Porto: 2002.

BAUER, Martin W e GASKELL George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BLASS, Leila Maria da Silva. O ato de trabalhar em suas múltiplas faces. In BLASS, Leila Maria da Silva. **Ato de Trabalhar**: imagens e representações(Orgs). São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Rompendo fronteiras**: a cidade do samba no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.23 nr. 66. São Paulo, 2008. Disponível em [HTTP//.www.scielo.br/scielo.php/?/](http://www.scielo.br/scielo.php?/) Acesso em Jan 2009.

BOBBIO. Norberto. **O tempo da Memória**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

BOGDAN, Robert e BIKLEN. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução a teoria e aos métodos. Portugal, Porto: Porto Editora, 1994.

BÓGUS, Lucia M Machado & PASTERNAK Suzana (Orgs). **Como anda a Região Metropolitana de S Paulo**. Brasília, Ministério das Cidades, 2008.

BOMFIM, Patrícia. **O Estado de São Paulo**, Caderno Especial H 18 de 11. 08.2005.

BOSI, Eclea. **Memoria e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRASIL. **ESTATUTO DO IDOSO**. Disponível em: www.senado.gov.br. Acesso em 27 Mar. 2006.

BRASIL. **Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Cidade de São Paulo**. 2006. Acesso em 20 de Jun de 2006.

CABRILLO, Francisco & Cachafeiro M Luisa. **A Revolução grisalha**. Coimbra 1990 Editora Planeta

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARANO, Ana Amélia. **Muito além dos 60**. IPEA, 1999.

_____. **O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **Programas e serviços de proteção e inclusão social dos idosos**. São Paulo: IEE/PUC-SP; Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer e A amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997

Comissão do MEC debate Envelhecimento Populacional. Disponível em [\[http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/N_11042006S.htm\]](http://www.capes.gov.br/capes/portal/conteudo/10/N_11042006S.htm). Acesso em 17.04.06 às 11 horas.

CHEGA DE SAUDADE. Laís Bodansky. Roteiro: Luiz Bolognesi. Produção Musical BID, Manaus: Videolar 2005. DVD (120min) sonoro, colorido. Português.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. **O Corpo: cultura e natureza**. Pensando a velhice. In CORTE, Beltrina, MERCADANTE, Elizabeth Frohlich e ARCURI, Irene Gaeta. (Orgs.). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 131 a 144.

CORTE, Beltrina, MERCADANTE, Elizabeth Frohlich e ARCURI, Irene Gaeta. (Orgs.). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005.

DALMAZO, Luiza. **Jornal Valor**. Com mais de 70 anos, eles seguem na labuta e ensinam sobre a crise. caderno eu & carreira. 29.10.08

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2004.

DEBERT, Guita Grin e NÉRI, Anita Liberalesso. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

DE MASI, Domenico. **O ócio Criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo transformando idéias em negócios**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor**: prática e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ESTEVES, Antonio Joaquim. **Jovens e Idosos**. Família, Escola e Trabalho. Porto: Apontamento, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GASPAR, Ricardo Carlos. **As fronteiras do possível**: trabalho, lazer e civilização. São Paulo: Germinal, 2003

GONÇALVES, Andréa Kruger. **Ser Idoso no mundo**: o indivíduo idoso e a vivência de atividades físicas como meio de afirmação e identidade social. (Tese de Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1999.

HILLMAN, James. **A força do caráter**: e a poética de uma vida longa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HSBC e Oxford Institute of Ageing. Pesquisa realizada em 2006.

IBGE lança o Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias . “ Acesso em 06 Fev. 2006.

INE. Instituto de Estatística de Portugal. Disponível em www.ine.pt. Acesso em 25.06.2008.

JOHNSON, Paul and FALKINGHAM, Jane. **Ageing and Economic Welfare**. British Library Cataloguing in Publication data. Sage Publications Ltd. London, 1992.

KUNDERA, Milan. **A imortalidade**. 5ª. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

LEVET, Maximilienne. **Viver depois dos 60 anos**. Lisboa: Instituto Piaget, DL 1998.

LÉVI-STRAUS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1955.

_____. **Saudades de São Paulo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

MARIN, Denise Chrispim. **População mais velha será novo desafio**. O Estado de São Paulo. Caderno b5. Mercado de trabalho. 10.08.2006.

MERCADANTE, Elisabeth Fhohlich. **Velhice: uma questão complexa**. In CORTE, Beltrina, MERCADANTE, Elisabeth Frohlich e ARCURI, Irene Gaeta. (Orgs.). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005.

MOLLER, I. Hornemann; Hespanha, Pedro (2002). Padrões de Exclusão e Estratégias Pessoais, Oficina do CES, 177. Disponível em [HTTP://www.ces.uc.pt/publicações/oficina/177/177.pht](http://www.ces.uc.pt/publicações/oficina/177/177.pht). Acesso em 25.06.08.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Somos todos velhos porque o tempo não pára**. In CORTE, Beltrina, MERCADANTE, Elisabeth Frohlich e ARCURI, Irene Gaeta. (Orgs.). **Velhice envelhecimento complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005.

MOREIRA, Marilda Maria da Silva. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. (Dissertação de Mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Recife, 2000.

NANNI, Rodolfo. São Paulo ilimitada. **Jornal O estado de São Paulo**. São Paulo, 24 de janeiro de 2009. Espaço aberto. p.2.

NÉRI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens**. SP, Campinas: Editora Unicamp, 1991.

_____.(org) **Qualidade de vida e idade madura**. SP. Campinas: papirus, 1993.

_____.(org) **Psicologia do envelhecimento**.São Paulo, Campinas, Papirus, 1995.

NERI, Anita Liberalesso e YASSUDA, Monica S (orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papirus, 2004

NERI, Marcelo. **Aposentados investem no próprio negócio**.
<http://www.previ.com.br/portal/page>. Acesso em 04.10.07 às 8 horas.

NUNES, Maria Paula. **O Envelhecimento no Feminino**. Um desafio para o próximo milênio. Lisboa: Comissão para Igualdade e para o Direito das Mulheres, 2005

OLIVEIRA, José Henrique Barros. **Psicologia do Idoso**. Porto: Legis Editora, 2008

OTTA, Lu Aiko . Mais emprego para os cinquentões. **Jornal O estado de São Paulo** 23.11.2007. Caderno de Economia p.b8.

PESTANA Nuno Nóbrega. **Trabalhadores mais velhos**. Políticas Públicas e Políticas Empresariais. Lisboa, Min Seg Social e do Trabalho, 2003.

PINCHOT, Gilford e PELLMAN, Ron. **Intraempreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios**. . Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PORTELA, José. (Coord.) **Microempreendedorismo em Portugal: experiências e perspectivas**. Lisboa: INSCOOP, 2008.

_____. (Coord.) **Microempreendedorismo em Portugal: experiências e perspectivas**. Relatório síntese. Lisboa: INSCOOP, 2008

PORTO, Sergio. **A casa demolida**. Rio de Janeiro: Agir, 2007

PORTUGAL, Silvia (2005). **Quem tem amigos tem saúde: o papel das redes sociais no acesso aos cuidados de saúde**. Oficina do CES, 235. Disponível em: <HTTP://www.ces.uc.pt/publicações/oficina/235/235.php>. Acesso em 12.02.2008.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos: um estado de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

PROUST, Marcel. **O tempo recuperado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. v.7. Em busca do Tempo perdido.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, Marilena. O mapa da mina. **Jornal o Estado de São Paulo**. São Paulo, 29.10.2008. Caderno Empresa, p.11 e 12

RODRIGUES, Karine. Perspectivas da Velhice. **Jornal o Estado de São Paulo**. São Paulo, 03.12.2006. Caderno vida & p.2

SANT'ANNA, Anderson Souza. **PROFISSIONAIS MAIS COMPETENTES: Políticas e Práticas de gestão mais avançadas**. ERA-eletrônica. V.7, n1, art 1 Jan/Jun/2008. Disponível em <HTTP://www.rae.com.br/eletronica/index.cfm?>

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

<http://www.sebraesp.com.br/institucional/missao>. acesso em 12.01.2009

SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SILVA, Cleide. Montadoras chamam de volta aposentados. **Jornal O estado de São Paulo**. São Paulo, 01.09.07. Caderno de Economia, p.b18.

SOUSA, Liliana; GALANTE, Helena and FIGUEIREDO, Daniela. **Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa**. Revista Saúde Publica [on line]. V. 37, n.3, p 364-371, 2003.

STANO, Rita de Cássia Magalhães Trindade. **Ser-professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena**. Tese de Doutorado, SP: PUCSP, 2000.

VALE, Gláucia Vasconcelos; Wilkinson, John e Amâncio Robson: **EMPREENDEDORISMO, INOVAÇÃO E REDES: UMA NOVA ABORDAGEM:** *RAE-eletrônica*, v. 7, n. 1, Art. 7, jan./jun./2008.

Disponível em [HTTP://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?](http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?)

VÁRIOS COLABORADORES. **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: Sesc:PUC, 2006

VERAS, R.P. **País Jovem com Cabelos Brancos**: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ. 2005.

VIEIRA, Fernando. Noventões na Ativa. **Jornal do Comércio**. São Paulo, 27, 28 e 29.10.06. Caderno Cidades p.1.

WATTS, Alain W. **A sabedoria da incerteza**: uma mensagem para a era da ansiedade. Toronto: Vintage Book, 1951. p. 29-38.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

Pseudônimo.....Data:.....

Tel:.....

E-mail.....

A. Dados Demográficos/Socioeconômicos

Data

Nome

Idade

Sexo

Estado Civil

Tem filhos, netos?

Local de Nascimento

Bairro onde mora, com quem mora, opção de morar sozinho?

Imóvel próprio, alugado, cedido

Escolaridade

Profissão

Ocupação

Renda

B. Dados referentes ao trabalho

Com que idade começou a trabalhar?

E aposentado? Por tempo de trabalho?

Qual o motivo para continuar trabalhando? Qual a jornada semanal? Gostaria de está em outra atividade?

Trabalha na mesma atividade que antes de aposentar?

Utiliza a experiência do trabalho anterior?

Gosta de trabalhar com pessoas da sua idade ou mais jovens?

Realiza algum trabalho voluntário? Qual a jornada semanal?

Sente-se mais realizado no atual trabalho?

Pretende trabalhar até quando?

Fale um pouco sobre o dia a dia do seu trabalho

Qual o significado do trabalho em sua vida?

Sente-se realizado com o que faz? Há outra atividade que o realizaria mais?

Gostaria de realizar algum projeto que ficou pendente ao longo da vida?

Sente alguma limitação de caráter físico ou mental para realizar as suas funções no trabalho?

C. Dados relativos à saúde

Como você avalia a sua saúde após os 60 anos?

Procura o médico regularmente, faz check ups?

Faz uso de remédios? Faz uso de alimentação especial?

Sente limitações para exercer suas atividades? Se sim, quais?

D. Dados relativos a práticas de atividades físicas/hobies/outros

Pratica atividades físicas, quais, com que frequência?

Frequenta cinemas, teatros, museus, outros, com que frequência?

Considera-se vaidoso(a)? Que hábitos pratica em relação à aparência?

O que mais gosta de fazer no tempo livre?

Pratica leituras? Qual a leitura que mais gosta?

E. Dados sobre relacionamentos sociais

Como é o relacionamento/convivência com a família? Especifique os níveis de parentesco com quem você se relaciona (cônjuge, filhos, netos, irmãos, se houver)

As suas atuais amizades são recentes ou antigas amizades?

Construiu amizades recentemente? Onde?

Gosta de morar em São Paulo ou preferia mudar? Por quê?

No convívio com a família você sente o mesmo prestígio de antes? Sente prazer em conviver com a família?

Prefere relacionar-se com pessoas da mesma idade ou mais jovens?

Sente-se bem aceito pelo público jovem? E pelas pessoas da sua idade?

Se solteiro, viúvo, divorciado, separado, gostaria de casar novamente ?

Você sente solidão? Em que situações se sente sozinho (a) O que faz para lidar com a solidão?

F. Dados sobre cidadania/Religião

Participa de alguma associação de bairro, agremiação política, sindical?

Freqüenta algum curso, grupo de estudo ou pesquisa?

Pratica alguma religião? Praticou no passado? Ela tem importância? Mudou de religião?

Se sim, por quê?

G. Dados sobre o período após 60 anos de idade

O que é velhice para você?

Como é a experiência de ter mais de 60 anos de idade?

Você se considera velho?

O que é uma pessoa velha?

Quais as necessidades do idoso e como satisfazê-las?

O que acha que é fundamental para uma pessoa que tem mais de 60 anos?

Gostaria de viver até que idade?

Se pudesse recomeçar, mudaria alguma coisa? O que mais gosta em sua vida?

Como avalia as diferentes etapas de sua vida? Existe uma etapa que você considera melhor?

Atualmente a sua vida está melhor? Em que aspecto?

O que mais gosta de fazer na atual idade?

O que acha que é bem-estar em sua vida?

O que é felicidade ou que o faz feliz? Fale sobre o amor?

Qual a atividade que lhe traz maior bem-estar, prazer, satisfação?

Como você vê a morte? Em algum momento você a desejou?

O que você acha do atendimento especial ao idoso?

Na hipótese de doença, invalidez na velhice como gostaria de ser cuidado?

O que você achou deste questionário?

O que você acha que poderia ser acrescentado neste questionário?

ANEXO B – ESTATUTO DO IDOSO

SENADO FEDERAL COMISSÃO DIRETORA PARECER Nº 1301, DE 2003

Redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem).

A **Comissão Diretora** apresenta a redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem), que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, consolidando as emendas de redação aprovadas pelo Plenário.

Sala de Reuniões da Comissão, em 23 de setembro de 2003.

ANEXO AO PARECER Nº 1.301, DE 2003.

Redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 57, de 2003 (nº 3.561, de 1997, na Casa de origem). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

TÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações;

V – priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

VI – capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;

VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;

VIII – garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais.

Art. 4º Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

§ 1º É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.

§ 2º As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção outras decorrentes dos princípios por ela adotados.

Art. 5º A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade à pessoa física ou jurídica nos termos da lei.

Art. 6º Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

Art. 7º Os Conselhos Nacional, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais do Idoso, previstos na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso, definidos nesta Lei.

TÍTULO II

DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I - DO DIREITO À VIDA

Art. 8º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente.

Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

CAPÍTULO II - DO DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

CAPÍTULO III

DOS ALIMENTOS

Art. 11. Os alimentos serão prestados ao idoso na forma da lei civil.

Art. 12. A obrigação alimentar é solidária, podendo o idoso optar entre os prestadores.

Art. 13. As transações relativas a alimentos poderão ser celebradas perante o Promotor de Justiça, que as referendará, e passarão a ter efeito de título executivo extrajudicial nos termos da lei processual civil.

Art. 14. Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social.

CAPÍTULO IV - DO DIREITO À SAÚDE

Art. 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.

§ 1º A prevenção e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de:

I – cadastramento da população idosa em base territorial;

II – atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatórios;

III – unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social;

IV – atendimento domiciliar, incluindo a internação, para a população que dele necessitar e esteja impossibilitada de se locomover, inclusive para idosos abrigados e acolhidos por instituições públicas, filantrópicas ou sem fins lucrativos e eventualmente conveniadas com o Poder Público, nos meios urbano e rural;

V – reabilitação orientada pela geriatria e gerontologia, para redução das seqüelas decorrentes do agravo da saúde.

§ 2º Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.

§ 3º É vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade.

§ 4º Os idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante terão atendimento especializado, nos termos da lei.

Art. 16. Ao idoso internado ou em observação é assegurado o direito a acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar as condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo o critério médico.

Parágrafo único. Caberá ao profissional de saúde responsável pelo tratamento conceder autorização para o acompanhamento do idoso ou, no caso de impossibilidade, justificá-la por escrito.

Art. 17. Ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável.

Parágrafo único. Não estando o idoso em condições de proceder à opção, esta será feita:

I – pelo curador, quando o idoso for interditado;

II – pelos familiares, quando o idoso não tiver curador ou este não puder ser contactado em tempo hábil;

III – pelo médico, quando ocorrer iminente risco de vida e não houver tempo hábil para consulta a curador ou familiar;

IV - pelo próprio médico, quando não houver curador ou familiar conhecido, caso em que deverá comunicar o fato ao Ministério Público.

Art. 18. As instituições de saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo o treinamento e a capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores familiares e grupos de auto-ajuda.

Art. 19. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idoso serão obrigatoriamente comunicados pelos profissionais de saúde a quaisquer dos seguintes órgãos:

I – autoridade policial;

II – Ministério Público;

III – Conselho Municipal do Idoso;

IV – Conselho Estadual do Idoso;

V – Conselho Nacional do Idoso.

CAPÍTULO V - DA EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Art. 24. Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

Art. 25. O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual.

CAPÍTULO VI - DA PROFISSIONALIZAÇÃO E DO TRABALHO

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

- I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;
- II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;
- III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

CAPÍTULO VII - DA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Art. 29. Os benefícios de aposentadoria e pensão do Regime Geral da Previdência Social observarão, na sua concessão, critérios de cálculo que preservem o valor real dos salários sobre os quais incidiram contribuição, nos termos da legislação vigente.

Parágrafo único. Os valores dos benefícios em manutenção serão reajustados na mesma data de reajuste do salário-mínimo, pro rata, de acordo com suas respectivas datas de

início ou do seu último reajustamento, com base em percentual definido em regulamento, observados os critérios estabelecidos pela Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991.

Art. 30. A perda da condição de segurado não será considerada para a concessão da aposentadoria por idade, desde que a pessoa conte com, no mínimo, o tempo de contribuição correspondente ao exigido para efeito de carência na data de requerimento do benefício.

Parágrafo único. O cálculo do valor do benefício previsto no caput observará o disposto no caput e § 2º do art. 3º da Lei nº 9.876, de 26 de novembro de 1999, ou, não havendo salários-de-contribuição recolhidos a partir da competência de julho de 1994, o disposto no art. 35 da Lei nº 8.213, de 1991.

Art. 31. O pagamento de parcelas relativas a benefícios, efetuado com atraso por responsabilidade da Previdência Social, será atualizado pelo mesmo índice utilizado para os reajustamentos dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, verificado no período compreendido entre o mês que deveria ter sido pago e o mês do efetivo pagamento.

Art. 32. O Dia Mundial do Trabalho, 1º de Maio, é a data-base dos aposentados e pensionistas.

CAPÍTULO VIII - DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Art. 33. A assistência social aos idosos será prestada, de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes.

Art. 34. Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.

Parágrafo único. O benefício já concedido a qualquer membro da família nos termos do caput não será computado para os fins do cálculo da renda familiar per capita a que se refere a Loas.

Art. 35. Todas as entidades de longa permanência, ou casa-lar, são obrigadas a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada. § 1º No caso de entidades filantrópicas, ou casa-lar, é facultada a cobrança de participação do idoso no custeio da entidade.

§ 2º O Conselho Municipal do Idoso ou o Conselho Municipal da Assistência Social estabelecerá a forma de participação prevista no § 1º, que não poderá exceder a 70% (setenta por cento) de qualquer benefício previdenciário ou de assistência social percebido pelo idoso.

§ 3º Se a pessoa idosa for incapaz, caberá a seu representante legal firmar o contrato a que se refere o caput deste artigo.

Art. 36. O acolhimento de idosos em situação de risco social, por adulto ou núcleo familiar, caracteriza a dependência econômica, para os efeitos legais.

CAPÍTULO IX - DA HABITAÇÃO

Art. 37. O idoso tem direito a moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada.

§ 1º A assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência será prestada quando verificada inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família.

§ 2º Toda instituição dedicada ao atendimento ao idoso fica obrigada a manter identificação externa visível, sob pena de interdição, além de atender toda a legislação pertinente.

§ 3º As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei.

Art. 38. Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, o idoso goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observado o seguinte:

I – reserva de 3% (três por cento) das unidades residenciais para atendimento aos idosos;

II – implantação de equipamentos urbanos comunitários voltados ao idoso;

III – eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, para garantia de acessibilidade ao idoso;

IV – critérios de financiamento compatíveis com os rendimentos de aposentadoria e pensão.

CAPÍTULO X - DO TRANSPORTE

Art. 39. Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.

§ 1º Para ter acesso à gratuidade, basta que o idoso apresente qualquer documento pessoal que faça prova de sua idade.

§ 2º Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de reservado preferencialmente para idosos.

§ 3º No caso das pessoas compreendidas na faixa etária entre 60 (sessenta) e 65 (sessenta e cinco) anos, ficará a critério da legislação local dispor sobre as condições para exercício da gratuidade nos meios de transporte previstos no caput deste artigo.

Art. 40. No sistema de transporte coletivo interestadual observar-se-á, nos termos da legislação específica:

I – a reserva de 2 (duas) vagas gratuitas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos;

II – desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os idosos que excederem as vagas gratuitas, com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos.

Parágrafo único. Caberá aos órgãos competentes definir os mecanismos e os critérios para o exercício dos direitos previstos nos incisos I e II.

Art. 41. É assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.

Art. 42. É assegurada a prioridade do idoso no embarque no sistema de transporte coletivo.

TÍTULO III - DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO

CAPÍTULO I - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 43. As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

- I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II – por falta, omissão ou abuso da família, curador ou entidade de atendimento;
- III – em razão de sua condição pessoal.

CAPÍTULO II - DAS MEDIDAS ESPECÍFICAS DE PROTEÇÃO

Art. 44. As medidas de proteção ao idoso previstas nesta Lei poderão ser aplicadas, isolada ou cumulativamente, e levarão em conta os fins sociais a que se destinam e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Art. 45. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário, a requerimento daquele, poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

- I – encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade;
- II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar;
- IV – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação;
- V – abrigo em entidade;
- VI – abrigo temporário.

TÍTULO IV

DA POLÍTICA DE ATENDIMENTO AO IDOSO

CAPÍTULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 46. A política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 47. São linhas de ação da política de atendimento:

- I – políticas sociais básicas, previstas na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994;

II – políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que necessitarem;

III – serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;

IV – serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência;

V – proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos dos idosos;

VI – mobilização da opinião pública no sentido da participação dos diversos segmentos da sociedade no atendimento do idoso.

CAPÍTULO II

DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO AO IDOSO

Art. 48. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, observadas as normas de planejamento e execução emanadas do órgão competente da Política Nacional do Idoso, conforme a Lei nº 8.842, de 1994.

Parágrafo único. As entidades governamentais e não governamentais de assistência ao idoso ficam sujeitas à inscrição de seus programas, junto ao órgão competente da Vigilância Sanitária e Conselho Municipal da Pessoa Idosa, e em sua falta, junto ao Conselho Estadual ou Nacional da Pessoa Idosa, especificando os regimes de atendimento, observados os seguintes requisitos:

I – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança;

II – apresentar objetivos estatutários e plano de trabalho compatíveis com os princípios desta Lei;

III – estar regularmente constituída;

IV – demonstrar a idoneidade de seus dirigentes.

Art. 49. As entidades que desenvolvam programas de institucionalização de longa permanência adotarão os seguintes princípios:

I – preservação dos vínculos familiares;

II – atendimento personalizado e em pequenos grupos;

III – manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;

IV – participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;

V – observância dos direitos e garantias dos idosos;

VI – preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

Parágrafo único. O dirigente de instituição prestadora de atendimento ao idoso responderá civil e criminalmente pelos atos que praticar em detrimento do idoso, sem prejuízo das sanções administrativas.

Art. 50. Constituem obrigações das entidades de atendimento:

I – celebrar contrato escrito de prestação de serviço com o idoso, especificando o tipo de atendimento, as obrigações da entidade e prestações decorrentes do contrato, com os respectivos preços, se for o caso;

II – observar os direitos e as garantias de que são titulares os idosos;

III – fornecer vestuário adequado, se for pública, e alimentação suficiente;

IV – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade;

V – oferecer atendimento personalizado;

VI – diligenciar no sentido da preservação dos vínculos familiares;

VII – oferecer acomodações apropriadas para recebimento de visitas;

VIII – proporcionar cuidados à saúde, conforme a necessidade do idoso;

IX – promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer;

X – propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças;

XI – proceder a estudo social e pessoal de cada caso;

XII – comunicar à autoridade competente de saúde toda ocorrência de idoso portador de doenças infecto-contagiosas;

XIII – providenciar ou solicitar que o Ministério Público requirite os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem, na forma da lei;

XIV – fornecer comprovante de depósito dos bens móveis que receberem dos idosos;

XV – manter arquivo de anotações onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do idoso, responsável, parentes, endereços, cidade, relação de seus pertences, bem como o valor de contribuições, e suas alterações, se houver, e demais dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento;

XVI – comunicar ao Ministério Público, para as providências cabíveis, a situação de abandono moral ou material por parte dos familiares;

XVII – manter no quadro de pessoal profissionais com formação específica.

Art. 51. As instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos prestadoras de serviço ao idoso terão direito à assistência judiciária gratuita.

CAPÍTULO III

DA FISCALIZAÇÃO DAS ENTIDADES DE ATENDIMENTO

Art. 52. As entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso serão fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e outros previstos em lei.

Art. 53. O art. 7º da Lei nº 8.842, de 1994, passa a vigorar com a seguinte redação: “Art. 7º Compete aos Conselhos de que trata o art. 6º desta Lei a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas.”(NR)

Art. 54. Será dada publicidade das prestações de contas dos recursos públicos e privados recebidos pelas entidades de atendimento.

Art. 55. As entidades de atendimento que descumprirem as determinações desta Lei ficarão sujeitas, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos, às seguintes penalidades, observado o devido processo legal:

I – as entidades governamentais:

- a) advertência;
- b) afastamento provisório de seus dirigentes;
- c) afastamento definitivo de seus dirigentes;
- d) fechamento de unidade ou interdição de programa;

II – as entidades não-governamentais:

- a) advertência;
- b) multa;
- c) suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas;
- d) interdição de unidade ou suspensão de programa;
- e) proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público.

§ 1º Havendo danos aos idosos abrigados ou qualquer tipo de fraude em relação ao programa, caberá o afastamento provisório dos dirigentes ou a interdição da unidade e a suspensão do programa.

§ 2º A suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas ocorrerá quando verificada a má aplicação ou desvio de finalidade dos recursos.

§ 3º Na ocorrência de infração por entidade de atendimento, que coloque em risco os direitos assegurados nesta Lei, será o fato comunicado ao Ministério Público, para as providências cabíveis, inclusive para promover a suspensão das atividades ou

dissolução da entidade, com a proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público, sem prejuízo das providências a serem tomadas pela Vigilância Sanitária.

§ 4º Na aplicação das penalidades, serão consideradas a natureza e a gravidade da infração cometida, os danos que dela provierem para o idoso, as circunstâncias agravantes ou atenuantes e os antecedentes da entidade.

CAPITULO IV

DAS INFRAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Art. 56. Deixar a entidade de atendimento de cumprir as determinações do art. 50 desta Lei: Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), se o fato não for caracterizado como crime, podendo haver a interdição do estabelecimento até que sejam cumpridas as exigências legais.

Parágrafo único. No caso de interdição do estabelecimento de longa permanência, os idosos abrigados serão transferidos para outra instituição, a expensas do estabelecimento interditado, enquanto durar a interdição.

Art. 57. Deixar o profissional de saúde ou o responsável por estabelecimento de saúde ou instituição de longa permanência de comunicar à autoridade competente os casos de crimes contra idoso de que tiver conhecimento:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), aplicada em dobro no caso de reincidência.

Art. 58. Deixar de cumprir as determinações desta Lei sobre a prioridade no atendimento ao idoso:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 1.000,00 (um mil reais) e multa civil a ser estipulada pelo juiz, conforme o dano sofrido pelo idoso.

CAPÍTULO V

DA APURAÇÃO ADMINISTRATIVA DE INFRAÇÃO ÀS NORMAS DE PROTEÇÃO AO IDOSO

Art. 59. Os valores monetários expressos no Capítulo IV serão atualizados anualmente, na forma da lei.

Art. 60. O procedimento para a imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção ao idoso terá início com requisição do Ministério Público ou auto de infração elaborado por servidor efetivo e assinado, se possível, por duas testemunhas.

§ 1º No procedimento iniciado com o auto de infração poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2º Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, ou este será lavrado dentro de 24 (vinte e quatro) horas, por motivo justificado.

Art. 61. O autuado terá prazo de 10 (dez) dias para a apresentação da defesa, contado da data da intimação, que será feita:

I – pelo autuante, no instrumento de autuação, quando for lavrado na presença do infrator;

II – por via postal, com aviso de recebimento.

Art. 62. Havendo risco para a vida ou à saúde do idoso, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

Art. 63. Nos casos em que não houver risco para a vida ou a saúde da pessoa idosa abrigada, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

CAPÍTULO VI

DA APURAÇÃO JUDICIAL DE IRREGULARIDADES EM ENTIDADE DE ATENDIMENTO

Art. 64. Aplicam-se, subsidiariamente, ao procedimento administrativo de que trata este Capítulo as disposições das Leis nºs 6.437, de 20 de agosto de 1977, e 9.784, de 29 de janeiro de 1999.

Art. 65. O procedimento de apuração de irregularidade em entidade governamental e não-governamental de atendimento ao idoso terá início mediante petição fundamentada de pessoa interessada ou iniciativa do Ministério Público.

Art. 66. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade ou outras medidas que julgar adequadas, para evitar lesão aos direitos do idoso, mediante decisão fundamentada.

Art. 67. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de 10 (dez) dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir.

Art. 68. Apresentada a defesa, o juiz procederá na conformidade do art. 69 ou, se necessário, designará audiência de instrução e julgamento, deliberando sobre a necessidade de produção de outras provas.

§ 1º Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão 5 (cinco) dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental, a autoridade judiciária oficiará a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, fixando-lhe prazo de 24 (vinte e quatro) horas para proceder à substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento do mérito.

§ 4º A multa e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou ao responsável pelo programa de atendimento.

TÍTULO V - DO ACESSO À JUSTIÇA

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 69. Aplica-se, subsidiariamente, às disposições deste Capítulo, o procedimento sumário previsto no Código de Processo Civil, naquilo que não contrarie os prazos previstos nesta Lei.

Art. 70. O Poder Público poderá criar varas especializadas e exclusivas do idoso.

Art. 71. É assegurada prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais em que figure como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em qualquer instância.

§ 1º O interessado na obtenção da prioridade a que alude este artigo, fazendo prova de sua idade, requererá o benefício à autoridade judiciária competente para decidir o feito, que determinará as providências a serem cumpridas, anotando-se essa circunstância em local visível nos autos do processo.

§ 2º A prioridade não cessará com a morte do beneficiado, estendendo-se em favor do cônjuge supérstite, companheiro ou companheira, com união estável, maior de 60 (sessenta) anos.

§ 3º A prioridade se estende aos processos e procedimentos na Administração Pública, empresas prestadoras de serviços públicos e instituições financeiras, ao atendimento preferencial junto à Defensoria Pública da União, dos Estados e do Distrito Federal em relação aos Serviços de Assistência Judiciária.

§ 4º Para o atendimento prioritário será garantido ao idoso o fácil acesso aos assentos e caixas, identificados com a destinação a idosos em local visível e caracteres legíveis.

CAPÍTULO II

DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Art. 72. O inciso II do art. 275 da Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973, Código de Processo Civil, passa a vigorar acrescido da seguinte alínea h:

“Art. 275 h) em que for parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.”(NR)

Art. 73. As funções do Ministério Público, previstas nesta Lei, serão exercidas nos termos da respectiva Lei Orgânica.

Art. 74. Compete ao Ministério Público:

I – instaurar o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos direitos e interesses difusos ou coletivos, individuais indisponíveis e individuais homogêneos do idoso;

II – promover e acompanhar as ações de alimentos, de interdição total ou parcial, de designação de curador especial, em circunstâncias que justifiquem a medida e oficiar em todos os feitos em que se discutam os direitos de idosos em condições de risco;

III – atuar como substituto processual do idoso em situação de risco, conforme o disposto no art. 43 desta Lei;

IV – promover a revogação de instrumento procuratório do idoso, nas hipóteses previstas no art. 43 desta Lei, quando necessário ou o interesse público justificar;

V – instaurar procedimento administrativo e, para instruí-lo:

a) expedir notificações, colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não comparecimento injustificado da pessoa notificada, requisitar condução coercitiva, inclusive pela Polícia Civil ou Militar;

b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta e indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias;

c) requisitar informações e documentos particulares de instituições privadas;

VI – instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e a instauração de inquérito policial, para a apuração de ilícitos ou infrações às normas de proteção ao idoso;

VII – zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados ao idoso, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

VIII – inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei, adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias à remoção de irregularidades porventura verificadas;

IX – requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços de saúde, educacionais e de assistência social, públicos, para o desempenho de suas atribuições;

X – referendar transações envolvendo interesses e direitos dos idosos previstos nesta Lei.

§ 1º A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuser a lei.

§ 2º As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade e atribuições do Ministério Público.

§ 3º O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a toda entidade de atendimento ao idoso.

Art. 75. Nos processos e procedimentos em que não for parte, atuará obrigatoriamente o Ministério Público na defesa dos direitos e interesses de que cuida esta Lei, hipóteses em que terá vista dos autos depois das partes, podendo juntar documentos, requerer diligências e produção de outras provas, usando os recursos cabíveis.

Art. 76. A intimação do Ministério Público, em qualquer caso, será feita pessoalmente.

Art. 77. A falta de intervenção do Ministério Público acarreta a nulidade do feito, que será declarada de ofício pelo juiz ou a requerimento de qualquer interessado.

CAPÍTULO III

DA PROTEÇÃO JUDICIAL DOS INTERESSES DIFUSOS, COLETIVOS E INDIVIDUAIS INDISPONÍVEIS OU HOMOGÊNEOS

Art. 78. As manifestações processuais do representante do Ministério Público deverão ser fundamentadas.

Art. 79. Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados ao idoso, referentes à omissão ou ao oferecimento insatisfatório de:

I – acesso às ações e serviços de saúde;

II – atendimento especializado ao idoso portador de deficiência ou com limitação incapacitante;

III – atendimento especializado ao idoso portador de doença infecto-contagiosa;

IV – serviço de assistência social visando ao amparo do idoso.

Parágrafo único. As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, próprios do idoso, protegidos em lei.

Art. 80. As ações previstas neste Capítulo serão propostas no foro do domicílio do idoso, cujo juízo terá competência absoluta para processar a causa, ressalvadas as competências da Justiça Federal e a competência originária dos Tribunais Superiores.

Art. 81. Para as ações cíveis fundadas em interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, consideram-se legitimados, concorrentemente:

I – o Ministério Público;

II – a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

III – a Ordem dos Advogados do Brasil;

IV – as associações legalmente constituídas há pelo menos 1 (um) ano e que incluam entre os fins institucionais a defesa dos interesses e direitos da pessoa idosa, dispensada a autorização da assembléia, se houver prévia autorização estatutária.

§ 1º Admitir-se-á litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos da União e dos Estados na defesa dos interesses e direitos de que cuida esta Lei.

§ 2º Em caso de desistência ou abandono da ação por associação legitimada, o Ministério Público ou outro legitimado deverá assumir a titularidade ativa.

Art. 82. Para defesa dos interesses e direitos protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ação pertinentes.

Parágrafo único. Contra atos ilegais ou abusivos de autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições de Poder Público, que lesem direito líquido e certo previsto nesta Lei, caberá ação mandamental, que se regerá pelas normas da lei do mandado de segurança.

Art. 83. Na ação que tenha por objeto o cumprimento de obrigação de fazer ou não-fazer, o juiz concederá a tutela específica da obrigação ou determinará providências que assegurem o resultado prático equivalente ao adimplemento.

§ 1º Sendo relevante o fundamento da demanda e havendo justificado receio de ineficácia do provimento final, é lícito ao juiz conceder a tutela liminarmente ou após justificação prévia, na forma do art. 273 do Código de Processo Civil.

§ 2º O juiz poderá, na hipótese do § 1º ou na sentença, impor multa diária ao réu, independentemente do pedido do autor, se for suficiente ou compatível com a obrigação, fixando prazo razoável para o cumprimento do preceito.

§ 3º A multa só será exigível do réu após o trânsito em julgado da sentença favorável ao autor, mas será devida desde o dia em que se houver configurado.

Art. 84. Os valores das multas previstas nesta Lei reverterão ao Fundo do Idoso, onde houver, ou na falta deste, ao Fundo Municipal de Assistência Social, ficando vinculados ao atendimento ao idoso.

Parágrafo único. As multas não recolhidas até 30 (trinta) dias após o trânsito em julgado da decisão serão exigidas por meio de execução promovida pelo Ministério Público, nos mesmos autos, facultada igual iniciativa aos demais legitimados em caso de inércia daquele.

Art. 85. O juiz poderá conferir efeito suspensivo aos recursos, para evitar dano irreparável à parte.

Art. 86. Transitada em julgado a sentença que impuser condenação ao Poder Público, o juiz determinará a remessa de peças à autoridade competente, para apuração da responsabilidade civil e administrativa do agente a que se atribua a ação ou omissão.

Art. 87. Decorridos 60 (sessenta) dias do trânsito em julgado da sentença condenatória favorável ao idoso sem que o autor lhe promova a execução, deverá fazê-lo o Ministério Público, facultada, igual iniciativa aos demais legitimados, como assistentes ou assumindo o pólo ativo, em caso de inércia desse órgão.

Art. 88. Nas ações de que trata este Capítulo, não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas.

Parágrafo único. Não se imporá sucumbência ao Ministério Público.

Art. 89. Qualquer pessoa poderá, e o servidor deverá, provocar a iniciativa do Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os fatos que constituam objeto de ação civil e indicando-lhe os elementos de convicção.

Art. 90. Os agentes públicos em geral, os juízes e tribunais, no exercício de suas funções, quando tiverem conhecimento de fatos que possam configurar crime de ação pública contra idoso ou ensejar a propositura de ação para sua defesa, devem encaminhar as peças pertinentes ao Ministério Público, para as providências cabíveis.

Art. 91. Para instruir a petição inicial, o interessado poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que serão fornecidas no prazo de 10 (dez) dias.

Art. 92. O Ministério Público poderá instaurar sob sua presidência, inquérito civil, ou requisitar, de qualquer pessoa, organismo público ou particular, certidões, informações,

exames ou perícias, no prazo que assinalar, o qual não poderá ser inferior a 10 (dez) dias.

§ 1º Se o órgão do Ministério Público, esgotadas todas as diligências, se convencer da inexistência de fundamento para a propositura da ação civil ou de peças informativas, determinará o seu arquivamento, fazendo-o fundamentadamente.

§ 2º Os autos do inquérito civil ou as peças de informação arquivados serão remetidos, sob pena de se incorrer em falta grave, no prazo de (três) dias, ao Conselho Superior do Ministério Público ou à Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público.

§ 3º Até que seja homologado ou rejeitado o arquivamento, pelo Conselho Superior do Ministério Público ou por Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público, as associações legitimadas poderão apresentar razões escritas ou documentos, que serão juntados ou anexados às peças de informação.

§ 4º Deixando o Conselho Superior ou a Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público de homologar a promoção de arquivamento, será designado outro membro do Ministério Público para o ajuizamento da ação.

TÍTULO VI - DOS CRIMES

CAPÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 93. Aplicam-se subsidiariamente, no que couber, as disposições da Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985.

Art. 94. Aos crimes previstos nesta Lei, cuja pena máxima privativa de liberdade não ultrapasse 4 (quatro) anos, aplica-se o procedimento previsto na Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, e, subsidiariamente, no que couber, as disposições do Código Penal e do Código de Processo Penal.

CAPÍTULO II

DOS CRIMES EM ESPÉCIE

Art. 95. Os crimes definidos nesta Lei são de ação penal pública incondicionada, não se lhes aplicando os arts. 181 e 182 do Código Penal.

Art. 96. Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade:

Pena – Reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo.

§ 2º A pena será aumentada de 1/3 (um terço) se a vítima se encontrar sob os cuidados ou responsabilidade do agente.

Art. 97. Deixar de prestar assistência ao idoso, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, em situação de iminente perigo, ou recusar, retardar ou 24 dificultar sua assistência à saúde, sem justa causa, ou não pedir, nesses casos, o socorro de autoridade pública:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Parágrafo único. A pena é aumentada de metade, se da omissão resulta lesão corporal de natureza grave, e triplicada, se resulta a morte.

Art. 98. Abandonar o idoso em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas, quando obrigado por lei ou mandado:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 3 (três) anos e multa.

Art. 99. Expor a perigo a integridade e a saúde, física ou psíquica, do idoso, submetendo-o a condições desumanas ou degradantes ou privando-o de alimentos e cuidados indispensáveis, quando obrigado a fazê-lo, ou sujeitando-o a trabalho excessivo ou inadequado:

Pena – detenção de 2 (dois) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 2º Se resulta a morte:

Pena – reclusão de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

Art. 100. Constitui crime punível com reclusão de (seis) meses a 1 (um) ano e multa:

I – obstar o acesso de alguém a qualquer cargo público por motivo de idade;

II – negar a alguém, por motivo de idade, emprego ou trabalho;

III – recusar, retardar ou dificultar atendimento ou deixar de prestar assistência à saúde, sem justa causa, a pessoa idosa;

IV – deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida na ação civil a que alude esta Lei;

V – recusar, retardar ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil objeto desta Lei, quando requisitados pelo Ministério Público.

Art. 101. Deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida nas ações em que for parte ou interveniente o idoso:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 102. Apropriar-se de ou desviar bens, proventos, pensão ou qualquer outro rendimento do idoso, dando-lhes aplicação diversa da de sua finalidade:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos e multa.

Art. 103. Negar o acolhimento ou a permanência do idoso, como abrigado, por recusa deste em outorgar procuração à entidade de atendimento:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 104. Reter o cartão magnético de conta bancária relativa a benefícios, proventos ou pensão do idoso, bem como qualquer outro documento com objetivo de assegurar recebimento ou ressarcimento de dívida:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos e multa.

Art. 105. Exibir ou veicular, por qualquer meio de comunicação, informações ou imagens depreciativas ou injuriosas à pessoa do idoso:

Pena – detenção de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.

Art. 106. Induzir pessoa idosa sem discernimento de seus atos a outorgar procuração para fins de administração de bens ou deles dispor livremente:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Art. 107. Coagir, de qualquer modo, o idoso a doar, contratar, testar ou outorgar procuração:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Art. 108. Lavrar ato notarial que envolva pessoa idosa sem discernimento de seus atos, sem a devida representação legal:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

TÍTULO VII

DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 109. Impedir ou embaraçar ato do representante do Ministério Público ou de qualquer outro agente fiscalizador:

Pena – reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 110. O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 61.

.....

II -

.....

h) contra criança, maior de 60 (sessenta) anos, enfermo
ou mulher grávida;

.....” (NR)

“Art. 121.

.....

§ 4º No homicídio culposo, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as consequências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena é aumentada de 1/3 (um terço) se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (quatorze) ou maior de 60 (sessenta) anos.

” (NR) “Art. 133.

§ 3º

III – se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos.”(NR)

“Art. 140.

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

.....” (NR)

“Art. 141.

IV – contra pessoa maior de 60 (sessenta) anos ou portadora de deficiência, exceto no caso de injúria.

.....” (NR)

“Art. 148.

1º

I – se a vítima é ascendente, descendente, cônjuge do agente ou maior de 60 (sessenta) anos.

.....” (NR)

“Art. 159.

§ 1º Se o seqüestro dura mais de 24 (vinte e quatro) horas, se o seqüestrado é menor de 18 (dezoito) ou maior de 60 (sessenta) anos, ou se o crime é cometido por bando ou quadrilha.

.....” (NR)

“Art. 183.....

III – se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.”(NR)

“Art. 244. Deixar, sem justa causa, de prover a subsistência do cônjuge, ou de filho menor de 18 (dezoito) anos ou inapto para o trabalho, ou de ascendente inválido ou maior de 60 (sessenta) anos, não lhes proporcionando os recursos necessários ou faltando ao pagamento de pensão alimentícia judicialmente acordada, fixada ou majorada; deixar, sem justa causa, de socorrer descendente ou ascendente, gravemente enfermo:

.....” (NR)

Art. 111. O art. 21 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941,

Lei das Contravenções Penais, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

“Art. 21.

Parágrafo único. Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) até a metade se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos.”(NR)

Art. 112. O inciso II do § 4º do art. 1º da Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º

§ 4º

II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;

.....” (NR)

Art. 113. O inciso III do art. 18 da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 18.

III – se qualquer deles decorrer de associação ou visar a menores de 21 (vinte e um) anos ou a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos ou a quem tenha, por qualquer causa, diminuída ou suprimida a capacidade de discernimento ou de autodeterminação:

.....” (NR)

Art. 114. O art. 1º da Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º As pessoas portadoras de deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes e as pessoas acompanhadas por crianças de colo terão atendimento prioritário, nos termos desta Lei.”(NR)

Art. 115. O Orçamento da Seguridade Social destinará ao Fundo Nacional de Assistência Social, até que o Fundo Nacional do Idoso seja criado, os recursos necessários, em cada exercício financeiro, para aplicação em programas e ações relativos ao idoso.

Art. 116. Serão incluídos nos censos demográficos dados relativos à população idosa do País.

Art. 117. O Poder Executivo encaminhará ao Congresso Nacional projeto de lei revendo os critérios de concessão do Benefício de Prestação Continuada previsto na Lei Orgânica da Assistência Social, de forma a garantir que o acesso ao direito seja condizente com o estágio de desenvolvimento socioeconômico alcançado pelo País.

Art. 118. Esta Lei entra em vigor decorridos 90 (noventa) dias da sua publicação, ressalvado o disposto no caput do art. 36, que vigorará a partir de 1º de janeiro de 2004.